

SET

CINEMA & VÍDEO



EDITORA
AZUL

Ano 2
Nº 11
Cz\$ 1.100,00

*Atores convivem com
desenho animado na
superprodução dos
Estúdios Disney e de
Steven Spielberg*



UMA CILADA PARA ROGER RABBIT



ENTREVISTAS
EXCLUSIVAS
**ROMAN
POLANSKI**
E
**FRANCIS
COPPOLA**

GRÁTIS
FICHAS DE
CINE
E VÍDEO

VÍDEO
WALT DISNEY
CHEGA ÀS LOCADORAS



ILUSTRE.



SABE COMO SE PEDE FITAS ELETROMAGNÉTICAS DE COMPUTADOR EM ZURIQUE? SABE COMO SE PEDE DISQUETES DE ALTA PRECISÃO EM NOVA YORK? A RESPOSTA É A MESMA: VERBATIM. NO BRASIL, QUEM ENTENDE DE COMPUTADOR CONHECE. A VERBATIM É LÍDER MUNDIAL DE VENDAS EM DISCOS FLEXÍVEIS.

PRODUZIDO
NA ZONA FRANCA
DE MANAUS
COMÉRCIO AMAZONAS

DESCONHECIDA.



QUER DIZER: NÃO É COINCIDÊNCIA, É COMPETÊNCIA. ESTE COMPROMISSO DA VERBATIM COM A QUALIDADE CHEGOU AGORA ÀS FITAS DE VÍDEO. E CHEGOU CONFIANTE: UM ANO DE GARANTIA. AGORA CHEGA DE TEXTO E VÁ ÀS IMAGENS. TODO MUNDO QUE CONHECE GOSTA. A FAMA TEM SEU APREÇO.

Verbatim
SINÔNIMO DE PRECISÃO EM TODAS AS LÍNGUAS.



London Features

A NOIVA DO MORCEGO

Novidades no front *Batman*: a belíssima **Sean Young** (acima) vai ser Vicky Vale, a namorada do Bruce "Batman" Wayne, no novo filme de Tim Burton. Sean Young é aquela delícia que fez a replicante boazinha que namorava Harrison Ford em *Blade Runner*. A mesma moça bonita que virou a cabeça de Kevin Costner em *Sem Saída*. Digna de um super-herói.



Sipa-Press

DUPLA DA PESADA

Um dos inúmeros trabalhos agendados pelo impagável **Robin Williams** (*Bom Dia Vietnam*) já está definido. Ele será o protagonista de *Dead Poet's Society*, que o excelente **Peter Weir** (acima) (*A Testemunha*) vai dirigir.



London Features

TIRA ENTRE A RAPEIZE

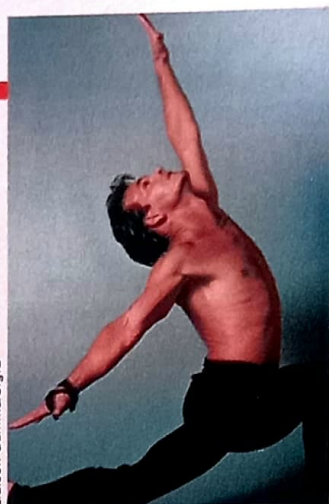
O garotão **Matthew Broderick** (*Jogos de Guerra*, *Metido em Encrenca*) será o astro principal de *Johnny Utah*. Ele encarnará um agente do FBI infiltrado num grupo de surfistas. Antes, tinham sido cogitados para o papel seus companheiros de geração Charlie Sheen e Robert Downey Jr. Agora está faltando diretor: **Ridley Scott**, inicialmente escalado, caiu fora do projeto há alguns meses.

BAIXINHO INVOCADO

O homem pode ser careca, baixinho e barrigudo — mas, se seu nome for **Danny De Vito** (abaixo), ele está com tudo. Depois de jogar a mamãe do trem e de se tornar irmão gêmeo de **Arnold Schwarzenegger** (em *Twins*, inédito no Brasil), De Vito prepara *War of the Roses*, que ele vai dirigir e interpretar.



Liaison-Gamma/Sigla



RITMO CALIENTE

Patrick Swayze (acima), o garotão que arrancou suspiros das espectadoras do cult-brega *Ritmo Quente*, volta a mexer as cadeiras na versão nova-iorquina de *Carmem*. O filme de **Blake Edwards** tomará como base a versão de **Carlos Saura** da ópera de Bizet.



Fox

CASAL FACEIRO

Steven Spielberg vai dirigir em 1989 *Always*, um remake de *A Guy Named Joe* (1943). Nos papéis centrais, os faceiros **Richard Dreyfuss** (*Tocaia*) e **Holly Hunter** (*Nos Bastidores da Notícia*) (acima). No original, os protagonistas eram **Spencer Tracy** e **Irene Dunne**.



Embralline

BRASIL: AGUARDE

José Frazão finaliza o policial *Dentro da Noite*, co-produção carioca-francesa com **Carlos Alberto Riccelli** como protagonista ► **Paulo José** é o astro convidado de *O Mentirosos* (à direita), do gaúcho **Werner Schunemann**, um drama urbano com **Angel Palomero** e **Lila Vieira** ► **Jorge**, um *Brasileiro*, de **Paulo Thiago**, com **Dean Stockwell** (*Veludo Azul*; *Paris, Texas*) e **Glória Pires**, deve estreiar em março ► **Cacá Diegues** finaliza *Dias Melhores Virão*, cujo grande elenco inclui **Marília Pera**, **Paulo José**, **Paulo César Pereiro**, **Zezé Motta** e **Patrício Bisso** ► Parece filme em família, mas não é: **Lui Faria** dirige *Lili Carabina*, com **Beth Faria** e **Reginaldo Farias** ► **Marieta Severo** e **Tônia Carrero** estrelam *Sonho de Menina Moça*, de **Tereza Trautmann** (não se sabe qual das duas fará o papel da sonhadora) ► **Italo Rossi**, **José Wilker**, **Vera Fischer** e **Paulo Betti** (acima) encabeçam *Eu Sem Juízo*, *Ela Doida Demais*, de **Sérgio Rezende** ► **Ney Santanna** segue os passos do pai (Nelson Pereira dos Santos) e prepara um filme com **Millionário** e **Zé Rico**: *Sonhei com Você* ► **Neville D'Almeida** vai dirigir um remake de *Matou a Família e Foi ao Cinema*, o clássico underground de **Julio Bressane** ► A produção de *Amor Vagabundo*, de **Hugo Carvana**, foi paralisaada por falta de dinheiro. Deve ser retomada em 1989.

London Features



Hamshire

ASSENTO COBIÇADO

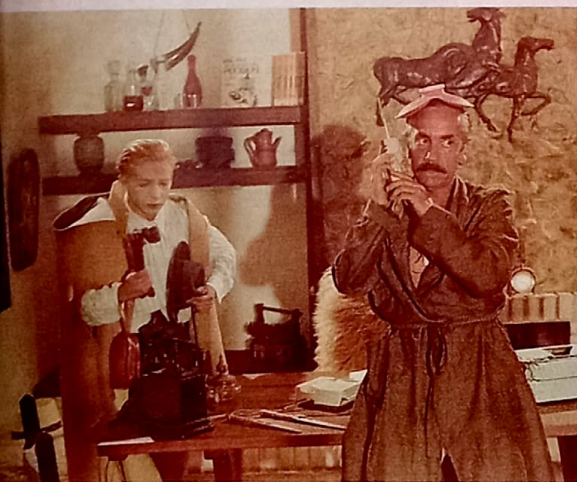
Paulina Porizkova (à direita), a modelo mais cara do mundo, será a estrela de *Her Alibi*, contracenando com o Magnum **Tom Selleck**. Ao entrar no set de filmagem, a maneca não se conteve: "Sempre sonhei com uma cadeira com meu nome escrito". Sentou-se.



Fox

AGUARDE

John Lone (acima) (*O Último Imperador*) estrelará *Juge Dee*, de **Paul Verhoeven** (*RoboCop*), a ser filmado no ano que vem ► **Menahem Golan** (*Comando Delta*) prepara uma adaptação da *Ópera dos Três Vinténs*, de **Bertolt Brecht**, com **Raul Julia** e **Julia Migenes** ► **Dan Aykroyd** e **Gene Hackman** (acima, à direita) estrelam *Von Metz Incident*, sob a direção de **René Dupont** ► **River Phoenix** (*Conta Comigo*, *Espíões sem Rosto*) junta-se a **Sean Connery** e **Harrison Ford** no elenco de *Indiana Jones and the Last Crusade*, que **Steven Spielberg** está finalizando ► **Terry Jones**, do alopado grupo britânico Monty Python, vai dirigir *Erik the Viking*.



Embrallime



Sipa Press



London Features

PALCO PAPAL

Está sendo lançado nos Estados Unidos um filme baseado numa peça teatral de um certo **Karol Wojtyla** (à esquerda), mais conhecido como **Papa João Paulo II**. O filme chama-se *The Jeweller's Shop* e tem como astros a eterna Julieta, **Olivia Hussey** (à esquerda), (quem ainda se lembra?) e **Andrea Occhipinti** (*A Família*). Pelos antecedentes do autor da história, pode-se garantir que não haverá cenas de sexo, nem de drogas. Muito menos de rock'n'roll.



Fotos Ari Lago



FLORADAS NA SELVA

Depois de passar três meses e meio filmando próximo à aldeia Yawalapti, no Parque Nacional do Xingu, **Ruy Guerra** (à esquerda), de 58 anos, está em Recife fazendo as últimas tomadas de seu *Quarup*, baseado no romance homônimo de **Antonio Callado**. Mas foi na selva amazônica e não no litoral pernambucano que Guerra demonstrou a pujança de sua superprodução de cinco milhões de dólares. O cineasta chegou ao requinte de importar uma câmera alemã BL-4, a primeira a entrar no Brasil, além de levar computadores para o Xingu e montar lá um pequeno laboratório, além de uma ilha de edição. As tomadas aéreas foram realizadas a partir de um balão especialmente equipado. Neste séquito amazônico de uma equipe de 120 profissionais, Guerra transporta sua filha Dandara, de seis anos — que passou na floresta acompanhada da mãe, **Claudia Ohana** (acima, à direita), a Vanda de *Quarup* —, a pintora Tomie Ohtake e um numeroso contingente de charutos de sua marca predileta: o Pimentel n.º 2. O elenco é tão respeitável quanto à tabacaria itinerante do diretor moçambicano: **Lucélia Santos** (acima, à esquerda) é uma psiquiatra de esquerda, Lídia; **Cláudia Raia** é Sônia, uma cabeça-de-vento que foge pelada com um índio dentro de uma canoa; **Cláudio Mamberti** é o ex-namorado de Sônia, que decide procurá-la no meio de cipós, orquídeas e troncos equatoriais. Se tudo correr conforme o cronograma da empresa produtora, Grapho, e da Guerra Filmes, *Quarup* estará pronto em fevereiro do ano que vem, a tempo de tentar representar o Brasil no Festival de Cannes. Boa Sorte.



Gamma/Sigla

FANTÁSTICO DINAMARQUÊS

O diretor dinamarquês **Bille August** (Palma de Ouro em Cannes 88 com *Pelle, o Conquistador* — acima) vai adaptar para o cinema *A Casa dos Espíritos*, best seller de **Isabel Allende**. A sobrinha do presidente chileno assassinado **Salvador Allende** já havia negado os direitos do livro a vários cineastas, mas resolveu negociá-los com August depois de ver o seu *Pelle* em Los Angeles. O filme será produzido pelo Instituto do Cinema da Suécia, a um custo aproximado de 5 milhões de dólares. Tere-mos realismo fantástico segundo um diretor dinamarquês.



Liatson Gamma/Sigla

ASES INTOCÁVEIS

Um elenco intocável sustenta *Revenge*, o próximo filme de **Tony Scott** (*Ases Indomáveis*, *Um Tira da Pesada II*). Além de **Kevin Costner**, o Eliot Ness de *Os Intocáveis*, comparecem **Anthony Quinn** e **Madeline Stowe** (acima) (a gata vi-giada de *Tocaia*). Trata-se de um filme *noir*, tendo como pano de fundo o tráfico de drogas no México.



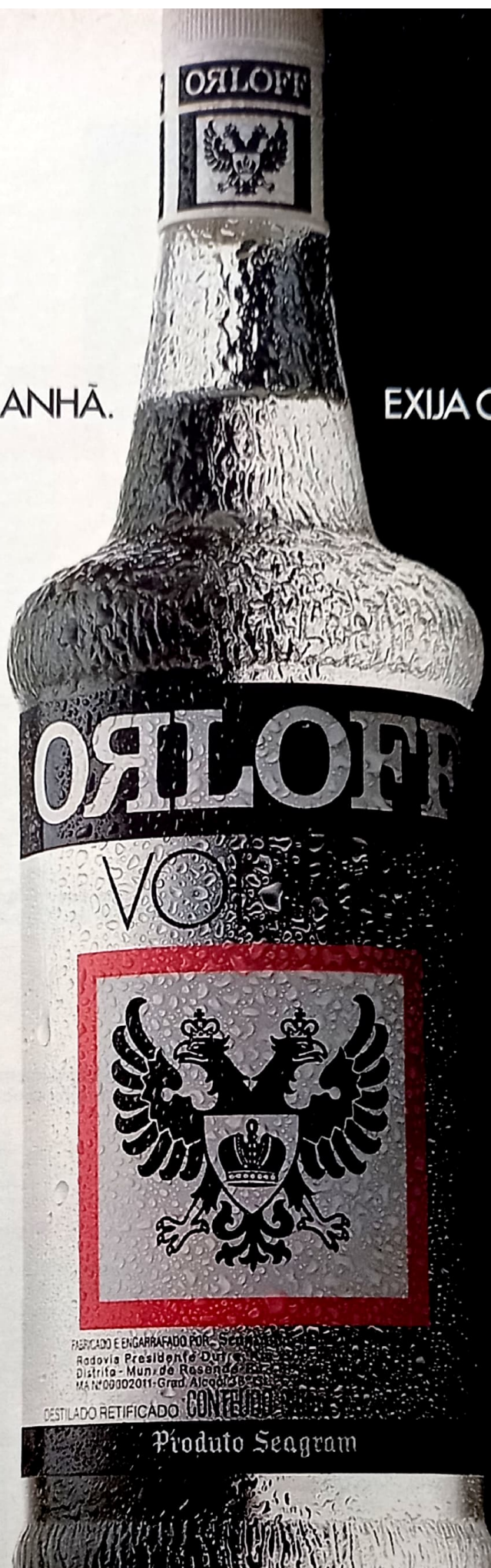
DO PAPEL AO CELULÓIDE

A literatura brasileira continua sendo a principal fonte de inspiração para o ressurgente cinema tupiniquim. Além de *Quarup*, de **Antonio Callado**, que **Ruy Guerra** está acabando de transformar em filme (ver matéria nesta edição), uma nova safra de adaptações literárias vêm aí. A mais esperada é a do romance *A Grande Arte*, a obra-prima de **Rubem Fonseca** que **Walter Salles Jr.** começa a trazer para o celulóide. A produção custará, por baixo, três milhões de dólares, e deverá ter no elenco o americano **Peter Coyotte** (*E.T.*, *Que Sorte Danada*) e os brasileiros **Paulo José**, **Cecil Thiré**, **Stênio Garcia** e **Cássia Kiss**. O próprio Fonseca tem outras obras na mira dos cineastas: *O Cobrador* (que deve ser filmado por **Durval Garcia**), *Stelinha* (por **Miguel Faria**) e *O Caso Morel* (por **Suzana Amaral**). Outro escritor com obras transpostas para a tela é **Fernando Sabino**. Dele são *Faca de Dois Gumes* — adaptado por **Murillo Salles** por encomenda da "série noir" da TV francesa TF-1, com **Paulo José** e **Marieta Severo** — e *O Grande Mentecapto* (acima) — que **Oswaldo Caldeira** está finalizando, com **Diogo Vilella** como protagonista. E no ano que vem deve sair finalmente a adaptação d' *Os Sermões* do **Padre Antônio Vieira**, há muito tempo anunciada pelo "udigrudi" **Julio Bressane**.

"Quero fazer um filme na Nicarágua, sobre a história de Sandino. Se o cinema pode desempenhar um papel educativo, sou inteiramente a favor."
Sting

PENSE EM VOCÊ AMANHÃ.

EXIJA ORLOFF HOJE.



Orloff é mais pura porque é três vezes destilada.

Qualidade Superior
Seagram

Surge algo de novo na tela...



Prólogo do Amor

Mais sexy que Mickey Rourke, mais charmoso que Robert Redford e mais puro que uma virgem! Assim é Melvin. Você precisa conhecê-lo...
Jon Finlayson e Tina Bursill

Dir. John Eastway



City Limits

Num futuro não muito distante as rodas dos "Clippers" cometem atrocidades para defenderem os limites da "Cidade Proibida".
John Stockell e Kim Catrall

Dir. Aaron Lipstadt



Guerra da Cocaína

Uma denúncia viva do poder do pó branco corrompendo autoridades e governos, eliminando assim a vida de muitos inocentes.
John Schneider e Kathryn Witt

Dir. Hector Olivera



As aventuras do Sapinho Galante

Uma estória comovente e terna das aventuras do sapinho Daniel e sua amiguinha Tuca nas águas da Lagoa Feliz.



O Metrô da Morte

Dos escuros subterrâneos metrô londrinos, surgem estranhas criaturas que apavoram o mundo dos vivos.
Donald Pleasence e Christopher Lee

Dir. Gary Sherman

Vendas

Av. São João, 1588 - 2º Sobreloja - fone (011) 220-6299

S. Paulo - SP - CEP 01260

HOLLYWOOD

Por Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau, de Los Angeles

BATMAN EM APUROS

As coisas não estão nem um pouco tranquilas para o lado de *Batman* — o filme, não o herói. Assim que começaram a circular notícias de que Michael Keaton — ainda colhendo os frutos do sucesso da comédia *Os Fantasma Se Divertem* — seria o novo homem-morcego, um crescente clamor se ergueu de uma das mais importantes e delicadas faixas de público: os fãs de histórias em quadrinhos. Entre cartas para jornais e fanzines e discursos, abaixo-assinados e coisas do gênero em convenções, o consenso era que: 1. Michael Keaton era muito baixo e magro para o papel. 2. *Batman* (abaixo, caracterizado por Adam West) é um personagem de proporções trágicas, e Keaton (e o diretor Tim Burton) tem fama construída na comédia.

A Warner, produtora do filme, não é nem maluca de enfrentar a antipatia dos *freaks* de gibis — são eles que, em última instância, definem sucesso ou fracasso para um filme desse tipo. Por isso, o estúdio adiou em dois meses o início das filmagens e mandou representantes a diversas convenções de quadrinheiros, com a missão de esclarecer que: 1. Keaton é um ator sério também, haja vista seu novo filme, o drama *Clean and Sober*. 2. O roteiro sobre o qual Tim Burton trabalha não é de comédia. 3. Michael Keaton usará sapatos especiais e uma espécie de armadura, sob a malha, para aumentar sua estatura e volume corporal. Com essas salvaguardas, aparentemente os batmanólogos sossegaram um pouco.



Sipa-Press

TEMPLE É DINHEIRO

Agora qualquer um pode cair de boca em Shirley Temple (criança na foto grande; na foto pequena em 1981). A firma Soda Pop Kids, de Encino, Califórnia, acaba de lançar o refrigerante Shirley Temple: uma bebida cor-de-rosa parecida com um drinque muito popular em lanchonetes americanas, feito à base de Seven-Up e groselha. A atriz, no entanto, não está nem um pouco satisfeita com a visita não autorizada de milhares de bocas à sua famosa assinatura, e está processando a Soda Pop Kids.



MGM/UA

JUVENTUDE TRANSVIADA

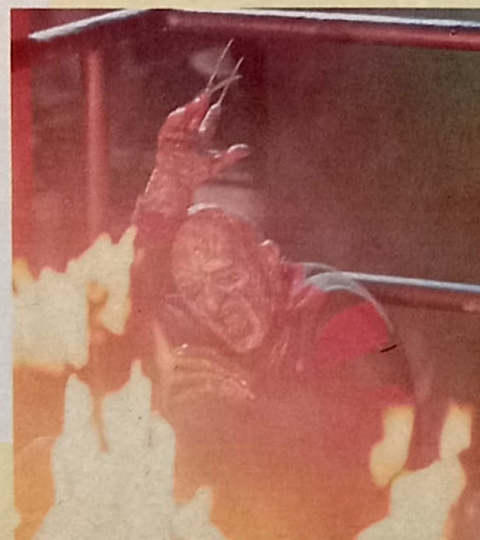
Depois do sucesso de bilheteria de *Hairspray*, John Waters foi contratado pela Paramount para dirigir sua primeira grande produção hollywoodiana: *Cry Babies*, uma comédia sobre delinqüentes juvenis na década de 50, produzida por Jim Abrahams (*Big Business*).

TV BOOM

Se deu certo no cinema, por que não repetir a fórmula na TV? Deve ter sido este o raciocínio dos executivos que resolveram transportar para a telinha, em seriados, adaptações dos filmes *Presente de Grego*, *A Hora do Pesadelo* (ao lado, abaixo) e *Married to the Mob* (ao lado, acima, ainda inédito no Brasil). O atual *Baby Boom* da TV difere pouco do filme original — a superexecutiva que se vê obrigada a equilibrar carreira e afazeres domésticos/maternais — mas não tem Diane Keaton e sim a "pantera" Kate Jackson no papel principal. Já *Freddy's Nightmares*, e nem sempre aparece nos episódios de horror e suspense que vão ao ar todo sábado. Por outro lado, o elenco completo de *Married to the Mob* — que narra os percalços de uma jovem viúva (Michelle Pfeiffer) quando se vê na linha de tiro entre um agente do FBI (Matthew Modine) e um chefe mafioso (Dean Stockwell) — pode muito bem ser totalmente reaproveitado na série que se planeja para os televisores americanos no início de 1989.



Orion



New Line Cinema



Standard

DETA L H E S Q U E F A Z E M



O ESPORTISTA.

M E I A S



O SIMBOLO DOS ESPORTES.

Quando o italiano Pier Paolo Pasolini saiu da literatura para entrar no cinema conseguiu articular um argumento para justificar a troca. A palavra, dizia ele, não bastava para exprimir a realidade italiana que ele pretendia revelar. Com meia dúzia de palavras, tão limitadas, contra os limites da palavra, Pasolini foi sincero — porque compartilhou sua aflição. Mas não disse rigorosamente a verdade. O cineasta italiano não ousou sequer insinuar com sua justificativa aquilo que deixou patente com seus filmes: o cinema (como a literatura, por sinal) não "retrata" realidade alguma, mas fabrica novas formas de realidade. É nessa medida que o avanço técnico é simultâneo com o avanço artístico nos domínios do cinema. Embora nem sempre venham imediatamente acompanhadas de achados estéticos, as inovações técnicas ampliam as possibilidades criativas de maneira incontestável. Exatamente por isso é que Uma Cilada para Roger Rabbit merece tanto entusiasmo. Há quem diga que tantas trucagens e os fantásticos efeitos colocam-se a serviço de idéias pouco originais, o que não importa nem um pouco. O simples tento de levar o irrealismo do cinema ao limite que levou dá a esta animação-com-gente-dentro um valor histórico. O cinema — como toda forma de arte — é a expressão do desejo de outros mundos. Um desejo legítimo, que tanto credencia Pasolini como dá vida ao atarantado coelho Roger. Pasolini apenas casou melhor o seu desejo com a imagem, e por isso abandonou a palavra. Mas o que dizer daqueles que têm por ofício escrever sobre o cinema? Será que as palavras desta revista, ou aquelas de outras tantas, retratam o cinema como ele realmente é? Definitivamente não. Quem gosta de cinema tem antes de tudo que ver cinema. Fazer cinema. O que essas palavras, tão limitadas, conseguem fazer é apenas compartilhar uma afeição. Este desejo do desejo de outros mundos.



Na capa:
Roger Rabbit,
Bob Hoskins
Jessica e
Mickey Mouse

Fotos da capa: Warner/Abril Vídeo



78

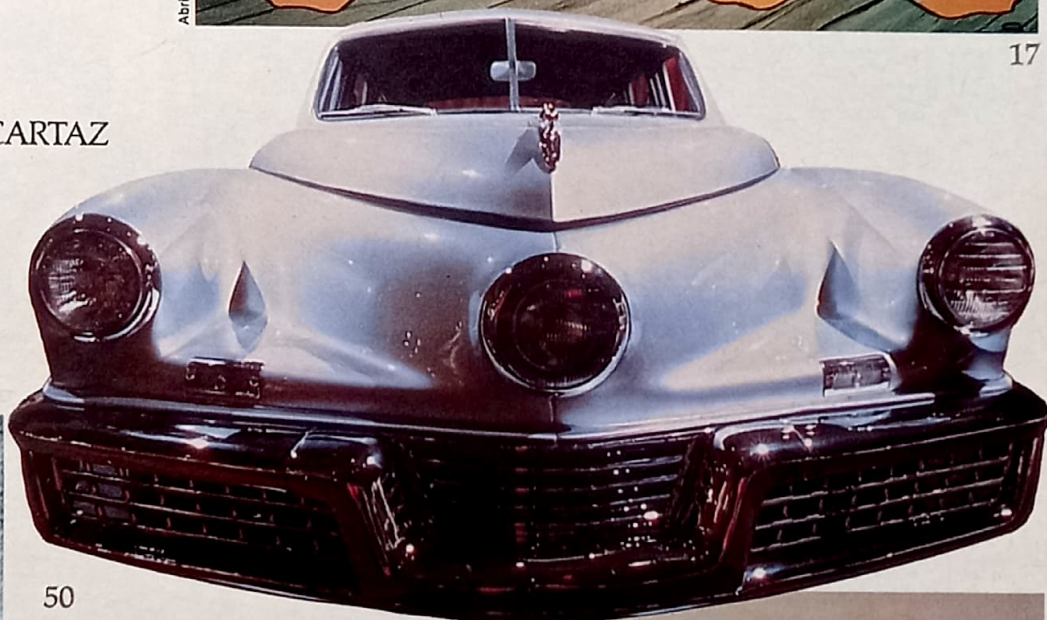


- 4 TAKES
- 9 HOLLYWOOD
- 17 VÍDEO
 - Os desenhos de Disney e os outros lançamentos do mês
- 38 MATÉRIA DE CAPA
 - Uma Cilada para Roger Rabbit*
- 50 AVANT-PREMIÈRE
 - Tucker — Um Homem e Seu Sonho*
- 54 ENTREVISTA
 - Francis Ford Coppola
- 56 O GUIA DE VERÃO
- 60 ENTREVISTA
 - Roman Polanski
- 66 EM CARTAZ
 - Cuidado com as Gêmeas*
- 68 OUTROS FILMES EM CARTAZ
- 78 MITOS
 - Anthony Quinn
- 80 LIVROS & TRILHAS
- 83 FILMOTECA
- 84 CARTAS
- 85 FILMOGRAFIA
- 86 NOSTALGIA



Abril Vídeo

17



Lucasfilm

50



Pedro Gomes/Azul

MGM/Carlo Ponti

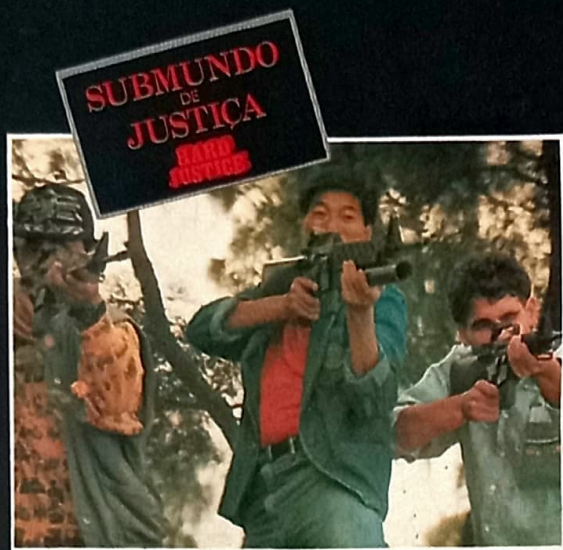


Warner

60



66



**SUBMUNDO
DE
JUSTIÇA**
HARD JUSTICE



HOTEL LORRAINE
SWEET LORRAINE

FAM



**A MAFIA NÃO
MANDA RECADO**



**COMANDO
CONTRA O TEMPO**
TERROR FORCE COMMANDO



*The
Suicide
Club*

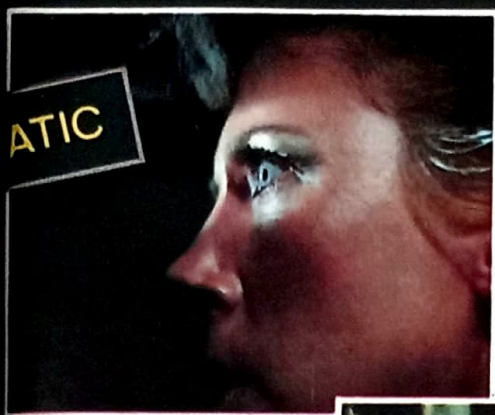
CLUBE DO SUICÍDIO



SMALL TOWNS ARE MURDER
PODERES MÁLIGNOS

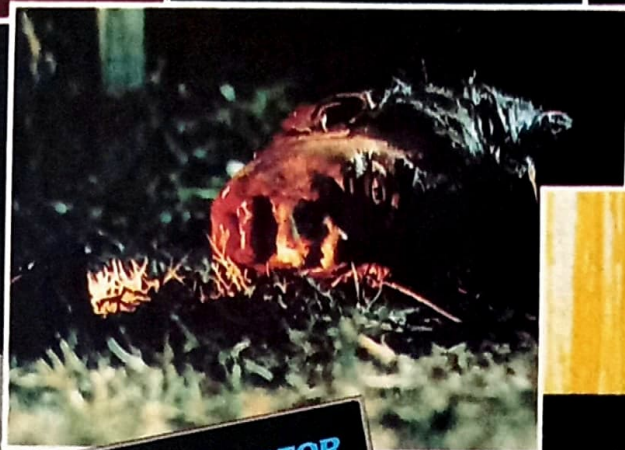


DISCONNECTED
LIGAÇÃO MORTAL



ATIC

THE CHAIR
CADEIRA ELÉTRICA



THE MUTILATOR
O MUTILADOR



ZOMBIE CITY
MALDIÇÃO DE ZACHARY



Harry's War
A LUTA DE HARRY

THE PREY
DEPREDADOR



DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
REALBRAS
REALBRAS ADMINISTRADORA BRASILEIRA DE SERVIÇOS S/C LTDA.

MATRIZ - S. Paulo - SP - Rua Humaitá, 249 - 5.º loja - Cj. A - PAIX (011) 37-8171 - Foc. Símile (011) 35-7881 - CEP 01321

FILIAIS EM TODO O BRASIL

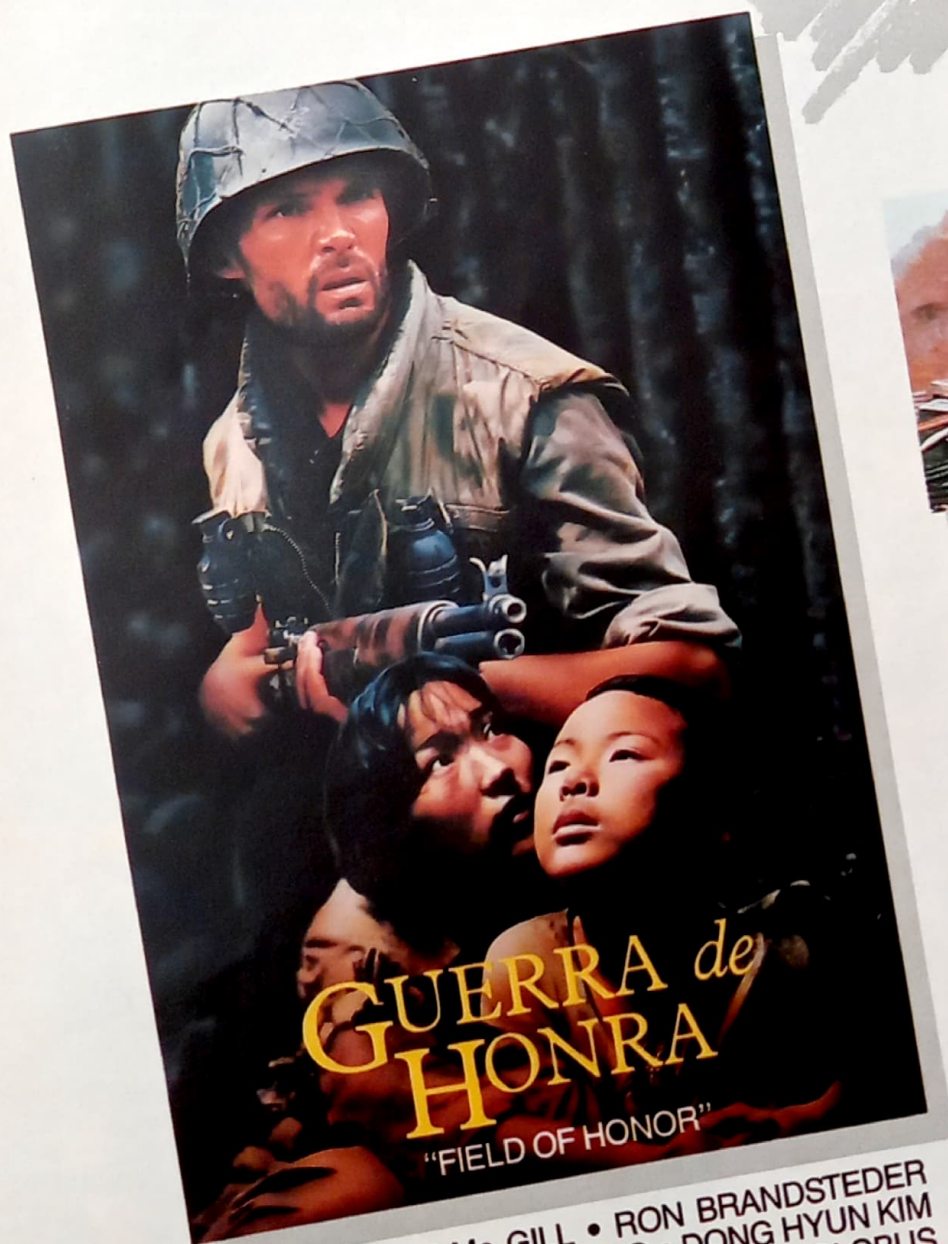
• Belo Horizonte: (021) 220-0513 - 222-1049
• Curitiba: (041) 224-7899 - 732-6334
• Porto Alegre: (051) 45-1007 - 45-1297
• Recife: (081) 224-1007 - 224-1470
• Rio de Janeiro: (021) 523-2171 - 523-2218
• São Paulo: 1. (011) 28-2799 - 28-2618
• São Paulo 2: (011) 36-0279 - 36-9800
• Vitória: (071) 329-0229 - 329-0297



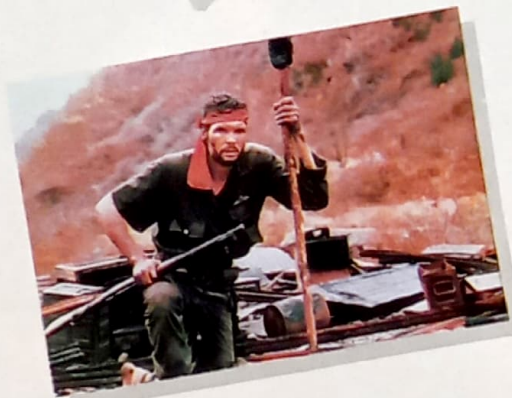
América

VÍDEO

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO
CINEMA & VÍDEO



COM EVERETT Mc GILL • RON BRANDSTEDER
HEY YOUNG LEE • MIN YOO • DONG HYUN KIM
PRODUTORES MENAHEM GOLAN E YORAM GLOBUS
DIREÇÃO HANS SCHEEPMAKER



CANNON
RELEASING CORPORATION

Numa terra Destruída Pela Guerra,
Estes Homens Lutaram Por Suas Vidas
e Seus Destinos

AV.: PACAEMBÚ, 1702 - CEP. 01234 - TEL.: 864-9111

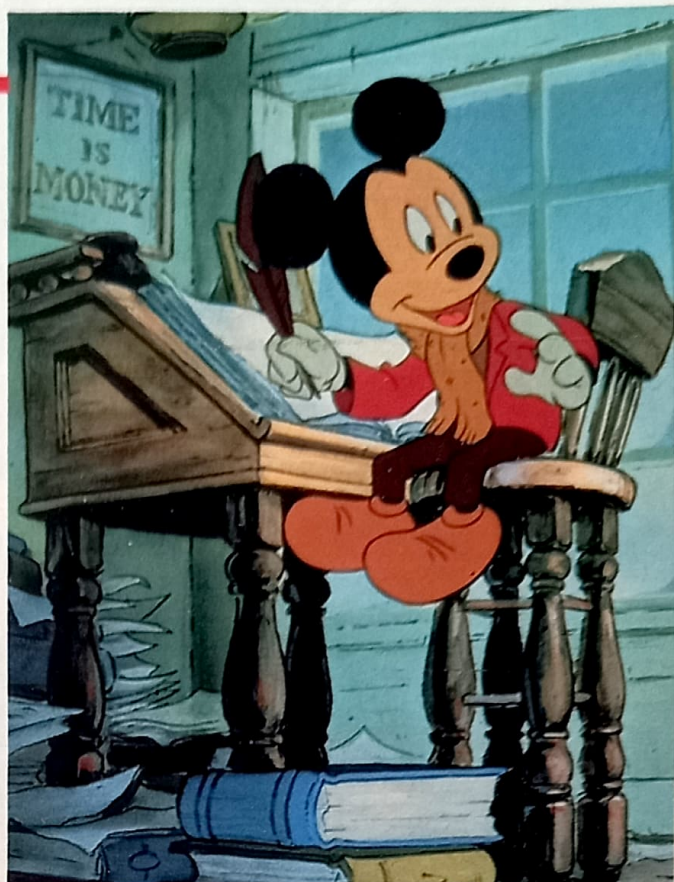


O PAPAI NOEL SE CHAMA WALT DISNEY

A infância no cinema também se chama Disney. Após as negociações mais arrastadas dos últimos tempos, os desenhos e os filmes infantis que marcaram a maioria das crianças do século XX chegam ao Brasil como um gracioso presente de Natal

Dumbo, A Cor do Dinheiro, O Natal do Mickey Mouse, Se Meu Fusca Falasse, Viagem Clandestina e Estrela de Natal estão chegando finalmente ao Brasil em dezembro. São os primeiros seis títulos de um pacote de 96 a ser lançado nos próximos dois anos e meio no mercado brasileiro, graças a um contrato firmado entre a Abril Vídeo e

a Disney Home Video norte-americana, depois de dois anos de complicadas negociações. Desse total, 22 títulos serão da Touchstone Pictures, a divisão da Disney que produz filmes de gente grande, como *Três Solteirões* e um *Be-bê* e *Tocaia*. Os 74 restantes são desenhos, infantis e especiais de TV da Walt Disney Company.



Marco Antônio, da Abril Vídeo: cuidados para o rato Mickey (acima) e seus amigos não se misturem com as coelhinhos da Playboy

A demora nas negociações — as mais longas na história do mercado de vídeo brasileiro — deve-se à indefinição econômica do Brasil, à instabilidade do mercado de vídeo (graças ao caótico combate à pirataria) e, principalmente, às vacilações da Disney americana, que incluiu cláusulas absurdas no contrato. Entre outras coisas, por exemplo, a companhia exigiu uma distinção absoluta entre os lançamentos de seus títulos e os das fitas adultas da Playboy Vídeo, subdivisão da Abril. "Exigiram que a duplicação das fitas da Playboy e as da Disney seja feita em dias separados, para evitar alguma confusão na hora de colocar as fitas

nas capas, por exemplo", conta Marco Antônio Ribeiro, diretor de marketing da Abril Vídeo. De fato, poderia ser constrangedor um pai levar para casa uma fita do Mickey e seu filhinho dar de cara com uma rapariga tirando o sutiã.

Outra exigência do contrato: um gerente de produto exclusivo para a linha Disney, com estágio nos EUA. "Temos um esquema nacional de distribuição e esperamos um grande movimento. Afinal, as vendas dos filmes da Disney não caem, porque eles nunca saem de moda", diz Robert Krell, o escolhido para a função. As esperanças de sucesso de Krell talvez sejam viabilizadas por outra imposição da Disney: 9% do



Fotos Abril Vídeo

A COR DO DINHEIRO

(The Color of Money, EUA, 1986) Direção: Martin Scorsese. Com Paul Newman, Tom Cruise, Elizabeth Mastrantonio.

Um veterano jogador de bilhar encontra num jovem craque o parceiro ideal para seus golpes. Ensina-lhe truques, mas o jovem é um jogador impetuoso que demonstra talentos superiores aos do próprio mestre. Um duelo de interpretações entre Newman (Oscar de melhor ator) e Cruise. A câmera de Michael Ballhaus "coreografa" os jogos com um sentido quase sexual. Obrigatório.

Luiz Nazário



SE O MEU FUSCA FALASSE

(The Love Bug, EUA, 1969) Direção: Robert Stevenson. Com Dean Jones, Michele Lee, David Tomlinson.

Um fusca modelo 1963, dotado de sentimentos humanos, escolhe para seu dono um piloto de corrida. Enquanto o piloto leva vantagem nas competições e engata um romance com uma colega de quarto, o fusca, chamado Herbie, exibe seus dotes mágicos, exercendo seu poder de sedução sobre os personagens e o público. Um dos maiores sucessos comerciais dos Estúdios Disney, ainda é capaz de encantar crianças e adultos.

L.N.

A ESTRELA DE NATAL

(The Christmas Star, EUA, 1986) Direção: Alan Shapiro. Com Edward Asner, René Auberjonois, Jim Metzler.

Um velho assaltante foge da prisão às vésperas do Natal, disfarçado de Papai Noel. Como sua barba branca é verdadeira, algumas crianças o tomam pelo "verdadeiro Papai Noel" e tudo fazem para ajudá-lo a recuperar seu dinheiro, escondido numa engenhoca de Natal exposta numa loja. Filme feito para a TV, com produção acima da média, excelente desempenho das crianças e uma história comovente e bem-humorada.

L.N.



faturamento deve ser aplicado em promoção e propaganda.

Um outro problema para o entendimento, ilustrativo da distância entre a realidade do vídeo no Brasil e nos EUA, é que os americanos custariam a entender os números do mercado brasileiro. Para se ter uma idéia, as fitas que mais venderam no Brasil até hoje — Isto é Pelé, da

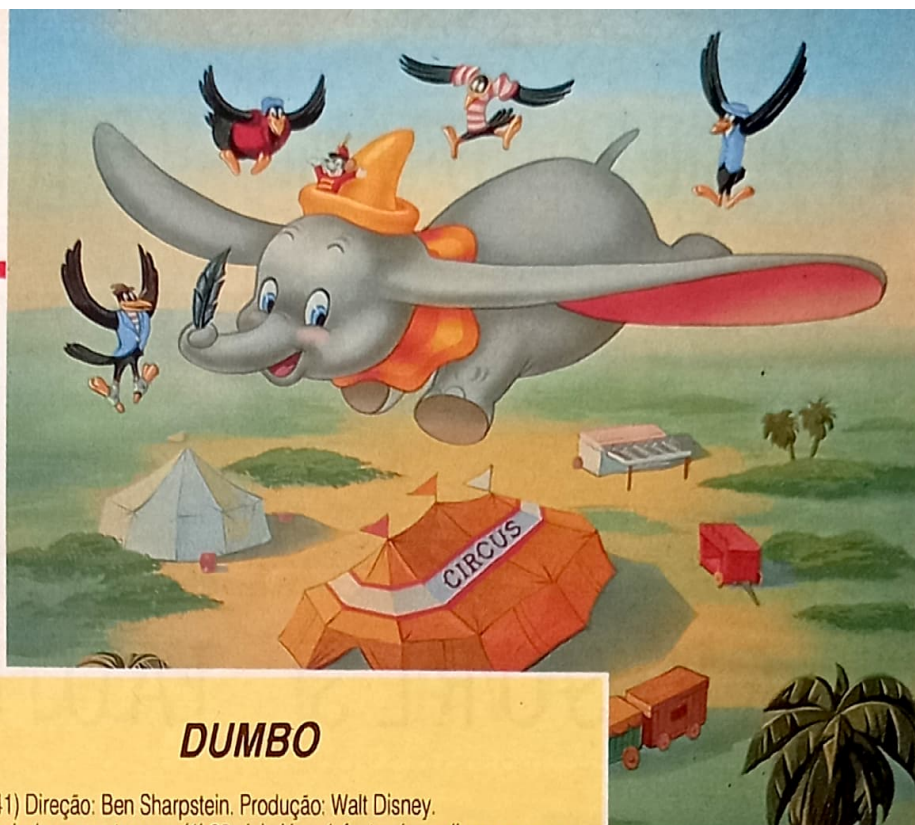
Globo Vídeo, e Indiana Jones, da CIC — ainda não chegaram às 20 mil cópias. Só A Dama e o Vagabundo já vendeu nos EUA mais de três milhões de cópias. Dá para comparar? Além disso, a dificuldade de comercialização aqui é agravada pelos altos impostos, pela pirataria e pela reserva de mercado, que obriga cada distribuidora a ter em seu catálogo 25% de filmes brasileiros. Tudo isso acaba engordando o preço da fita selada e produzindo uma situação absurda: enquanto nos Estados Unidos uma fita custa 29 dólares, no Brasil seu preço está entre 50 e 60 dólares. Por isso o consumidor brasileiro em geral não compra fita, mas aluga na locadora, ao contrário do consumidor americano.

Mesmo com todos esses problemas, o contrato Disney-Abril acabou saindo. "Eles só toparam decidir pela Abril (havia outras distribuidoras no páreo) por causa do porte da nossa empresa, que garante um serviço sério, e por causa da longa relação entre a Abril e a Disney na área editorial", diz o diretor de marketing Marco Antônio Ribeiro. Um item do contrato favorável à Abril é o que diz que todo o dinheiro a ser remetido aos EUA é subordinado às vendas — não houve adiantamento e nem há ro-

yalties preestabelecidos. Falou-se em 600 mil dólares a cada dois meses, mas Marco Antônio nega.

O esforço da Abril para viabilizar o acordo incluiu a construção de um laboratório de duplicação de fitas em Manaus (para fugir de impostos), com equipamento importado no valor de cerca de um milhão de dólares. Detalhe: as fitas Disney-Abril circularão com dois selos: o do Concine, verdinho, e outro, holográfico, da própria Disney americana, atestando a aprovação da qualidade da fita.

E o melhor de tudo é que a festa de lançamento de janeiro mantém a alta voltagem dos seis primeiros títulos: *Mary Poppins*; *Três Solteirões e um Bebê*, *Alô, Amigos* (primeiro desenho com Zé Carioca), *Você Já Foi à Bahia?* e a fantástica mistura de filme e desenho animado em terceira dimensão *Tron — Uma Odisséia Eletrônica*. E logo mais, dentro de seis meses, chega às loadoras a produção infantil mais importante do ano: *Uma Cilada para Roger Rabbit*, que estreia nos cinemas dia 22 de dezembro. A produção conjunta de Steven Spielberg e Estúdios Disney vai chegar para ficar. Como os outros clássicos. Depois deste Papai Noel em forma de Walt Disney, o mercado de vídeo não será mais o mesmo. **LV**



DUMBO

(EUA, 1941) Direção: Ben Sharpstein. Produção: Walt Disney. *Desenho de longa-metragem (1h03min). Um elefante de orelhas enormes e querido por sua mãe sofre a humilhação dos outros elefantes no circo onde trabalha. Mas descobre, por acaso, que abanando suas orelhas ele pode voar como um pássaro. Seu defeito se transforma, então, num dom mágico. E, com suas performances, Dumbo atinge o estrelato. Baseado na história de Helen Aberson e Harold Pearl, este é um dos mais belos desenhos de Disney. Um clássico.*

L.N.

O NATAL DE MICKEY

(Mickey's Christmas Carol, EUA, 1984) Direção: Burney Matinson. *Desenho de média-metragem (26 min), baseado num conto de Charles Dickens. Segunda aparição do Tio Patinhas num desenho (a primeira foi em Scrooge McDuck and Money, de 1967). As vésperas do Natal, o avaro personagem sonha com sua própria morte, e a visão do inferno em que será lançado opera uma mudança maravilhosa em sua personalidade. Além do Tio Patinhas e do Mickey, aparecem ainda o Pato Donald, o Grilo Falante, o Pate-ta e muitos outros. Desenho que nada fica a dever aos clássicos mais antigos.*

L.N.



VIAGEM CLANDESTINA

(The Journey of Natty Gann, EUA, 1985) Direção: Jeremy Paul Kagan. Com Meredith Salenger, John Cusack, Ray Wise. *Natty, uma garota órfã de mãe, trabalha com o pai, tentando sobreviver à Grande Depressão dos anos 30. Quando o pai a deixa para trabalhar em outro estado, ela é tiranizada pela senhoria e resolve fugir de casa. Inicia então sua longa jornada para encontrar o pai, acompanhada por um lobo que se afeiçoa por ela. Filme destinado ao público adolescente, com ótima produção, mas um pouco anacrônico.*

L.N.

VAI SER BOM VER, NUM ÚN



Philips 14' Luxo - VHF



Philips 14' Luxo UV - VHF/UHF



Philips 14' Superluxo - VHF/UHF



Philips 14' Look - VHF/UHF

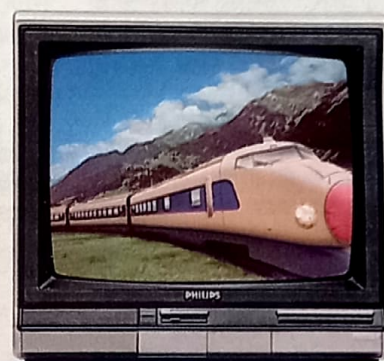
TELEVISORES TÃO MODERNO



Philips 16' Luxo UV - VHF/UHF



Philips 16' Superluxo - VHF/UHF



Philips 20' Luxo - VHF

COMO OS DA PHILIPS, NÃO FOI?



Philips 20' Stereo SDE - VHF/UHF



Philips 21' Stereo PIP - VHF/UHF

B E M - V I N D O A O F U T U R O .

PHILIPS

ICO ANÚNCIO, UMA LINHA DE



Philips 14" Look - VHF/UHF



Philips 14" TV Monitor - VHF/UHF



Philips 14" Plus - VHF/UHF



Philips 16" Luxo - VHF

S, EVOLUÍDOS E AVANÇADOS



Philips 20" Luxo UV - VHF/UHF



Philips 20" Superluxo - VHF/UHF



Philips 20" TV Monitor - VHF/UHF



Philips 28" Stereo Widescreen - VHF/UHF



Philips 28" Stereo PIP - VHF/UHF

B E M - V I N D O À P H I L I P S .





Dustin Hoffman tenta livrar Susan George das garras de um agressor

SUSPENSE

SOB O DOMÍNIO DO MEDO ★★★★★

(Straw Dogs, Inglaterra, 1971)

Direção: Sam Peckinpah. Com Dustin Hoffman, Susan George, Peter Vaughn, P.T. McKenna, Peter Arne. Transvídeo.

O primeiro não-western de Peckinpah estava fadado a tornar-se uma das obras mais polêmicas do cinema americano, por sua violência explícita, assumida e legitimada. E

bem mais difícil de assimilar em um contexto moderno do que no oeste bravo... Mesmo hoje, depois da vulgarização da porrada nas fábulas trogloditas de Stallone & Cia., *Sob o Domínio do Medo* é profundamente inquietante, menos pela explosão do ódio — quase que totalmente reservada para as seqüências finais — do que pela crueldade e pela mesquinha que a vão engendrando.

Dustin Hoffman (magnífico na composição e transformação de seu tipo) é o professor de Matemática, um pacaço acadêmico americano que procura refúgio na cidade de origem de

sua jovem esposa, na Escócia, para preparar sua tese. Grave engano. Os rapazes da aldeia, enciumados daquele banana com quem a bela Susan George voltou casada, têm ainda que trabalhar sob suas ordens, na reforma de sua casa isolada. A mulher, entediada com a disciplina do marido e afetada em seu novo status, mexe com os provincianos de maneira pouco aconselhável. O professor vai sustentando o clima como pode, contra uma escalada de provocações que vai descambando para a violência. Sexual, inclusive.

Uma questão local — a família que quer justificar o débil mental que assassinou, inadvertidamente, sua cachula namorada — vai precipitar a fúria do matemático em defesa de seu "castelo", no qual por acaso o débil se alojou. A partir daí, em pleno domínio do dialeto da violência, Peckinpah desenrola, expõe, saboreia plano a plano, ora na câmera lenta ora em cortes rápidos, uma verdadeira chacina. Um dos filmes mais angustiantes de todos os tempos, precursor e mais sedutor representante da corrente da justiça-pelas-próprias-mãos. Uma experiência lancinante.

Alex Antunes

com um roqueiro que ajudou seu irmão na noite em que ele morreu. O detetive, honesto, vai descobrindo que seus amigos da polícia estão atolados até o pescoço nesse submundo, o que rende algumas boas cenas de ação. Confira.

C.G.L.

KLUTE — O PASSADO CONDENA ★★★★★

(Klute, EUA, 1971)

Direção: Alan J. Pakula. Com Jane Fonda, Donald Sutherland, Charles Cioffi, Roy Scheider. Warner.

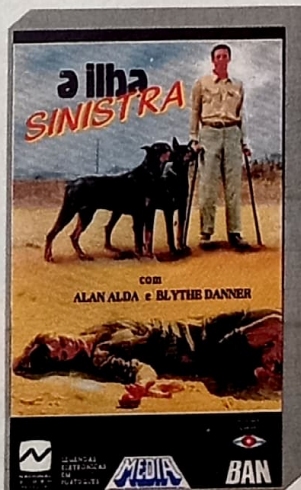
Klute (Donald Sutherland) é um policial de província que vai a Nova York procurar um amigo desaparecido. No meio de suas investigações, conhece uma prostituta (Jane Fonda) que teve contato com o homem procurado. Os dois se apaixonam, é óbvio, e ela passa a ser perseguida por um estranho assassino. Eficiente combinação de thriller policial e drama psicológico, conduzida em tom seco pelo diretor Pakula, que depois ampliaria suas pretensões, enveredando pela política (*Todos os Homens do Presidente*, 1976) e pelo drama épico (*A Escolha de Sofia*, 1982). O excelente desempenho de Jane Fonda valeu-lhe o Oscar de melhor atriz. Sutherland também está notável. Programão.

J.G.C.

A ILHA SINISTRA ★★

(To Kill a Clown, EUA, 1983)

Direção: George Bloomfield. Com Alan Alda, Blythe Danner, Heath Lambert. Vídeoban.



O veterano Alan Alda, da série de TV *MASH*, é aqui Ritchie, um ex-combatente, proprietário de uma casa de verão numa ilha costeira da Nova Inglaterra, alugada a um jovem casal, a jornalista Lily (Blythe Danner) e o pintor Timothy (Lambert). O neurótico Mr. Ritchie, auxiliado por seus dobermans, vai evidentemente infernizar a vidinha da simpática dupla. Caracterizações perfeitas num thriller de terror psicológico que dosa bem conhecidos ingredientes, como os horrores do Vietnam e as marcas que ele deixou na sociedade americana com um humor típico dos anos 60, encarnado pelo irreverente casal. O trágico desfecho, mal conduzido, dá a impressão de que o diretor, que também assina o roteiro, resolveu acabar com a brincadeira antes mesmo que ela começasse.

L.C.L.

POLICIAL

DETETIVE PARTICULAR ★★★★★

(Private Eye, EUA, 1987)

Direção: Mark Tinker. Com Michael Woods, Josh Brolin, Bill Sadler. CIC.

Filme com um certo punch, com boa ambientação de época (em Los Angeles, 1956) e trilha sonora de rocks do período. Woods é um detetive desempregado que teve o irmão policial assassinado enquanto fazia uma negociação com alguns bandidos. Jack, ao fuçar as coisas do irmão morto, descobre que ele tinha algumas fitas que poderiam destruir a reputação de um milionário. O quebra-cabeças das desonestidades não é muito claro, mas Jack tenta encaixar as peças

PRECE PARA UM CONDENADO ★★

(A Prayer for the Dying, EUA, 1987)

Direção: Mike Hodges. Com Mickey Rourke, Bob Hoskins, Alan Bates e Sammy Davis. DIF.

Mickey Rourke é um terrorista do IRA que, depois de explodir um ônibus escolar repleto de crianças loucas, entra numa tremenda crise de consciência. Além disso, a polícia e os antigos companheiros saem em seu encalço. Para piorar, ele é impedido a cometer mais um assassinato — de um gangster, a pedido de seu rival no submundo (Bates). Só que aí o gatilho mais preciso da Irlanda é pego de calças curtas. Um padre presencia tudo e é estranhamente

COTAÇÕES SET:
 ★ RUIM
 ★★ REGULAR
 ★★★ BOM
 ★★★★★ EXCELENTE
 ★★★★★ OBRA-PRIMA

poupado. Agora, também os gângsteres passam a persegui-lo. O diretor (que também fez *Flash Gordon*) pretendia abrir uma discussão, com pitadas teológico-existencialistas, sobre o terrorismo. O produtor queria mais um policial de ação. Ninguém ganhou a briga e o filme ficou confuso, arrastado. Na verdade é o espectador quem perde. Mickey Rourke só consegue fazer cara de *cool* e acender cigarros um após o outro. Bob Hoskins e Sammy Davis (como a sobrinha cega do padre que se apaixona pelo terrorista) são as únicas almas que se salvam desse purgatório. B.A.

DRAMA

FELIZ ANO VELHO ★★★

(Brasil, 1988)

Direção: Roberto Gervitz. Com Marcos Breda, Malu Mader, Eva Wilma, Marco Nanini, Isabel Ribeiro. Transvídeo.

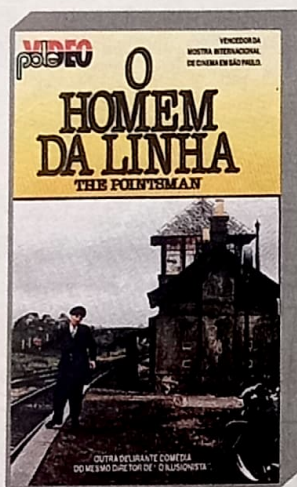


Premiada adaptação do *best seller* autobiográfico de Marcelo Paiva. A história é conhecida: o jovem universitário Mário (Marcos Breda) fica tetraplégico ao mergulhar num lago mais raso do que parecia, e a partir daí tenta reconstruir sua vida sobre novas bases. Entre os pontos altos do filme estão o olhar irônico sobre o movimento estudantil do final dos anos

70 e as boas interpretações de Malu Mader (no duplo papel da namorada Ana e da bailarina Ângela) e Isabel Ribeiro (como a médica que tenta motivar Mário). Entre os pontos baixos, o tom piegas das lembranças do rapaz (apresentadas em *flashback*) e a infantilidade de alguns diálogos. Bem cuidado tecnicamente, o filme merece ser visto também por sua sinceridade e ousadia formal (a fotografia, por exemplo, totalmente antinaturalista, acompanha as mudanças de tom da narrativa). Acima da média do novo cinema brasileiro. J.G.C.

O HOMEM DA LINHA ★★★

(De Wissel Wachter, Holanda, 1986)
 Direção: Jos Steling. Com Jim Van Der Woude, Stephane Excoffier, Jose De Pauw. Polevídeo.



O homem do título (Van Der Woude) é magro, tem olhos encovados e uma expressão idiota no rosto. Sempre que sai da estação de trem em que vive isolado, carrega seu rifle e uma caixinha de música. No bom sentido, é um imbecil numa espécie de paraíso (porque imaculado). Não sabe sequer o valor do dinheiro. Súbito surge do céu (ou do inferno... na verdade ela desce do trem em hora e lugar errados) o arquétipo de uma francesa: loura, curvas sinuosas, batom e casaco vermelhos, ligas pretas... Inicialmente o nosso amigo a

Warner



Nettie (Akousa Busia), a irmã pródiga da infeliz Celie

A COR PÚRPURA ★★★

(The Color Purple, EUA, 1986)

Direção: Steven Spielberg. Com Whoopi Goldberg, Danny Glover, Margaret Avery, Oprah Winfrey. Warner.

A saga de uma mulher negra no início do século XX no sul dos Estados Unidos definitivamente não parecia ser um tema adequado ao prodigioso Steven Spielberg. Mas ele calou a boca dos críticos (e afiou a língua de outros) e extraiu dessa história tudo que ela poderia render, com muito sentimentalismo, evidentemente. Claro que ele não deixou de lado seu estilo grandioso de narrar, o que às vezes faz da fita um convite forçado às lágrimas apoiado pela (boa) trilha sonora de Quincy Jones.

A trama do romance homônimo de Alice Walker não deixa por menos: Celie é uma jovem negra violentada pelo pai e que acaba casada com um desconhecido, Johnson (Glover), não menos grosseiro. Ele a faz criar os filhos que já tem, tratando-a como uma empregada. O lema de Celie é sobreviver e não lutar, até que chega na casa Shug (Margaret Avery), uma cantora de blues independente e liberada, a verdadeira paixão de Johnson. A sensual e carente Shug se envolve com Celie, que por sua vez a mimia como uma criança. O romance entre elas, no entanto, aparece velado no filme, que, aliás, herda a ingenuidade das aventuras infantis

de Spielberg.

O vídeo limita um pouco as externas de *A Cor Púrpura*, mas a força da trama mantém sua intensidade porque é ágil e com várias histórias paralelas. Como a de Harpo (Willard Pugh), filho de Johnson, e sua mulher Sofia (a engraçada Oprah Winfrey), que, por sua ousadia ao lidar com um branco, vai parar na prisão por vários anos. É com essa situação que o filme toca mais explicitamente em racismo, bem-intencionado sem ser aprofundador.

A ação se passa entre 1909 e a década de 40, período em que Celie e sua irmã Nettie (Akousa Busia) ficam separadas por interferência de Johnson.

A transformação de Whoopi Goldberg ao longo do filme é excepcional e os contrastes entre submissão e liberdade podem ser exemplificados pelas cenas em que Celie, tímida, experimenta um vestido de Shug e, depois, num almoço em família, quando ela põe para fora toda sua raiva.

Indicado para onze Oscar, acabou não ganhando nenhum. Se a Academia não soube ver nas emoções de *A Cor Púrpura* nada de interessante, azar dela, que não entendeu que o melhor do cinema americano são os filmes otimistas e que não há ninguém melhor que Spielberg para representar isso. César Garcia Lima

ignora, o que dá ensejo a uma sequência memorável de gags visuais (algo que lembra Chaplin, Keaton e também Jerry Lewis). Mas, passado o tempo, as estações, e ela sem conseguir partir (por puro azar), nasce uma estranha afeição. Tudo em quase silêncio: os poucos diálogos soam como sons apenas. A narração fica por conta das imagens e de uma

música eventual. A natureza ao redor e as engrenagens de ferro da estaçãozinha "comentam" o que se passa. Mais eloquente ainda é o vermelho, cor do vinho, do sangue, do batom, da maçã... como numa estranha versão de Adão e Eva. Por tudo isso, *O Homem da Linha* é dos maiores casos de acordo (e desacordo) tácito da história do cinema. D.B.

O SONHO

DO ARQUITETO ★★★★★

(The Belly of an Architect, Inglaterra, 1987)

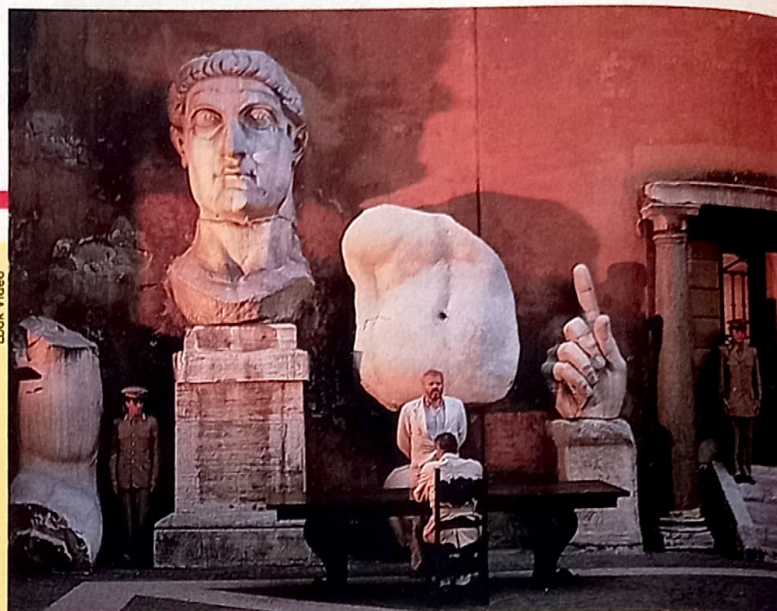
Direção: Peter Greenaway. Com Brian Dennehy, Chloe Webb, Lambert Wilson. Look.

Pintor e ilustrador além de cineasta, o britânico Peter Greenaway já pode ser considerado uma das mais inquietantes promessas do cinema contemporâneo. Cultuado por obras como o policial *The Draughtsman's Contract* (Morte num Jardim Inglês) e *Drowning by Numbers*, une elegância e rigor matemático em altos delírios sobre temas bizarros. Anti-realista, destoa de muitos filmes do empírico e pouco estetizado cinema inglês. Sua mania pictórica inunda todas as seqüências do magnífico *O Sonho do Arquiteto*, filme que é ao mesmo tempo um estudo sobre a Arquitetura como poesia e uma tragédia sobre a solidão e a morte.

Kracklite (Dennehy) é um arquiteto

de Chicago que vai a Roma inaugurar um memorial em homenagem a Etienne-Louis Boulée, um visionário artista do século XVIII, que apenas ele parece conhecer. O americano delira na Itália e escreve o tempo todo para o seu ídolo. Mas sua barriga começa a doer e ele acredita que sua jovem esposa (Chloe Webb, a Nancy de *Sid & Nancy*) o está envenenando. O médico diz que sua doença é resultado de "superexcitação, fadiga, café, comida não caseira e... egoísmo". Mas Kracklite odeia médicos — "sempre olham para você em desvantagem". Mas o pior mesmo nem começou. Sua esposa grávida o está traindo com Caspian, um garanhão peninsular que além do mais quer roubar a exposição na qual o americano se entrega de corpo e alma.

Aqui não se dá apenas o triângulo "marido velho + esposa jovem + cafajeste". A dor no estômago na realidade é um câncer sem salvação. E



Look Video

O arquiteto (Dennehy) sob os olhos da polícia e da História

sua mulher, o que pensa? "Ela não pensa, é americana", dizem. Não obstante, ele tenta comer uma fotografia obcecada por homens barrigudos, irmã de seu rival. Nenhuma moral tradicional fica de pé com o novo cinema inglês. Greenaway hiperex-põe fotos, desenhos, ilustrações e ícones num processo típico do melhor cinema dos anos 80: aquele que fala apenas de um mundo que já é imagem e que representa apenas a própria representação. Daí sua insis-

tência com os monumentos e estátuas milenares, lembrando o recurso eisensteiniano de animar, através da montagem, as formas petrificadas. Tudo emoldurado pela música simétrica de Wim Mertens. Na terra de tantos deuses e imperadores sonhadores, o sonho de Kracklite cai no abismo. O mundo "moderno" está com câncer, não apenas sua barriga. E a arquitetura da Villa Adriana contempla a precariedade de seu destino. Antonio Querino Neto

O EXPRESSO

DA MEIA-NOITE ★★★★★

(Midnight Express, Inglaterra, 1978)

Direção: Alan Parker. Com Brad Davis, Randy Quaid, John Hurt, Bo Hopkins. RCA-Columbia.



O oscarizado roteiro (de Oliver Stone, o diretor de *Platoon* e *Wall Street*) baseou-se na história real do estudante norte-americano Billy Hayes, preso

na Turquia durante anos, após ser surpreendido com uma pacoteira de haxixe ao tentar deixar o país. Para traduzir em imagens essa temporada no inferno, o diretor Alan Parker — um especialista em criar pesadelos, vide *The Wall* e *Coração Satânico* — carregou nas tintas e nas luzes (ou melhor, nas sombras). Com uma ambientação claustrofóbica e uma tensão dramática incessante, ele não teve dó de seu personagem e muito menos do espectador. A seqüência que antecede a detenção de Hayes, no aeroporto, é primorosa: poucas vezes o cinema transmitiu com tanta eficácia um clima de pavor e expectativa. Esse pulso na condução da narrativa compensa eventuais deslizamentos sentimentais ou racistas contidos no roteiro. O resultado final certamente não seria tão bom se não fossem a brilhante atuação de Brad Davis no papel central, a fotografia expressionista de Michael Seresin (habitual colaborador de Parker) e a música eletrizante de Giorgio Moroder, também premiada com o Oscar. Assista. J.G.C.

HENRIQUE VIII E SUAS

SEIS ESPOSAS ★★★★★

(Henry VIII and His Six Wives, Inglaterra, 1972)

Direção: Waris Hussein. Com Keith Michell, Donald Pleasence, Charlotte Rampling, Jane Asher. VTI.



Um bom filme sobre a vida de Henrique VIII, rei da Inglaterra no século

XVI, que rompeu com a Igreja Católica e fundou o anglicanismo porque o papa Clemente VII não quis anular seu casamento com Catarina de Aragão, sua primeira mulher. O filme talvez não tenha alcançado repercussão por apresentar os fatos sem muita preocupação didática, com a vantagem de ser menos cansativo que os filmes rotineiros do gênero.

A ênfase recai sobre os seis casamentos do rei e o final muitas vezes trágico de suas esposas, apenas delineando as razões políticas da Reforma na Inglaterra. Keith Michell é um rei verossímil e Charlotte Rampling foi uma boa escolha para o papel de Ana Bolena, a segunda esposa, presa e morta por ordem do marido devido a sua infidelidade. A produção é bem cuidada e o figurino tem detalhes interessantes, como no caso da roupa do rei, reproduzida a partir de uma pintura da época. As mortes na fogueira são mostradas de uma maneira simples, discreta, uma qualidade rara nos filmes que retratam o período. C.G.L.

A MULHER DO TENENTE FRANCÊS ★★★

(*The French Lieutenant's Woman*, EUA/Inglaterra, 1981)

Direção: Karel Reisz. Com Meryl Streep, Jeremy Irons, Leo McKern. Warner.

O dramaturgo Harold Pinter (autor da peça realista *Volta ao Lar*) adaptou o romance de John Fowles (que escreveu o não menos fundamental *O Coleccionador*) para ser dirigido por Karel Reisz, um dos grandes nomes oriundos do Free Cinema inglês nos anos 60. Da confluência desses três talentos não poderia brotar uma idéia má, e realmente *A Mulher do Tenente Francês* surpreende à primeira vista pela inteligência na construção do roteiro.

Com grande refinamento visual, conta duas histórias paralelas: uma no presente e outra no passado. A trama atual mostra a gravação de um filme e o envolvimento dos atores. A outra entra no filme e traça o amor comovente dos personagens que os dois atores representam (vividos por Meryl Streep e Jeremy Irons). Ele é um cientista da Inglaterra vitoriana e ela, Sarah, uma mulher estranha conhecida como "a mulher do tenente francês". Reisz introduz o espectador no melodrama apenas para distanciar-lo em seguida, desdobrando o filme em dois finais, numa brilhante metalinguagem. A.Q.N.

QUEREM ME ENLOUQUECER ★★★

(*Nuts*, EUA, 1987)

Direção: Martin Ritt. Com Barbra Streisand, Richard Dreyfuss, Maureen Stapleton, Eli Wallach. Warner.

A história de uma personagem intrigante, que rendeu um filme bastante verbal, baseado na peça de Tom Topor, um dos autores do roteiro.

Barbra, também produtora da fita, é Claudia, uma prostituta rica presa por suspeita de homicídio. Até aí, a promessa de uma trama de tribunal, daquelas que se resolvem pela solução mágica de um advogado eficiente. Mas neste caso o advogado é quase que apenas um "intérprete"

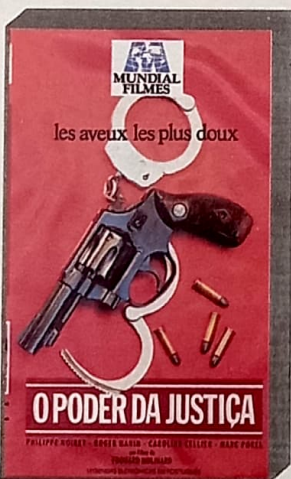
para a fúria da personagem, uma pessoa complexa, difícil e intransigente em sua loucura/lucidez. Ela é uma verdadeira pantera acuada e seu depoimento no tribunal é irônico, com uma comparação entre seus serviços e as esposas que odeiam os maridos mas não o dinheiro deles. Barbra consegue encarnar olímpicamente essa "lady puta".

Dreyfuss, como o advogado, é igualmente competente. Maureen Stapleton e Eli Wallach, respectivamente a mãe e o padrasto da moça, não poderiam ser melhores como padrão de pais hollywoodianos. A direção de Martin Ritt (*Norma Rae*) não tem nada de muito pessoal, mas segura o tempo todo a atenção do espectador. C.G.L.

O PODER DA JUSTIÇA ★★★

(*Les Aveux les Plus Doux*, França, 1971)

Direção: Edouard Molinaro. Com Philippe Noiret, Roger Hanin, Caroline Cellier, Marc Porel. Mundial.



Jean Dubreuil, um ladrão menor e ocasional vivido por Roger Hanin, vê-se em apuros com o malsucedido assalto à bilheteria de um circo. Cercado pela polícia, entrega-se, acreditando que a Justiça poderá beneficiá-lo. Ao ser detido, entretanto, o jovem conhece a disposição da polícia em fazer seu próprio julgamento da situação, antepondo-se à Corte e aos juizes. O inspetor Muller (excelente atuação de Philippe Noiret), in-

sinuando compreensão, sugere à noiva de Jean, Catherine (Caroline Cellier), que se case na prisão, como forma de atenuar a culpa inevitável do rapaz. Após a cerimônia, Jean é pressionado a confessar o crime e a delatar seu cúmplice no assalto, retribuindo, assim, o favor recebido. Mas, juntamente com sua noiva, o detento acaba por questionar a lei e seus representantes. Ágil, inteligente e com direção segura, este duelo dispensa os tribunais como vigoroso palco de suspense e retrata competentemente os métodos escusos de sustentação da Justiça. R.P.

O AMOR NÃO TEM SEXO ★★★

(*Prick Up Your Ears*, Inglaterra, 1987)

Direção: Stephen Frears. Com Gary Oldman, Alfred Molina, Vanessa Redgrave. DIF.

Com este filme, o diretor inglês Stephen Frears (que já tinha feito *The Hit* e *My Beautiful Laundrette*) teve seu nome reconhecido internacionalmente, em grande parte pela sensação causada pela obra no Festival de Cannes de 1987. Retomando o tema do relacionamento homossexual masculino (já desenvolvido por ele em *Laundrette*), Frears construiu uma biografia de Joe Orton — o autor maldito do teatro inglês dos anos 60 — centrada na relação dele com seu amante Kenneth Halliwell.

O roteiro (do teatrólogo Alan Bennett) procura abranger as várias facetas da vida pessoal e profissional de Joe, como sua caça de parceiros sexuais pelos banheiros públicos londrinos e seus encontros com Paul McCartney para discutir a feitura de um script para os Beatles. Tanto Oldman (*Sid & Nancy*), no papel de Joe, como Molina, interpretando Kenneth (melhor ator em Cannes), estão excelentes, sem falar na excepcional Vanessa Redgrave, como a editora de Joe. O problema parece ser a direção pouco inspirada de Frears, que não consegue imprimir um ritmo satisfatório à história, contada em *flashbacks* através de excertos do diário de Joe. C.P.

ESPOSAMANTE ★★★

(*Mogliamante*, Itália, 1978)

Direção: Marco Vicario. Com Marcello Mastroianni, Laura Antonelli, William Berger, Annie Belle e Olga Karlatos. Warner.

Numa cidadezinha italiana do começo do século, um distribuidor de vinhos (Mastroianni) é acusado de um assassinato que não cometeu. Refugia-se num sótão localizado bem em frente à sua casa. Ali, ferido gravemente — e dado como morto pela comunidade —, ele se recupera e vê, pelas frestas de uma veneziana, sua esposa Antonia (Laura Antonelli) passar por uma transformação de estarrecer qualquer marido. E alguns espectadores. Antes do sumiço do esposo, Antonia vivia largada em seu quarto, incapaz de qualquer atitude, num estado próximo à catatonia. A boa atriz Laura Antonelli procura — com relativo êxito — interpretar uma caricatura psiquiátrica de uma mulher afetivamente abandonada e sexualmente reprimida, cuja personalidade se refugia no imobilismo (ela não faz nada o dia todo) para não se machucar e se anular definitivamente. Com o desaparecimento do marido — o pólo opressor, na fórmula um tanto mecânica de Vicario —, ela vê livre o campo para assumir a direção dos negócios e, a partir disso, reencontrar a segurança e o prazer. O que torna tudo picante e deliciosamente sensual é que Laura Antonelli é o que é — sublimemente dentro dos vestidos da *belle époque* e enlouquecedora fora deles. Além disso, refazendo o roteiro do marido negociante ela descobre o lado oculto de seu cônjuge: os textos anarquistas e feministas que ele redigia secretamente, as amantes mais que liberadas, o *ménage à trois*, a lascívia. Tudo esquenta quando o espectador se torna cúmplice do personagem de Mastroianni, que, da janela, assiste às piruetas sexuais da mulher, que passa as madrugadas com a janela escancarada. O pretexto do argumento é pobre — é muito precária a sucessão de motivos que o roteiro de Vicario e Rodolfo Sonego alinham para fazer rolar toda a trama erótica — mas o resultado compensa. E.B.

A ROSA BRANCA ★★★

(Die Weisse Rose, Alemanha Ocidental, 1983)

Direção: Michael Verhoeven. Com Lena Stolze, Wulf Kessler, Oliver Siebert. Univideo.



O grande valor deste filme é o de revelar um aspecto pouco conhecido do público brasileiro: durante a Segunda Guerra, nem todos os alemães eram nazistas, fanáticos ou não, ou alienados que se faziam de cegos para evitar represálias. Costuma-se atribuir apressadamente ao povo germânico uma inconsciência homicida imperdoável. *Rosa Branca* é justamente o nome da organização ilegal e subterrânea que, formada por ditos arianos, rebelava-se contra os excessos obsessivos de Hitler. Era formada por jovens universitários que quase só conseguiam imprimir panfletos explicativos e fazer rápidos discursos em público. O terror repressor impedia maiores manifestações, e logo decidiria desbaratar a "revolução" e castigar os participantes. A força do filme reside na sinceridade com que Verhoeven narra a situação, de resto estruturalmente convencional e acadêmica. Tendo como centro das atenções o casal formado pelos atores Stolze e Kessler, o bom roteiro narra os medos históricos em meio às jovens inseguranças. Há romantismo neste drama de suspense político, que desnuda uma verdade a ser assumida.

Ch.P.

CONFLITOS ÍNTIMOS ★★★

(Emma's War, Austrália, 1985)

Direção: Clytie Jessop. Com Lee Remick, Miranda Otto, Mark Lee e Terence Donovan. Look.

Filme melancólico, que lembra um pouco o clima de *Pic-Nic na Montanha Misteriosa*, de Peter Weir, por mostrar várias cenas de uma adolescente no campo. Em 1942, em Sydney, Austrália, Ane (Lee Remick) espera o marido voltar da guerra, enquanto mantém as duas filhas num internato.

Emma (Miranda Otto), a mais velha, é quem narra a história em *Flashback*, recordando, entre outras coisas, os hábitos religiosos do colégio, de linha indiana. A mãe, na cidade, envolve-se com um marinheiro americano, mas um ataque japonês faz com que ela resolva mudar-se para o campo, levando as duas filhas. Isoladas na nova casa, as meninas não se adaptam muito bem. Um belo dia, encontram um fugitivo de guerra e passam a visitá-lo numa caverna, até que um imprevisto acaba com esse hábito. O final em sépia, mesmo bonito, é decepcionante.

C.G.L.

VIDAS MARCADAS ★★★

(Comrades, Inglaterra, 1987)

Direção: Bill Douglas. Com Robin Soans, William Gaminara, Stephen Baleman, Vanessa Redgrave. Look Video.

Minissérie baseada em fato real: a luta dos trabalhadores de Tolpuddle, Inglaterra, por melhores salários, em 1830.

George Loveless (Soans) é o líder deles, mas suas tentativas de formar um sindicato o levam ao exílio na Austrália com mais cinco companheiros. A produção é boa, o elenco razoável, mas o filme é arrastado, em fita dupla, sem nenhum didatismo histórico, deixando obscuro o desenrolar da trama. As personagens tampouco ficam bem delineadas, talvez porque a edição não tenha sido muito criteriosa. O resultado é um painel abrangente demais, com im-

pacto dramático enfraquecido. A fotografia é de qualidade e as melhores cenas mostram imagens de uma espécie de lanterna mágica, uma precursora do cinematógrafo. Michael Clark, o bailarino inglês, faz uma ponta numa coreografia. Vanessa Redgrave, mesmo sendo o grande nome do elenco, é uma personagem menos importante, com curta participação.

C.G.L.

CAÇA PROIBIDA★★

(Heart of the Stag, Nova Zelândia, 1983)

Direção: Michael Firth. Com Bruno Lawrence, Terence Cooper, Mary Regan. Canal 3.



Pretensiosa mistura de drama e suspense, transcorrida no interior de uma fazenda da Nova Zelândia. Robert Jackson (Terence Cooper), fazendeiro dedicado à criação de carneiros, mantém uma relação incestuosa com a única filha, Cathy (Mary Regan). Extremamente possessivo com tudo que o cerca, Jackson aprecia muito a caça de veados nativos que aparecem em suas terras. Tudo transcorre num clima de aparente harmonia até que surge um estranho, Peter Daley (Bruno Lawrence) e se emprega na fazenda. Ele se interessa pela garota e tenta descobrir a causa do domínio excessivo que o pai exerce sobre ela. Desven-

dado o mistério, o empregado foge com Cathy e o pai inicia uma caçada aos dois.

À primeira vista, esta parece ser uma história muito ousada. Mas, ao contrário, opta por soluções previsíveis e se recheia de clichês melodramáticos, como uma mãe deformada e presa a uma cadeira de rodas. Nem mesmo as interpretações corretas e a música tensa (de Leonard Rosenman) conseguem salvar a fita da mediocridade.

A.L.

O AUTÓGRAFO ★★★

(The Autograph, Alemanha, 1984)

Direção: Peter Lilienthal. Com Juan J. Mosalini, Angel Del Villar e Anna Larreta. Express.

Mais uma vez Peter Lilienthal, um dos representantes do novo cinema alemão, volta os olhos para a América Latina à procura de argumentos. Não é mero acaso. Lilienthal, judeu alemão, passou sua adolescência refugiado do nazismo no Uruguai. Talvez por isso insista, como em *O Autógrafo*, na busca de metáforas para denunciar a repressão e violência das ditaduras militares.

Flores, uma pequena cidade imaginária, é o microcosmo de um país qualquer latino-americano governado com mão de ferro. Palco de um festival de variedades megalomaniacas, convida duas celebridades — Galvan (Mosalini), "o maestro dos maestros", e Rocha (Del Villar), campeão dos peso-pesados — para dar brilho ao acontecimento. Os dois caem de pára-quedas. Festejados na chegada, em pouco tempo passam a ser perseguidos pela polícia política, numa trama que se confunde um pouco ao acentuar demais a arbitrariedade do regime. Mas mesmo com os excessos típicos do cinema engajado, *O Autógrafo* se salva. Lilienthal parece não ter esquecido que o cinema, antes de mais nada, é imagem em movimento.

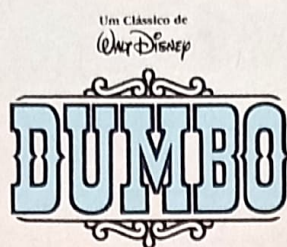
E é uma linguagem esmerada que predomina neste filme, que traz também uma boa trilha sonora (curiosamente, assinada por Mosalini, o maestro).

B.F.

Bem vindo ao mundo mágico



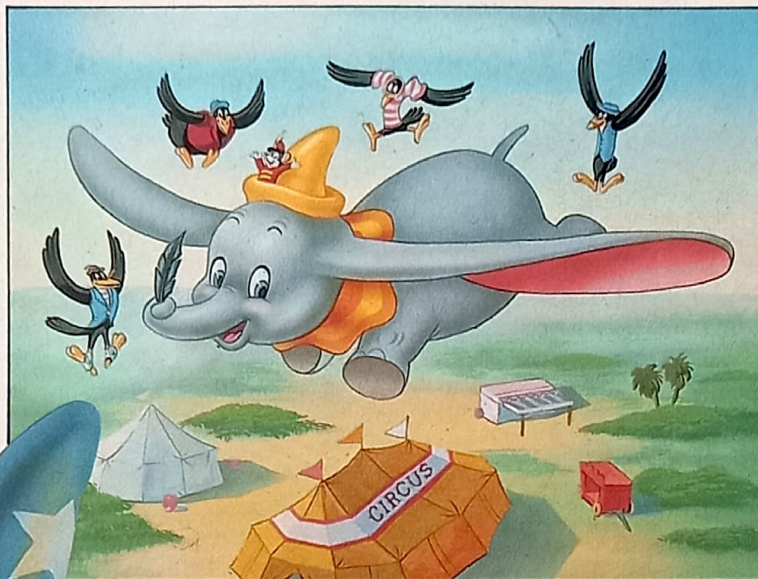
Agora, em vídeo, as inesquecíveis



Eis um clássico do desenho animado que comove gerações. Uma obra-prima de Disney que arrebatou o Oscar de melhor música e entrou para a história do cinema.

ONATAL DO MICKEY MOUSE

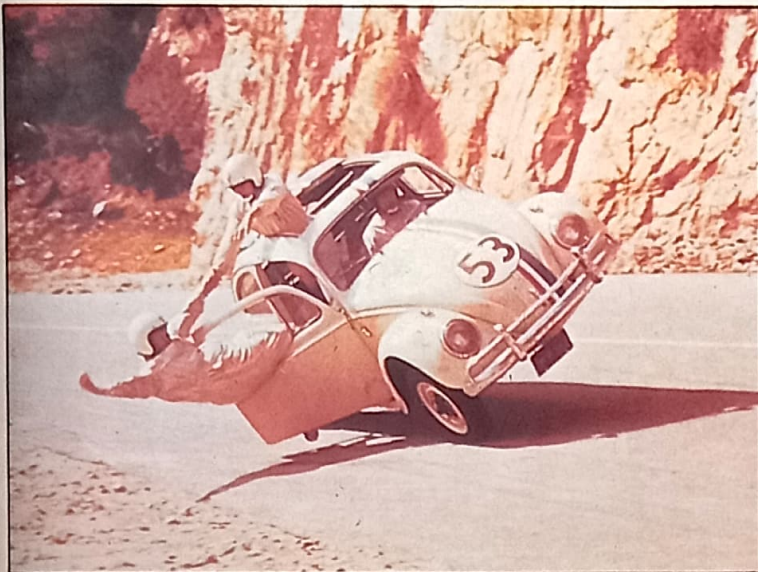
Uma fantasia emocionante de Mickey, Pateta, Donald e Tio Patinhas baseada no famoso conto de Charles Dickens.



imagens de **WALT DISNEY**

SE MEU FUSCA FALASSE

A louca aventura de Herbie - o fusquinha, que deu origem à série e levou milhões de pessoas aos cinemas de todo o mundo.



A Estrela De Natal

A mais linda aventura vivida por Papai Noel, num clima de muito carinho e emoção. Uma fantasia que só os Estúdios Disney poderiam realizar.



VIAGEM CLANDESTINA

Público e crítica vibraram com esta belíssima produção. Uma requintada e fiel reconstituição da década de 30 nos Estados Unidos.



Finalmente, chegaram ao Brasil, os vídeos mais vendidos do mundo. Fantasia, emoção, ternura, muita ação e diversão, nos filmes de Walt Disney. Você vai gostar de rever as imagens que ficaram gravadas na sua memória.

Nos vídeos Disney, as dublagens e legendagens são claras e precisas.

As cópias são produzidas nos melhores laboratórios e controladas rigorosamente, garantindo imagens de extrema qualidade.

Ponha emoção e aventura no seu vídeo, com as histórias que encantam milhões de pessoas no mundo todo.

Peça em sua locadora.

WALT DISNEY

HOME VIDEO

abril vídeo



ATENÇÃO: Este holograma, colado nas embalagens e fitas Disney, é a sua garantia de qualidade original.

Vendas em todo o Brasil

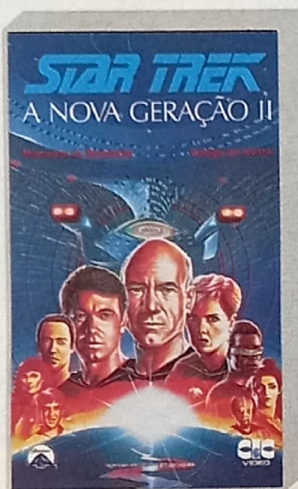
São Paulo (011) 814.8803 ou 814-8426 • SP/Ribeirão Preto (016) 624.1117
• RS (0512) 34.4700 • DF/GO (061) 243.8815 • PE (081) 224.2124 • BA (071)
235.7107 • MG (031) 222.7519 • PA (091) 226.9130 • AM (092) 234.8164
• PR/ Curitiba (041) 256.5957 • Londrina (0432) 24.6812 • MT (065)
321.2011 • MS (067) 624.9002 • SC/ Blumenau (0473) 22.3081
• Florianópolis (0482) 23.6975

FICÇÃO

STAR TREK: A NOVA GERAÇÃO II ★★ ★

(Star Trek: The Next Generation, EUA, 1987)

Direção: Paul Lynch, Russ Mayberry. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes, Denise Crosby. CIC.



Em vídeo, dois episódios da nova geração de *Jornada nas Estrelas*, produzidos por Gene Roddenberry para a TV americana, e que só devem chegar à TV brasileira em 1990. Desta vez, os episódios são apresentados em seu ritmo normal, televisivo, com duração inferior a 60 minutos cada e com utilização contida da parafernália de efeitos da Industrial Light & Magic; exatamente o oposto do piloto (*A Nova Geração I*). Os novos episódios capitalizam o espírito da velha série. Em *Momento de Revelação*, há referência direta a uma aventura da tripulação de Kirk. As pessoas a bordo contraem um vírus semelhante ao que, décadas atrás, quase destruiu a primeira nave Enterprise. Os personagens afetados passam a se comportar impulsivamente, criando situações bastante divertidas. A melhor delas é a transa da andrógina oficial de Segurança Tasha Yar com o andróide Data. Em *Código de Honra*, Tasha é raptada por uma raça de guerreiros para se tornar a mulher de seu líder. Para conquistar a liberdade, ela precisa

lutar contra a antiga mulher do soberano de Lingon II. O final surpreendente mantém o pique da saudosa série. Ao que tudo indica, o programa mais caro da TV está seguindo os passos do mais criativo. O resultado tem atingido picos de audiência e mantido a temperatura da febre *trekkie* em alta. Mantenha-se ligado para os próximos capítulos. M.P.

AVENTURA

SOB FOGO CERRADO ★★ ★

(Under Fire, EUA, 1983)

Direção: Roger Spottiswoode. Com Nick Nolte, Gene Hackman, Joanna Cassidy, e Jean-Louis Trintignant. Globo Vídeo.



O que pode acontecer quando um repórter fotográfico vai cobrir uma guerra e resolve deixar de lado a tão falada imparcialidade da imprensa? Segundo o diretor Spottiswoode (do recente *Atirando para Matar*), sairá vitorioso o lado para o qual pender o jornalista. A ação se inicia no país africano do Chade, em meio a uma guerra civil, quando o repórter (Nolte) se une ao casal de correspondentes (Hackman e Joanna Cassidy) e, de lá, partem para a Nicarágua, já nos momentos finais da revolução sandinista, em 1979. Sem perda de tempo, Nolte envolve-se com a colega jornalista e com os destinos da

revolução. Seguem-se muita ação, ótimas interpretações e cenas semi-documentais da mobilização popular em favor dos guerrilheiros, mas o filme desliza ao fantasiar a participação da imprensa norte-americana na resolução do conflito. O que o salva é que foi realizado numa época em que era maior a simpatia pelos sandinistas e, por isso, mostra que a corrupção e o barbarismo da ditadura somozista ganhavam de longe dos erros cometidos depois pelos revolucionários. M.B.

NA ROTA DO ORIENTE ★★ ★

(High Road to China, EUA, 1983)

Direção: Brian G. Hutton. Com Tom Selleck, Bess Armstrong, Jack Weston. F.J. Lucas.



High Road to China segue na rota de Indiana Jones. E não por acaso. Quando Spielberg deu a partida na produção de *Os Caçadores da Arca Perdida*, Tom Selleck foi o primeiro a ser sondado para o papel. Mas o rígido contrato assinado com a série *Magnum* impediu-o de se desligar da televisão. Seria o seu primeiro grande papel no cinema depois de amargar uma série de pontas. A oportunidade viria dois anos depois, quando Weintraub, o produtor, lhe ofereceu a chance de fazer o aventureiro que ele não pôde em 1981. Aceitou na hora e não deixou quase nada a dever ao velho Indiana. É claro que Selleck não tem o

charme de Harrison Ford, mas não falta talento ao seu intrépido e beerrão O'Malley.

A jovem milionária Eve (Bess Armstrong) entra em parafuso quando se vê obrigada a achar o seu excêntrico pai, desaparecido há cinco anos para lá de Badgá, se não quiser ver sua herança cair nas mãos de um inescrupuloso sócio da família. Sua única chance: o velho O'Malley e seus ainda mais velhos aviões. Em menos de dez minutos, o roteiro já está no ar, aliás, uma especialidade de Hutton, diretor do emocionante *Desafio das Águias*. Filmado em locações na Iugoslávia, o filme tem ótimas seqüências aéreas e acaba numa grande batalha em torno de um castelo chinês. Esqueça Indiana Jones. A namoradina de O'Malley é muito mais bonita. T.C.

007 CONTRA

OCTOPUSSY ★★ ★

(Octopussy, Inglaterra, 1983)

Direção: John Glen. Com Roger Moore, Maud Adams, Louis Jourdan. Warner.

Não é um pássaro, avião ou Super-Homem — é James Bond, o agente secreto inglês 007. Nesta décima terceira aventura no cinema e sexta de Roger Moore, Bond tem a missão de descobrir o que há por trás de um suposto fluxo de jóias russas falsificadas. Lógico, há pistas (fogosas garotas) que o levarão direto para os braços, camas e solução do caso. No seu caminho está a bela e rica Octopussy (Maud Adams), dona de um palácio guardado por lindas guerreiras, que encobrem um plano de colocar uma bomba numa base americana na Alemanha Ocidental. A ação não pede licença ao fôlego do espectador: Bond pula de cipós como Tarzan, dirige um carro que vira jatinho, briga em cima de trens em velocidade e voa agarrado às asas de um avião. Nada é verossímil neste agente "com o péssimo hábito de sobreviver". E contra a maldade russa há sempre uma recompensa feminina por perto. Oh, que delícia de guerra fria! W.S.

A Abril Vídeo e a Touchstone Pictures apresentam



A Cor do Dinheiro foi aplaudido por milhões de pessoas.

É um filme que reúne duas gerações de astros: Paul Newman, Oscar de melhor ator e Tom Cruise, o galã de Top Gun.

Concorreu também ao Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante, Roteiro Adaptado e Direção de Arte. E foi dirigido pelo consagrado Martin Scorsese.

Sem dúvida, um filme que tinha tudo para dar certo.

E deu. A história de Eddie Felson (Newman) e Vince (Tom Cruise) que disputam, numa mesa de sinuca, o amor de Carmen (Elizabeth Mastrantonio), mexe com as pessoas.

Você tomará partido. Sem dúvida.

Peça em sua locadora.



TOUCHSTONE
HOME VIDEO


abril vídeo



Atenção: Este holograma, colocado nas embalagens e fitas Touchstone, é a sua garantia de qualidade original.

Vendas em todo o Brasil

São Paulo (011) 814.8803 ou 814-8426 • SP/Ribeirão Preto (016) 624.1117
• RS (0512) 34.4700 • DF/GO (061) 243.8815 • PE (081) 224.2124 • BA (071) 235.7107 • MG (031) 222.7519 • PA (091) 226.9130 • AM (092) 234.8164
• PR/ Curitiba (041) 256.5957 • Londrina (0432) 24.6812 • MT (065) 321.2011 • MS (067) 624.9002 • SC/ Blumenau (0473) 22.3081
• Florianópolis (0482) 23.6975

COMÉDIA

OS CAÇAFANTASMAS ★★☆☆

(Ghostbusters, EUA, 1984)

Direção: Ivan Reitman. Com Bill Murray, Dan Aykroyd, Harold Ramis, Sigourney Weaver. RCA-Columbia.



Afastados de suas funções na universidade, os cientistas Peter Venkman (Murray), Raymond Stantz (Aykroyd) e Egon Spengler (Ramis) resolvem abrir um negócio promissor em Nova York: uma agência de caça-assombrações. Sob o lema "nenhum trabalho é suficientemente grande, nenhuma gorjeta é enorme o bastante", os pesquisadores testam sua eficiência no apartamento de Dana Barrett (Sigourney Weaver), que se torna a hospedeira da entidade demoníaco-sensual Zuul. "Fizemos apenas uma versão moderna dos filmes antigos de fantasma", declarou, à época do lançamento, o ator Aykroyd, que assina o roteiro com Harold Ramis. O trio de comediantes funciona com exatidão, os diálogos são inteligentes e cínicos, Bill Murray (no papel que inicialmente havia sido imaginado para John Belushi, morto em 1982) constrói o tipo "insano tranqüilo" com a precisão habitual e Sigourney faz a ele um divertido contraponto. Há ainda a fotografia exuberante de Lazo Kovaks e os efeitos visuais nada modestos de Richard Edlund (Oscar por *Guerra nas Estrelas* e *Os Caçadores da Arca Perdida*). Diversão segura. R.P.

A GENERAL ★★★★★

(The General, EUA, 1927)

Direção: Buster Keaton, Clyde Bruckman. Com Buster Keaton, Marion Mack. Century.

Esta é, reconhecidamente, a obra máxima de Keaton, único comico do cinema mudo a ter o mesmo prestígio de Chaplin. Enquanto este, humanista, fazia humor a partir do personagem para a ação, Keaton fazia humor partindo da ação para o personagem. Foi um grande "engenheiro de comédias". Como diretor e ator, planejava com absoluta precisão. Aqui ele interpreta Johnny Gray, um engenheiro de ferrovia que tem uma locomotiva chamada General. Ele é um sulista na Guerra de Secessão que tenta se alistar, para orgulho geral de sua região e de sua amada Annabelle (Marion Mack), mas é recusado. Quando os inimigos sequestram suas duas amadas (a namorada e a General), ele toma sozinho outra locomotiva e parte para o



Buster Keaton entre os sulistas, pouco antes do roubo da General

norte em busca do que é seu. Começa então uma evolução de gags violentas, com imprevisíveis e espetaculares artimanhas físicas, dignas de um gênio — como o canhão, no segundo vagão do seu trem, que está prestes a atirar e tomba apontando para ele. No momento do disparo, uma curva muda a rota do projétil e acerta o inimigo, que já sumia numa outra curva adiante. Na primeira parte do filme ele persegue os inimigos até o norte. Enquanto (sempre em movimento) ele corta lenha para combustão, a câmera registra batalhões do norte descendo ao sul e, mais adiante, sulistas recuando, como se ele fosse um observador impessoal da guerra. A estratégia para recuperar a namorada e a General é tão no-

tável quanto a de qualquer ótimo 007. A outra metade faz o caminho inverso: mostra sua fuga para o sul, com os inimigos o perseguindo. Seus inventos se multiplicam numa progressão incontrolável. A sofisticada inteligência é seu instrumento de luta. O resultado é um humor compenetrado e meticuloso. *A General* mostra um homem ao mesmo tempo positivo e romântico com a máquina e a mulher. Johnny não é um coitado como Carlitos. E, apesar de estar excluído da sociedade, se insere nela com naturalidade ativa. A recompensa tarda mas não falha. A fotografia bucólica, de composição geométrica, é belíssima. Diante deste raro exemplar do cinema mudo, simplesmente não há palavras. Walter Silva

MEU FILHO NERO ★★

(Mio Figlio Nerone, Itália/França, 1956)

Direção: Steno. Com Alberto Sordi, Gloria Swanson, Vittorio De Sica, Brigitte Bardot. F.J. Lucas.



Chanchada italiana com humor essencialmente verbal e poucos momentos realmente engraçados. A maior atração é o insólito elenco: a

gloriosa Swanson é a megera Agripina, mãe dominadora do palerma Nero (Alberto Sordi), que se recusa a guerrear contra os inimigos do Império Romano, preferindo torturar seus próprios súditos com suas cantorias. Vittorio De Sica é o filósofo Sêneca, amigo e conselheiro de Nero, e a novata Brigitte Bardot é Poppea, noiva do imperador. Boas piadas são prejudicadas pela marcação excessivamente teatral das cenas e pela pobreza da produção, que faz lembrar os especiais da TV Record dos anos 60, com Ronald Golias e Hebe Camargo. Apesar — ou por causa — disso, um filme simpático. J.G.C.

QUEM É ESSA GAROTA? ★★☆☆

(Who's That Girl?, EUA, 1986)

Direção: James Foley. Com Madonna, Griffin Dunne, Haviland Morris. Warner.

Após sacudir o mundo pop como a mina de ouro da WEA e como um fe-

tiche dançante, de crucifixo e roupa de baixo sobre a roupa de cima, Madonna aportou no cinema. Depois do ágil e bem bolado *Procura-se Susan Desesperadamente*, a estrela explode com este outro imbróglio dirigido pelo excelente James Foley (*Reckless* e *Caminhos Violentos*), cuja segura libidinal de estilo dispensa comentários.

Madonna (melhor personalidade do que atriz) é Nikki Finn, que, após umas "férias" injustas na prisão, tenta limpar o nome e descobrir o verdadeiro culpado. Nessa empreitada, conta com ninguém menos que Griffin Dunne como Loudon Trott, um yuppie atrapalhado incumbido pelo tirânico sogro (John McMarin) de despachar a moça para Filadélfia e recolher um puma para a coleção de um grã-fino. Ao auxiliar a fatal, agressiva, louca, atrevida e sexy Nikki, Dunne confirma sua sina demonstrada em *Depois de Horas* de entrar em fúria por causa das mulheres. E a comédia, graças a Foley, atinge uma modesta eficácia. A.Q.N.

TECNOLOGIA É INOVAÇÃO

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS



NOVA LINHA DE VIDEOCASSETES SHARP

O Brasil acaba de passar à frente de todo mundo. A nova linha de videocassetes Sharp tem inovações que nem os importados têm ainda. Com a garantia e a segurança que os importados nunca vão dar.

De cara, você já gosta do design: eles são os mais slims entre os slims. São também mais completos por dentro e muito mais simples por fora. Eles têm mais recursos do que qualquer outro e seu desempenho é muito superior. Só para dar um exemplo, a sofisticação chega a tal ponto que existem 32 funções no exclusivo controle remoto programável, com visor de cristal líquido. Mas o jeito mais fácil de perceber a tecnologia Sharp é ligar: a nova linha de videocassetes, com modelos de 2, 3 ou 4 cabeças tem a melhor qualidade de imagem e cores. Conheça-os: você nunca viu nada igual.

SHARP

É SÓ LIGAR

GRUPO MACHLINE

Os vídeos mais alugados

TOOTSIE ★★★

(EUA, 1982)

Direção: Sydney Pollack. Com Dustin Hoffman, Jessica Lange, Teri Garr, Bill Murray. RCA-Columbia.

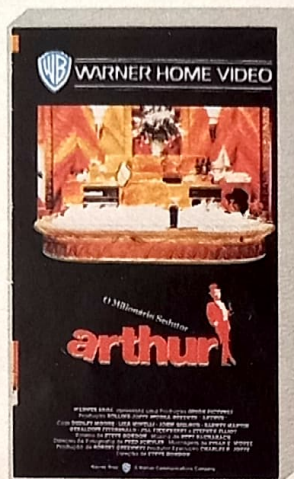


Comedião. Os méritos deste saco de risadas cabem à inspirada interpretação de Hoffman e ao roteiro, que retoma a velha tradição da comédia de erros. Hoffman interpreta um ator farto de estar desempregado. Para conseguir um papel numa série de TV, ele inventa uma personagem, Dorothy Michaels. E aí começam seus problemas, pois Dorothy é aprovada para o papel — e mais, *ela* atinge um sucesso inédito na carreira *dele*. Hoffman e seu alter-ego vão se enredando em situações cada vez mais equívocas e absurdas. *Ele* se apaixona por uma colega de trabalho (a bela e doce Jessica Lange), cujo pai se apaixona por *ela*. A namorada dele (Garr) desconfia que *ele* está tendo um caso, mas o caso que ele gostaria de ter (Jessica) acha que *ela* é sapato. E por aí vai. O mais engraçado é que Dorothy, na realidade um homem, acaba virando uma espécie de heroína do feminismo. Hoffman se desdobra com perfeição em seus dois papéis. A *love story* entre ele e Jessica Lange é daquelas que fazem o espectador torcer para dar certo. O irregular Pollack (que depois ganharia uma pena de Oscar com o anônimo *Entre Dois Amores*) aproveitou o bom elenco e o roteiro bem equilibrado para fazer um filme engraçado e simpático. B.A.

ARTHUR, O MILIONÁRIO SEDUTOR ★★★

(Arthur, EUA, 1981)

Direção: Steve Gordon. Com Dudley Moore, Liza Minnelli, John Gielgud, Geraldine Fitzgerald. Warner.



Esta comédia romântica é a única de Steve Gordon, que foi roteirista de TV antes de se aventurar na direção de cinema e morrer um ano depois. Levou dois Oscars em 1981 — o de ator coadjuvante para Gielgud e o de melhor música ("Best that You Can Do"). Perfeito para quem quer se divertir sem fazer esforço, o filme é um conto de fadas atualizado. Linda (Liza Minnelli) tem algumas semelhanças com a velha Cinderela. É uma garota pobre que quer ser atriz, mora com o pai desempregado e trabalha num *fast food*. Ainda consegue achar que é feliz. O príncipe — Arthur (Dudley Moore) — é cinico porque tem muito dinheiro mas não sabe o que fazer com ele. Os dois, é óbvio, se apaixonam. Acontece que o pobre menino rico está comprometido. E só vai colocar as mãos numa irrecusável herança se honrar seus compromissos com a noiva, uma dondoca absolutamente insignificante. O dilema não pode ser desconsiderado, afinal são 750 milhões de dólares. A fada bondosa é interpretada por Gielgud, uma espécie de preceptor de Arthur, que se sensibiliza com o romance e tenta um final feliz para os dois. B.F.

ANIMAÇÃO

BETTY BOOP CLASSICS ★★★

(EUA, 1932/37)

Direção de animação: Dave Fleischer. D.I.V.

Neste terceiro lançamento da D.I.V., o segundo colorizado por computador, Betty mostra todo o seu fulgor libidinoso. Aqui estão alguns dos episódios mais provocantes (é o melhor pacote até agora). Desembarçada e cantando as melhores canções de jazz da época, que levavam todos à descontração, Betty faz das suas. Leva uma cantada do patrão barrigudo e até que topa uma transadilha. Como garçonne, promove uma comilança que manda até a lua para o hospital. Participa de uma corrida com o charme de uma Penélope. Irritada com o barulho e a neurose da metrópole, se imagina juíza e sonha com perversões e castigos que a aliviam. Há um espetacular show no Japão, para o delírio das massas, e um impecável desfile de moda cheio de sensualidade. E para terminar ela mostra como mantém esse corpinho e saúde — é malhando com muita diversão. W.S.

A RATINHA VALENTE ★★★

(The Secret of NIMH, EUA, 1982)

Direção de Animação: Don Bluth. Warner.



- 1 **Atração Fatal** (CIC)
- 2 **Viagem Insólita** (Warner)
- 3 **Super Xuxa Contra o Baixo-Astral** (Globo)
- 4 **Os Intocáveis** (CIC)
- 5 **Star Trek — A Nova Geração** (CIC)
- 6 **Platoon** (Columbia)
- 7 **O Segredo do Meu Sucesso** (CIC)
- 8 **As Bruxas de Eastwick** (Warner)
- 9 **O Nome da Rosa** (Globo)
- 10 **Veludo Azul** (Tec Home Video)

FONTES: Omni, 2001, Rentacom, Real Video, Video Factory, Video Norte (SP) Video 4 Clube, Video Clube Shack, Video Laranjeiras (RJ), Cinemateca Ltda (MG), Video Hobby (BA), Video Locadora Gaucha (RS), Video Service (DF).

Esta animação não saiu dos Estúdios Disney. A associação é imediata, pois, em tudo, *A Ratinha Valente* lembra *Branca de Neve*, *Bambi* etc. do tio Disney. Não é para menos. Bluth trabalhou com Disney até optar pela carreira solo. Ele, que depois faria *Fievel — Um Conto Americano* (1986), teve sua grande estréia com este longa. A heroína é a meiga ratinha Brisby, viúva do herói Johnathan Brisby. Ela mora no subsolo de uma fazenda com seus filhinhos e tem de remover sua casa (uma caixa), pois um trator vai arar a região. Para agravar a situação, um de seus ratinhos está de cama com pneumonia. Com uma pequena ajuda do estovado corvo Jeremias e de outros amigos, ela vai ao encontro dos ratos superinteligentes, que escaparam do laboratório NIMH graças à coragem de seu falecido marido. Apesar dos percalços, todos ajudarão a pobre ratinha, para o triunfo eletrizante do Bem. A riqueza de cores e efeitos é impressionante. W.S.

A Mesma Qualidade da JVC Você Encontra nas Autorizadas Tecnovideo

REDE AUTORIZADA TECNOVIDEO. PARA ATENDER SEU JVC EM TODO O PAÍS.

Somente os postos relacionados estão autorizados e orientados pela TECNOVIDEO para prestar serviços de assistência técnica, manutenção e venda de peças originais JVC. Caso seu equipamento apresente defeito, procure a oficina mais próxima ou ligue (011) 815-9144 - Central de Atendimento Técnico JVC. Para casos de garantia, consulte o Certificado de Garantia Tecnovideo/JVC.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA



CENTRAL DE ATENDIMENTO

R. Potiguar de Medeiros, 67 - Pinheiros - SP
Fone: (011) 815-9144

ALAGOAS

MACEIO
KIM'S ELECTRONICS LTDA. R. Barão de Atalaia, 509 - 57025 fone: (082) 221-7509

AMAZONAS

MANAUS
TECNOVIDEO DA AMAZÔNIA LTDA. R. Guilherme Moreira, 297 - 69000 fone: (092) 232-5824
GETÚLIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) R. Mundurucus, 114 Centro 69000 fone: (092) 233-2633

BAHIA

SALVADOR
VIDEO HOBBY SERVIÇOS ELETRÔNICOS LTDA. Av. Manoel Dias da Silva, 1721 Pituba 41830 fone: (071) 240-6511

CEARÁ

FORTALEZA
ELETTRONICA UIB LTDA. R. Solom Pinheiro, 773 - 60050 fone: (085) 231-0722

DISTRITO FEDERAL

BRÁSILIA
VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA. SCRN 704/5 Bloco H Sala 9 - 70730 fone: (061) 274-9085

GOIÁS

GOIÂNIA
RADIOBIA TEC. RÁDIO TELEVISÃO LTDA. Av. Independência, 5844 - 74320 fone: (062) 224-4033

MARANHÃO

SÃO LUIS
VIDEO ELETRÔNICA LTDA. Av. Colares Moreira, 1098 São Francisco 65070 fone: (098) 227-2151

MATO GROSSO

CUIABÁ
VIDEOTEC COM. REPRESENTAÇÕES LTDA. Av. Tenente Coronel Duarte, 101 - 78040 fone: (055) 322-8711

MINAS GERAIS

ARAXÁ
ELETTRONICA CENTER SON LTDA. Av. Imbiara, 188/C - 38180 fone: (034) 661-1132

BELO HORIZONTE
VIDEO SYSTEMS LTDA. R. da Bahia, 2100 Bairro de Lourdes 30180 fone: (031) 335-3222

ITAJUBÁ
ANGSTROY IND. COM. E REPRES. LTDA. R. Eugênio Sales, 85 - 37500 fone: (035) 622-1842

UBERLÂNDIA
CENTER SON LTDA. Av. Dr. Afrânio Rodrigues da Cunha, 141 - 38400 fone: (034) 236-9953

UBERABA
ELETTRONICA GRM LTDA. (CENTER SON) R. São Benedito, 110 - 38100 fone: (034) 336-3430

VARGINHA
BORGES & LAGO LTDA. Praça Getúlio Vargas, 123 - 37100 fone: (035) 221-3944

PARÁ

BELEM
TOMIOKA & CIA. LTDA. Av. José Bonifácio, 1012 Loja C - 66000 fone: (091) 229-3330

PARAÍBA

JOÃO PESSOA
ELETTRONICA TECHNISON LTDA. Av. Cruz das Armas, 934 - 58060 fone: (083) 221-0105

PARANÁ

CURITIBA
ELETTRONICA OSAKA LTDA. R. Marechal Floriano Peixoto, 723 - 80010 fone: (041) 232-3993

LONDRINA
AVC. PRODUÇÕES E COMÉRCIO DE VIDEO LTDA. Av. Higienópolis, 637 Loja 3 - 86020 fone: (0432) 24-1871

MARINHA
M. J. INFORMÁTICA LTDA. R. Neo Alves Martins, 2789 SJ3 Térreo 87013 fone: (0442) 22-7656

PERNAMBUCO

RECIFE
UNIVIDEO ELETRÔNICA LTDA. Av. Domingos Ferreira, 854 Loja 9 - 51011 fone: (081) 326-4843

PIAUÍ

TERESINA
VIDEO TÉCNICA LTDA. R. Rui Barbosa, 960-N Loja A - 64000 fone: (086) 222-6637

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
HERTZ ELETRÔNICA LTDA. R. Santo Antônio, 675 - 59035 fone: (084) 222-2427

RIO GRANDE DO SUL

NOVO HAMBURGO
SINAL LOPE DOS SANTOS R. Bento Gonçalves, 2341 - 93510 fone: (0512) 95-4912

PORTO ALEGRE
ASSISTEL ASSIST. TEC. & COM. LTDA. Av. Alberto Bins, 830 - 90030 fone: (0512) 26-4977

SANTA MARIA
ELETR. RIZZI IND. E COM. LTDA. Av. Medianeira, 2185 - 97100 fone: (055) 221-5054

RIO DE JANEIRO

NITERÓI
SYNEMPER TELE RÁDIO LTDA. R. Saldanha Mazinho, 3 Loja B - 24030 fone: (021) 722-0736

RIO DE JANEIRO
THACY ELETRÔNICA LTDA. R. Conde Bernadote, 26 LOJA F - 24430 fone: (021) 259-5946

PERFORMANCE BROADCAST VIDEO LTDA. R. Conde de Bonfim, 615 Loja 203 - 20520 fone: (021) 278-4848

NATI SERVICE COM. DE APARELHOS ELETRÔNICOS LTDA. R. Carolina Machado, 160 Loja A - 21351 fone: (021) 330-2397

VIDEOMARTE ASSIST. TEC. LTDA. Av. Mal. Henrique Lott, 120 Loja 103 - 22600 fone: (021) 325-1481

VIDEOMATIC COMERCIAL ELETR. LTDA. R. General Polidoro, 177 Loja D - 22280 fone: (021) 295-3849

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS
ELETTRONICA AURO LTDA. R. Fúlvia Aducci, 612 - 88000 fone: (0482) 44-0757

SÃO PAULO

TECNOVIDEO ENG. E PROJETOS LTDA. R. Potiguar de Medeiros, 67 - 05422 fone: (011) 815-9144

STEREOPLAN STUDIO DE SOM LTDA. (TECNOVIDEO)

Av. Pedroso de Moraes, 1225 - 05419 fone: (011) 814-8555

ELETTRONICA PALM LTDA. (TECNOVIDEO) R. do Sumidouro, 305 - 04528 fone: (011) 813-6300

ARACATUBA
E. C. VIGNOTO E CIA. LTDA. Av. Luiz Pereira Barreto, 799 A - 16100 fone: (0186) 22-2507

ARARAQUARA
GALETTI E CIA. LTDA. - ME. Av. Espanha, 508 - 14800 fone: (0162) 36-3537

BAURUR
ELETTRONICA ASAMI LTDA. R. Monsenhor Claro, 2-37 - 17100 fone: (0142) 23-9551

BIRIGUI
E. C. VIGNOTO E CIA. LTDA. R. Saudades, 454 - 16200 fone: (0186) 42-4011

CAMPINAS
TECNICENTRO IND. E COM. LTDA. R. Dr. Quirino, 1674 - 13015 fone: (0192) 31-2177

LIMEIRA
ELETTRONICA SERVTEL LTDA. Av. Piracicaba, 83 - 13480 fone: (0194) 41-3179/41-6496

RIBEIRÃO PRETO
PAULESON COM. LTDA. R. Ceará, 812 - 14100 fone: (016) 634-9655

ANTÔNIO JOSÉ ANDRADE R. Campos Salles, 168 - 14015 fone: (016) 625-9446

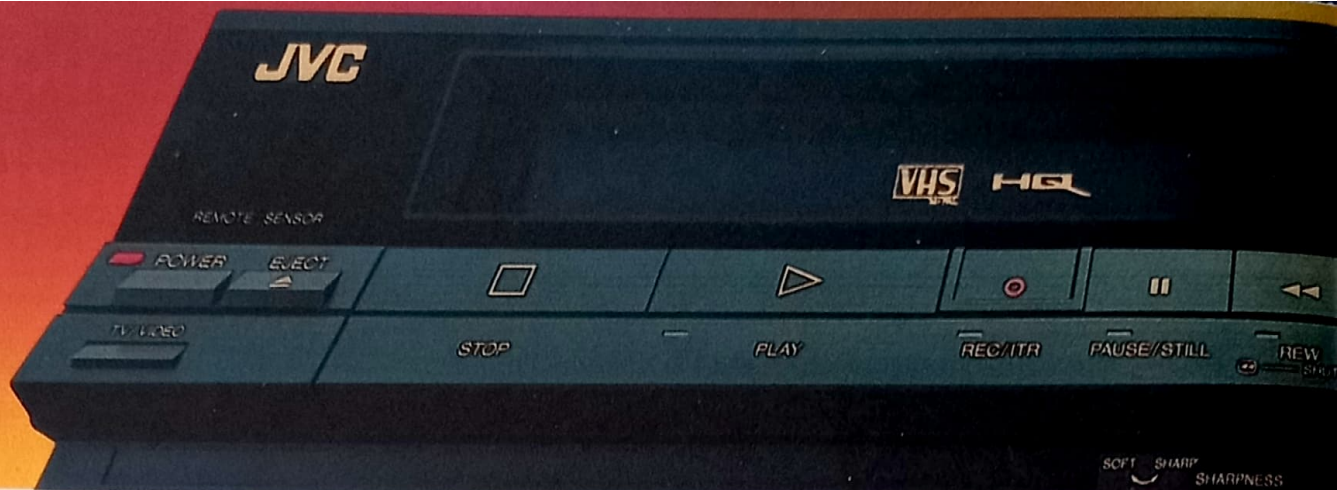
SANTO ANDRÉ
ELETTRONICA GILDA Av. Higienópolis, 298 - 09735 fone: (011) 440-1309

SANTOS
ELETTRONICA MHR PCS E SERVIÇOS LTDA. Av. Washington Luiz, 173 - 11015 fone: (0132) 34-5973

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
SERVICE NEW COM. ELETRÔNICA LTDA. Av. Francisco José Longa, 540 - 12245 fone: (0123) 22-0100

TUPÁ
NAKATAMI E OTSUBO LTDA. R. Iporans, 806 - 17600 fone: (0144) 42-2553

JVC



Cada vez que as cabeças da JVC começam a funcionar, a tecnologia do vídeo avança mais um pouco.

A emoção fica à flor da tela, mais viva e nítida que nunca. E o coração da gente bate mais forte.

Por trás dessa emoção estão 30 anos de pesquisa e aperfeiçoamento, criando novos recursos, tais como o próprio formato VHS ou os sistemas EP, Hi-Fi, HQ, CTL e o SUPER-VHS. Esse pioneirismo continua garantindo inovações constantes:



ÍNDICE DE BUSCA AUTOMÁTICA

Localiza automaticamente o início dos programas

gravados, além de permitir a marcação ou apagamento manual dos códigos de localização.



MEMÓRIA COMBINADA DE FUNÇÕES

Para evitar as longas esperas pelo retrocesso ou avanço da

fita para só então, comandar outra função, o HR-D227 M permite a programação combinada das funções REW e FF com PLAY, EJECT ou desligando.



CONTROLE REMOTO COMPUTADORIZADO

Para um completo controle de todas as funções do seu

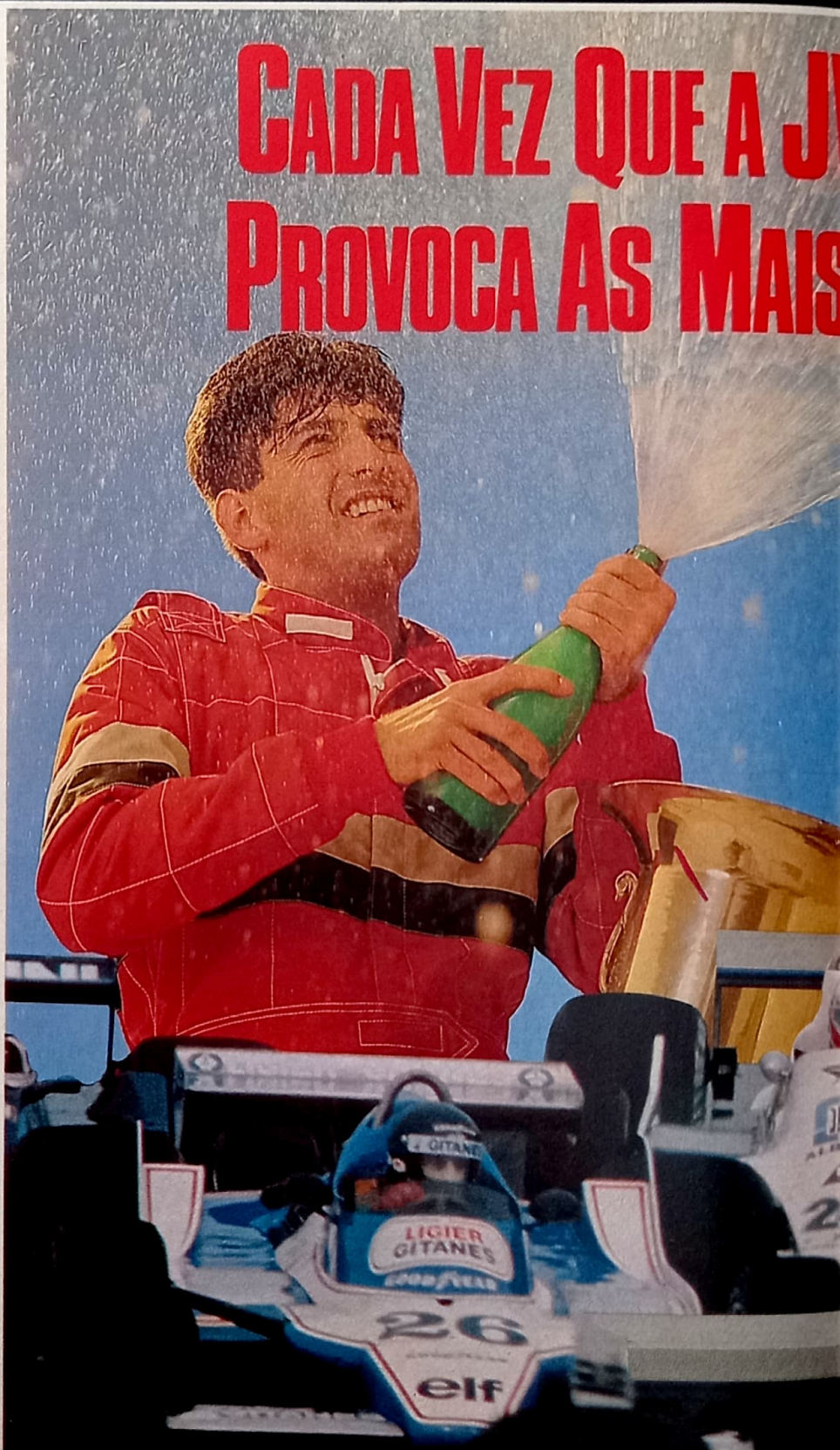
vídeo-cassete, mesmo à distância, o HR-D227 M possui controle remoto infra-vermelho comandado através da combinação de 10 teclas.



LOCALIZAÇÃO AUTOMÁTICA PELO COUNTER

Para ter acesso direto a qualquer ponto da fita, basta digitar no Tape Counter a numeração correspondente ao ponto desejado. A fita avançará ou recuará rapidamente até o ponto determinado, iniciando a reprodução, automaticamente.

CADA VEZ QUE A JVC PROVOCA AS MAIS





JVC USA A CABEÇA, FORTES EMOÇÕES.



BUSCA ALTERNADA

Através de um simples toque na tecla, durante a reprodução, você pode saltar trechos que vão de 30 segundos a 2 minutos, da gravação.



SISTEMA DE ALARME Em SOBREPOSIÇÃO

Para os menos avisados, um alarme acusa quando já existe uma programação de gravação, evitando a sobreposição de programas.



CHAVE SELETORA NTSC/PAL-M

O HR-D227 M grava em nossa linguagem de vídeo (programas do ar). Para reproduzir as fitas gravadas em NTSC, basta chavear para a posição indicada.



GARANTIA DE UM ANO

Mas o principal é que o vídeo JVC tem 1 ano de Garantia. Conta com a Assistência Técnica de equipes treinadas pela própria JVC e completo estoque de peças originais para reposição imediata.

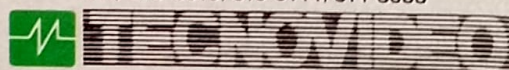
A JVC garante. A Tecnovideo cumpre.

Ponha as cabeças de um JVC para funcionar. É emoção garantida!

Invista em Qualidade

HR-D227M. À venda na Zona Franca de Manaus

Assistência Técnica Autorizada
(011) 570-6910/815-9144/814-8555



JVC

MATÉRIA DE CAPA

TEM G



ENTE GRANDE NO DESENHO

Os limites do cinema já não são mais os mesmos. O público brasileiro vai testemunhar isso a partir de 22 de dezembro, quando Uma Cilada para Roger Rabbit estreará nos cinemas nacionais. Conheça, em primeira mão, a fascinante aventura que uniu os Estúdios Disney com Steven Spielberg



O trio da encenação: a glamorosa Jessica, seu marido Roger e o detetive Eddie (Hoskins)

Uma Cilada para Roger Rabbit (Who Framed Roger Rabbit) foi baseado no romance Who Censored Roger Rabbit?, de Gary K. Wolf, que imaginou um policial com seres humanos convivendo com personagens de histórias em quadrinhos. Na adaptação cinematográfica de Jeffrey Price e Peter Seaman, os personagens de quadrinhos transformaram-se em personagens de desenho animado. O primeiro script data de 1982; só três anos mais tarde, quando os estúdios Disney conseguem reerguer-se, sob a presidência de Jef-

frey Katzenberg, é que o projeto sai da gaveta, num empreendimento comum da Touchstone/Walt Disney Co. e da Amblin Entertainment/Steven Spielberg.

A ação se passa na Hollywood de 1947. Em algum lugar de Los Angeles, localiza-se a Toontown, uma cidade feita de pura imaginação. Aí Betty Boop vende cigarros — a ex-estrela está desempregada por ter sido originalmente desenhada em preto-e-branco —; os patos Donald e Patolino duelam ao piano; Dumbo trabalha para ganhar amendoins; Mickey; Pinocchio, Grilo Falante, vaca Clarabela, Pernalonga, Elmer Fudd, Tweetie Pie e Wile E. Coyote convivem, como astros do cartoon, com os seres de carne e osso que exploram seus talentos.

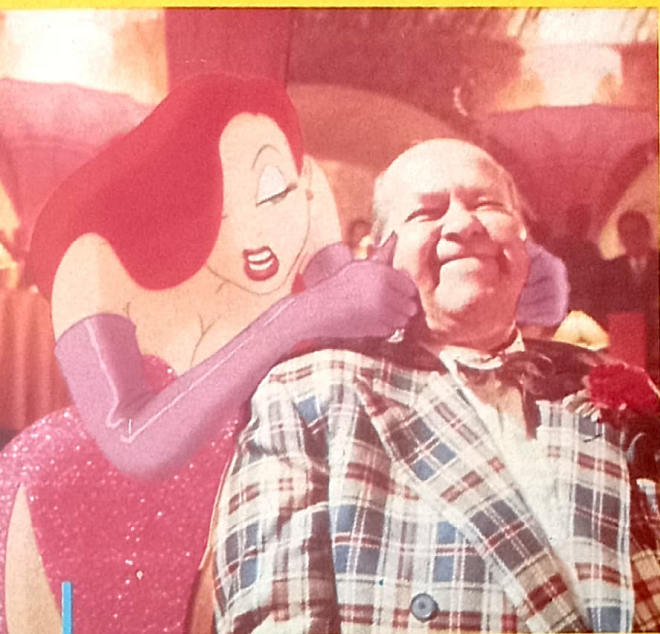
Roger Rabbit é explorado por Marvin Acme, chefe da Maroon Cartoon. Roger é o popular *stunt-clown*, que contracenava com o irascível Baby Herman nos violentos desenhos produzidos pela Maroon. Quando Roger começa a dar mostras de distração durante as filmagens, o chefe da Maroon contrata o detetive Eddie Valiant (Bob Hoskins) para vigiá-lo. Eddie segue a sexy esposa de Roger, Jessica, até o Ink and Paint Club, onde tira fotos comprometedoras de Jessica com Marvin Acme.

Quando Marvin é assassinado,

as suspeitas recaem sobre Roger. Ele então persuade Eddie a ajudá-lo, enfrentando a perseguição do Juiz Doom (Christopher Lloyd), que sabe que o único jeito de destruir um toon é mergulhá-lo numa mistura chamada "Dip", feita de terebentina e outras substâncias químicas, e que possui intenções malignas. Numa cilada armada para Roger Rabbit, o Juiz Doom vale-se do exibicionismo e da ingenuidade dos toons para atrair o coelho, escondido num prédio, batendo sua bengala na parede ao ritmo de "Shave and Haircut"...

Uma Cilada para Roger Rabbit começa como um desenho animado típico dos anos 40, no estilo cruel dos cartoons de Tex Avery. Pernas de uma mulher cruzam a tela e sua voz adverte o público de que ela confiará Baby Herman aos cuidados de seu amigo favorito, o coelho Roger, e que este deverá cuidar bem do bebê, caso contrário será mandado de volta para o laboratório... A mulher deixa a cena e, imediatamente, o bebê revela-se um demônio, tentando incendiar a casa, armando uma série de desastres que colocarão o coelho Roger em maus lençóis... Quando uma geladeira despenca finalmente sobre o coelho, a "filmagem" é interrompida. Ou seja, o desenho animado é, na verdade, um "filme": os personagens de desenho não são desenhados, mas seres "vivos", dotados de consciência e personalidade "real", representando sob contrato.

O diretor da cena adverte Roger de que ele deveria, quando esmagado, ter visto estrelas e não pássaros cantando. Toma um dos passarinhos azuis que giram ao redor da cabeça do coelho e o atira longe; o passarinho, meio aturdido, dá a volta por trás da geladeira, enquanto Baby Herman faz caretas medonhas. Finalmente, Baby Herman deixa o set fumando charuto, irritado, falando grosso e molestado uma mulher, enquanto surgem ao fundo pernas esculpidas em madeira, "montadas" por um extra: são aquelas mesmas que apareciam no dese-



Jessica (dublada em inglês por Kathleen Turner) aperta as bochechas de seu "intimo" Marvin Acme (Stubby Kaye). No Ink & Paint Club, a esposa de Roger impressiona o detetive Eddie e o dono das bochechas da Maroon Cartoon

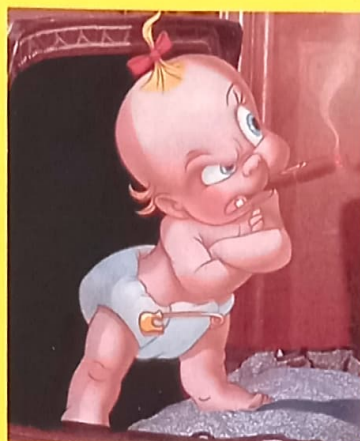


nho animado e que não eram, portanto, desenhadas — apenas “enquadradas” pela câmera, tendo a forma e a cor rosada das pernas femininas estilizadas nos desenhos animados.

O espectador é imediatamente introduzido numa dimensão supra-real que não é a dele nem a dos desenhos animados. Como explicou o diretor Robert Zemeckis, esta passagem foi a cena crucial do filme: “Se este *take* não funcionasse, tudo estaria terminado três minutos depois do início”. Daí o extremo cuidado com os cenários e a iluminação: “Os três últimos *takes* são feitos sutilmente, para que o desenho animado dê a impressão de aquarelas. Nós construímos um cenário tridimensional e o pintamos uniformemente, incluindo as sombras”. Então, quando o diretor entra em cena, não há como precisar se ele está entrando no desenho animado ou se o desenho animado está entrando na realidade. A fusão é total.

Nessa nova dimensão criada em *Uma Cilada para Roger Rabbit*, talvez a sequência mais fantástica seja aquela, muito rápida, em que Roger folheia as fotografias tiradas por Eddie Valiant de sua mulher Jessica com Marvin Acme. O ciúme do coelho faz com que as fotos se multipliquem em suas mãos, que as faz suceder numa velocidade crescente: as poses, tiradas em sequência, vão se encadeando como num desenho animado e se transformam, subitamente, num fragmento cinematográfico, numa demonstração de técnicas de quadro-a-quadro absolutamente espetacular.

Há 55 minutos de sequências desenhadas em 103 minutos de filme, e, como se visava a perfeição, foram feitos dois milhões de desenhos para se chegar à versão final de 24 desenhos por segundo, em três anos de trabalho manual, realizado por uma equipe de 326 animadores ingleses e americanos. Como disse o supervisor de animação, Phil Nibbelink, “o computador só é melhor em desenhos mecânicos”. Além disso, Steven Spielberg queria uma interação



No alto, à esquerda, Baby Herman e seu charuto. Acima, o juiz Doom (Lloyd) ameaça mergulhar Roger na solução mortal para os “toons”. Ao lado, Jessica mantém a pose diante da pistola dos gângsteres que ameaçam Eddie Valiant (Hoskins). Abaixo, Eddie com Dolores (Joanna Cassidy)

completa entre realidade e fantasia: "Se o coelho senta na cadeira, a poeira se levanta da cadeira. Se ele está sentado falando, está sempre tilintando uma colherinha de café. Uma colher real!"

Mas a interação entre personagens reais e de desenho não é um fato novo. Na década de 20, Max e Dave Fleischer já haviam mostrado o palhaço Ko-Ko saindo de um tinteiro real e brincando com o animador, nos cartoons da *Out of the Inkwell*.

Ub Iwerks aperfeiçoou a técnica nos estúdios Disney em *The Three Caballeros* (1944) e *Song of the South* (1946). Em *Anchors Aweigh* (1945), Bill Hannah e Joe Barbera fazem o rato Jerry dançar com Gene Kelly. O resultado é tão

bom que o diretor George Sidney encomenda à dupla uma abertura animada para outro musical, *Holiday in Mexico* (1946). Tex Avery usou o mesmo sistema em dois de seus desenhos curtos: *House of Tomorrow* e *Senor Droopy* (1949).

Em 1953, Esther Williams baila com Tom e Jerry numa sequência aquática de *Dangerous When Wet*, de Charles Walters; e Gene Kelly, em seu *Invitation to the Dance*, na pele de Sinbad, dança com uma serpente, animada pela dupla Hannah-Barbera, numa animação com filmagens de atores. Finalmente, a técnica atinge a perfeição em *Mary Poppins* (1964), de Robert Stevenson.

Mas em todas essas fantasias — vulgarizadas mais tarde em comerciais de TV — a câmera era fixada, para que os personagens animados não sofressem modificações de tamanho. As dimensões das figuras não se alteravam e as cenas ao vivo (*live-action*) tinham o mínimo de sombra possível para se harmonizar ao máximo com os desenhos que as preenchiam.

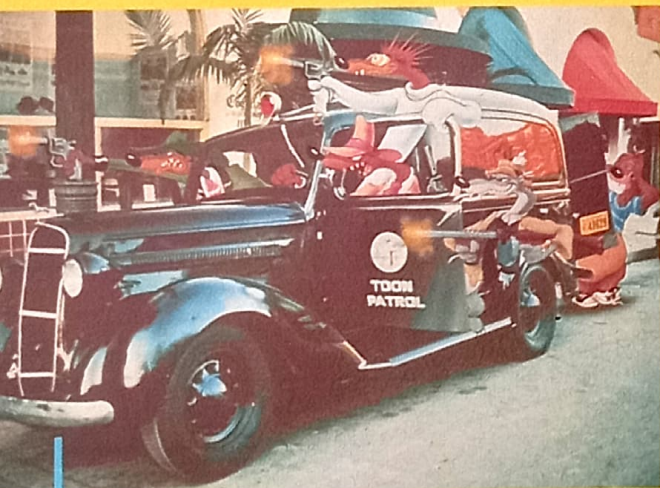
Já em *Uma Cilada para Roger Rabbit*, a câmera de Robert Zemeckis movimenta-se freneticamente. Os animadores tiveram que recalcular e redesenhar cada personagem quadro por quadro para ajustar tamanho, luz e locali-



zação, enquanto a câmera se mexia. Mesmo quando o personagem estava parado, tinha que ser redesenhado quadro por quadro, porque a câmera continuava em movimento.

Os animadores gastaram horas e horas pintando simplesmente para mostrar um coelho estático, cujo pé ia crescendo, embora imóvel, à medida que a câmera se aproximava dele. Segundo Phil Nibbelink, "à medida que a câmera se move, o pé vai ficando cada vez maior no quadro. Mas muito lentamente... E é um bocado penoso conseguir que aquele pé cresça num ritmo rigorosamente uniforme". Essa técnica foi batizada de "multidimensional - interactive - character - generation". Inclui, além das soluções encontradas no nível da própria animação, a montagem de uma verdadeira parafernália de fios e cabos cercando os atores para a interação de objetivos e desenhos.

Os atores tinham simplesmente que contracenar com o vazio ou com bonecos que ocupavam seu lugar. O principal para Bob Hoskins, 45 anos, era ser capaz de focar os olhos no espaço vazio, que seria depois "preenchido" por Roger. Como ele conseguiu? Foi observando sua filha Rosa brincando com amigos invisíveis que lhe ocorreu desenvolver uma técnica de alucinação: "Eu compreendi que, se quisesse realmente formar uma relação com Roger, teria de vê-lo. E não havia nada presente para ser visto..." A invisibilidade de uma parte do elenco de *Uma Cilada para Roger Rabbit* também criou alguns problemas



No alto, à direita: em 1945, Jerry no joelho de Kelly em *Marujos do Amor* (*Anchors Aweigh*). Agora, o desenho entra nas roupas de pessoas (ao lado) e nos automóveis (acima). Intensos movimentos de câmera arrematam a ilusão de profundidade perfeita.

SOB O DOMÍNIO DA AVENTURA

Para salvar o noivo das garras dos seqüestradores, a pianista Caroline rouba valiosos ovos do museu onde se apresenta. A partir daí tudo se transforma numa divertida aventura.



Corn Audrey Hepburn e Robert Wagner

John Garry, diretor do FBI, tem como missão controlar os ataques terroristas que, por toda parte, põem em risco a estabilidade do governo americano. O Irã aparece como suspeito, mas é Garry quem descobre a verdadeira razão dos atentados.

SOB O DOMÍNIO DO TERROR

UNDER SII GE



Só mesmo a Herbert Richers poderia oferecer todos os gêneros de cinema com a mesma qualidade, de imagens e legendas, que já se tornou sua principal marca. Para este mês a seleção de filmes traz, na medida exata, excelentes opções de lazer que vão da deliciosa e engraçada aventura *Amor Entre Ladrões* — com Audrey Hepburn e Robert Wagner —, ao suspense e tensão do policial, *Sob o Domínio do Terror*. Tudo isso, temperado com as emoções de *No Silêncio do Amor*, um drama romântico, e *O Crime da Inocência*, uma história real. Um brinde especial espera os que, como nós; admiram a época áurea das comédias nacionais em *Com Jeito Vai*, estrelada por Grande Otelo, que marca a volta da coleção *Clássicos da Chanchada*. Aproveite para embarcar nessa aventura com a gente.



SELO É GARANTIA.
EXIJA-O.

O CRIME DA INOCÊNCIA

CRIME OF INNOCENCE



Preocupado com a demora da filha, o casal Hayward assina uma declaração na polícia, que serve de base para as maldades do juiz de menores. Mandada para a cadeia Jody sofre todo tipo de humilhação. Baseado em caso real.



Grande Otelo é o cozinheiro Feijão que trabalha no corpo de bombeiros e finge ser um deles. Com os recrutas Carequinha e Fred, o cabo Tripa (Costinha), ele apronta as maiores confusões. Para completar, a voz de Emilinha Borba, Cauby Peixoto e Ivon Curi.

No Silêncio do Amor

LOVE IS
NEVER SILENT

Filha de pais surdos-mudos, Margaret se vê impedida de levar uma vida normal como os jovens de sua idade. Mas um grande amor aparece para mudar o rumo de sua história. A decisão é difícil, mas rejeitá-lo é impossível.



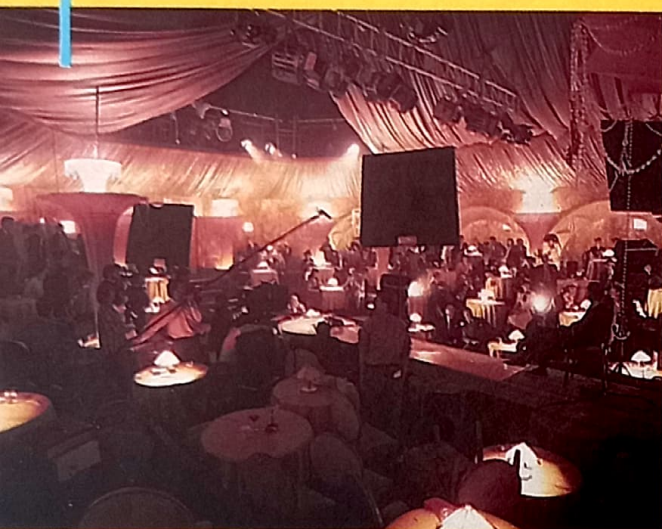
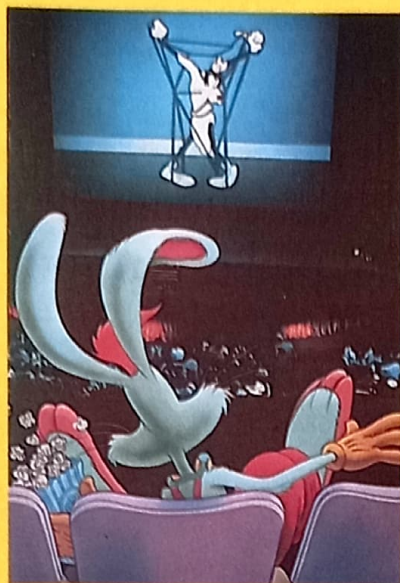
HERBERT RICHERS



PAIXÃO PELA
QUALIDADE

Rua Cônego de Barros, 1337
CEP 20580 - Rio de Janeiro
TELEFONE (021) 289-8142
TELEX: (021) 30256

O ídolo que o coelho vê no cinema, ao lado, é Pateta. Abaixo, as locações no Ink & Paint Club, onde Jessica canta e dança



para o diretor Zemeckis, que pensava: "Muito bem, agora Hoskins diz isso, nós cortamos para centrar o coelho. Ele reage. Por quanto tempo ele deve reagir?" Ou então: "Aqui está o montador com uma tomada em que a parede está fora de foco. Devo pensar que o coelho está de pé, ali, e que essa tomada desfocada é seu primeiro plano".

Embora essencialmente americano no tema e no ritmo — *Uma Cilada para Roger Rabbit* foi definido como um *cartoon noir* — mais de 90% da animação foi realizada em Camden Town, na Inglaterra, pela Richard Williams Animation Company. A Hollywood do filme foi construída na Inglaterra, com palmeiras importadas da Espanha. Quando Frank Marshall estava na Inglaterra, produzindo *Império do Sol*, de Spielberg, um comercial animado na TV, que mostrava um gato "usando oito de suas nove vidas" (teria o gato inglês duas vidas a mais que o brasileiro?) numa perseguição à cerveja Long Life, chamou sua atenção. O desenho tinha o estilo que ele desejava para Roger Rabbit. Seu autor era o veterano animador canadense, expatriado há 30 anos em Londres, Richard Williams, 55 anos, ganhador de 240 prêmios, entre os quais o British Academy Award, por *The Little*

Island, e o Oscar da Academia de Hollywood, por *A Christmas Carol*. Sua criação mais famosa é *A Pantera Cor-de-Rosa*.

Sem pretender fixar um estilo, e sendo capaz de todos, Richard Williams andava às voltas com o projeto de sua vida, e ao qual já se dedicava há 22 anos: *The Thief and the Cobbler*, que seria, nas suas palavras, "o mais espetacular longa-metragem de desenho animado jamais realizado". Ele já havia realizado uma seqüência de 15 minutos e, em busca de financiamento, levou-a para São Francisco em 1985, para mostrá-la ao seu mentor, Milt Kahl, um dos "nove velhos" do grupo do Walt Disney original, e que morreu em 1987. O filme-esboço impressionou Robert Watts, que o indicou a Steven Spielberg. Foi então que recebeu a primeira proposta para trabalhar em *Uma Cilada para Roger Rabbit*.

Mas Richard Williams torceu o nariz e voltou para Londres. Em 1986, Robert Zemeckis foi a seu encontro e tentou convencê-lo a chefiar o quadro de animadores. Ele continuou hesitando: "Detesto misturar desenho animado com ações ao vivo". Mas Zemeckis explicou-lhe a diferença deste filme e sua ambição de criar um personagem de desenho animado como há vinte anos não se via, um que vivesse e respirasse e fizesse todo mundo sentir como se ele sempre tivesse existido. Finalmente, outro veterano animador, Chuck Jones, um dos criadores do Pernalonga, fez para ele um telefonema implacável: "Não seja tão estúpido, Dick. Aceite o emprego. Roger Rabbit será realmente grande. E Spielberg é maravilhoso com seu pessoal".

Richard Williams aceitou e ficou feliz por isso. Primeiro, realizou um teste de 30 segundos mostrando o coelho escapando de um fogo real, atravessando um pavimento molhado, iluminado por luzes de néon, com efeitos da Industrial Light & Magic. O resultado convenceu a todos de que o impossível era possível.

Luiz Nazário

AS CIFRAS ABSURDAS DO COELHO ROGER

Quanto custou tudo isso? Os estúdios revelaram que o orçamento inicial de 27 milhões de dólares era coisa superada, sem divulgar o total. A Time falou em 35 milhões. O The New York Times mencionou 40 milhões. A Newsweek estimou em 45 milhões. A Time Out sugeriu 48 milhões. O correspondente do Jornal da Tarde em Los Angeles elevou a cifra para 50 milhões. Espertamente, a *Première* fez uma avaliação aproximada: entre 40 e 50 milhões de dólares. Seja qual for o montante, *Uma Cilada para Roger Rabbit* já o cobriu largamente: lançado em 4 mil cinemas nos Estados Unidos, na última semana de junho, rendeu, até meados de outubro, cerca de 160 milhões de dólares, batendo todos os recordes. Na trilha deste sucesso, as mercadorias "Roger Rabbit" já movimentaram outros 160 milhões de dólares em produtos licenciados, com a McDonald's lançando copos decorados com os personagens e a Coca-Cola produzindo, com a mesma equipe do filme, um comercial de TV mostrando Roger bebendo Diet Coke, ao custo de 250 mil dólares. Roger Rabbit já nasceu eterno, como se tivesse acompanhado a infância de cada espectador. Assim como sua esposa, Jessica, o coelho Roger veio para ficar.

TERENCE HILL

LANÇAMENTO
SIMULTÂNEO COM
O CINEMA



UM OSSO DURO DE ROER

RENEGADE

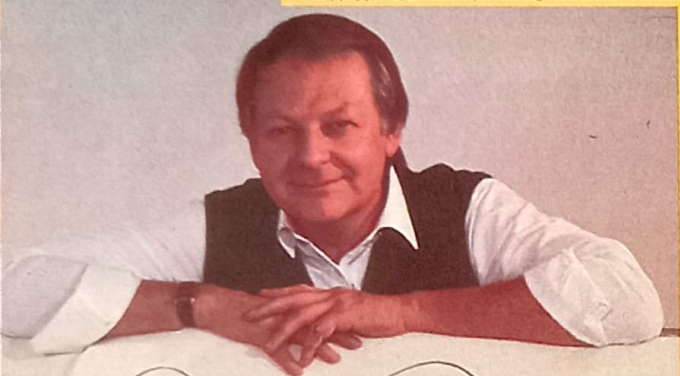
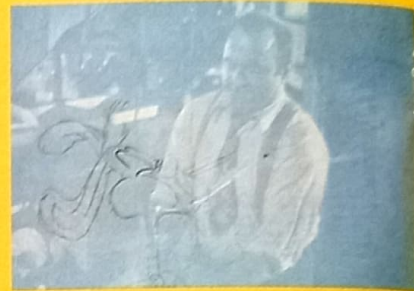
QUALIDADE



40 ANOS NO MERCADO

Av. São João, 1588 - 2ª sobreloja - Sta. Cecília - CEP 01260 - São Paulo - SP - Tel. (011) 220-6299

A ARTE DO IMPOSSÍVEL



Acima, o diretor de animação Richard Williams. Ao lado, o coelho com Hoskins e o diretor Zemeckis



Operações e tomadas mirabolantes. A melhor equipe do mundo. Os mais avançados efeitos especiais. E mais imaginação para inventar modos de realizar na tela o que o cinema jamais ousou mostrar

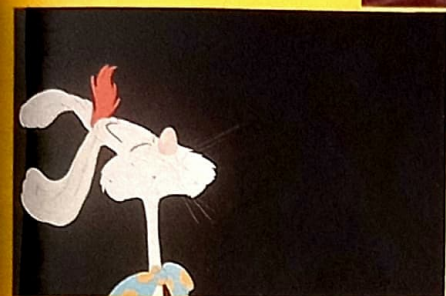
Todo mundo de calculadora na mão: em cada segundo cabem 24 quadros dos que compõem um filme. Um longa-metragem que dure, digamos, hora e meia, teria, portanto, 129 600 quadros. Imagine, agora, um filme que necessite de tantas composições diferentes em cada quadro específico que requeira um complicado processo de 14 estágios para realizar cada uma das combinações. Se o longa tivesse todos os quadros devidamente alterados, seriam 1 814 400 operações. Agora imagine esta trabalheira toda sendo executada ao toque de 250 mil dólares por minuto de película, para um filme que nos cálculos finais teria 1 031 tomadas de efeitos especiais. E todo esse esforço e gasto estaria sendo feito com um único objetivo: para que ninguém prestasse atenção no complexo sistema de cinematografia. Para que ninguém se desse conta, entre um gole de refrigerante e outra mãozada de pipoca, da vertiginosa revolução técnica em curso na tela.

A piração acima descrita é o re-

trato da mais engenhosa e inspirada (e difícil) combinação de desenho animado e filme desde que se tentou pela primeira vez casar na tela prateada seres humanos e criaturas de cartoon: *Uma Cilada para Roger Rabbit*. Dirigido por Robert Zemeckis e produzido em conjunto pelos estúdios Disney e a Amblin Productions de Steven Spielberg, *Roger Rabbit* parte de duas premissas inéditas e extremamente desconcertantes: 1) Embora envolva um sofisticadíssimo sistema de animação, este não deve ser visto como um filme de animação, mas como outro filme qualquer, a respeito de... 2) Um lugar fictício no passado de Hollywood onde os cartoons existem de verdade, são atores que têm vida própria, como *Os Três Patetas* ou *Charlie Chaplin*!

Mas não deixe que os números, as teorias (técnicas e metafísicas) e os nomes famosos causem confusão. Os efeitos de *Roger Rabbit* foram possíveis não apenas pela capacidade de direção e produção poderem reunir e coordenar equi-

SSÍVEL



pe e orçamento suficientes e hábeis mas também pela visão de dois times — o de animação e o de composição. O primeiro era liderado por Richard Williams, um canadense de 55 anos que no passado animou os passos da Pantera Cor-de-Rosa no cinema. O segundo vinha da Industrial Light & Magic, a firma de George Lucas.

Numa entrevista recente, Bob Zemeckis explicou que os dois times tinham um estilo de colaboração bem coordenado e que os resultados finais — a primeira vez que cartoon e humanos interagiam com verossimilhança — só foram possíveis a partir de inúmeros testes e melhoramentos técnicos desenvolvidos ao longo das filmagens. O principal teste teve 40 segundos de duração. Nele, as duas equipes realizaram todas as tomadas consideradas impossíveis para filmes que combinassem filme e animação — tomadas com gruas e carrinhos em movimento, tomadas em que os personagens de desenho animado estavam detrás de esquadrias de janelas, tomadas em que os cartoons contracenavam com seres humanos e precisavam passar por diferentes ambientes de luz e sombra, sem cortes. Tomadas em que os personagens de cartoon eram refletidos em poças d'água. Em determinado momento, Roger, o coelho, era obrigado até mesmo a ficar postado diante de um néon. Ou seja,

tudo aquilo que sempre fora considerado impossível pelas convenções "normais". E a intenção era fazer com que os personagens de cartoon tivessem o volume e o tridimensionalismo de um objeto... bem, tridimensional. O teste deu certo, mas era preciso uma série de "melhoramentos".

O primeiro da série foi a construção de duas câmeras e um *blimp* — aquele compartimento usado para tomadas submarinas — especialmente para a filmagem, de acordo com as especificações da ILM. A partir daí, a equipe de Zemeckis precisava iluminar e coreografar cenas levando em consideração não apenas os atores e o cenário mas também personagens e elementos que não estavam lá, ao vivo. Para que Zemeckis conseguisse visualizar cada cena era preciso assistir à tomada através de monitores de vídeo plugados num equipamento de superposições de imagens que combinava os takes que estavam sendo rodados e croquis rudimentares de fundo e perspectiva executados na hora.

Por vezes os atores tinham bonecos de plástico em escala real (em relação às proporções que teriam na tela) para contracenar. Mas quase sempre interagiam com o vácuo ou com fios ou pedaços de metal. Numa cena em que o detetive Eddie Valiant (Bob Hoskins) esconde Roger numa

pia cheia d'água, o que ele estava segurando, na verdade, era um cano que cospe água, coordenado pela equipe de efeitos especiais.

A composição dos elementos filmados com os elementos desenhados era delicada e extenuante. Os desenhos precisavam ter as mesmas características dos humanos, com sombras e texturas correspondentes a cada cena específica, com interações com o cenário (se tropeçavam em algum objeto, o objeto precisava ser movido em perfeita sincronia com a "passagem" do cartoon) e sobretudo com uma relação tão realista diante dos humanos que jamais dessem a impressão de uma colagem. Reunir todos esses elementos em cada quadro era o mesmo que juntar um quebra-cabeça de 378 mil peças para no final dar a impressão de um único objeto. Para algumas composições eram utilizados 100 elementos diferentes por quadro, e, eventualmente, cada tira de filme trucado precisava ficar dez horas seguidas no laboratório antes de ser avaliada. Se o resultado não fosse satisfatório, era preciso começar tudo de novo.

"Roger Rabbit foi o trabalho de efeitos mais difícil que já executamos", disse Ken Ralston, da ILM. "Foi como ter feito todos os três filmes da série Guerra nas Estrelas em um só." Ufa!

por José Emilio Rondeau,
de Los Angeles

Da esquerda para a direita, as fases da fabricação: o story board rascunhado, Bob Hoskins contracenando com uma torneira, o desenho sobre o fotograma, a finalização do desenho e, acima, o resultado final



L.A. BAD

Um filme que transborda de ação,
onde **ESAI MORALES**
interpreta **NEEKOS VALDEZ**,
um rebelde, ladrão e guerreiro
das ruas de Los Angeles.

L.A. BAD é uma aventura
cruel e sensível, que nos mostra
a luta de um homem
pela vida e pela liberdade.

ESAI MORALES

O astro de **LA BAMBA**,
numa produção de 1.988
em lançamento simultâneo
com os Estados Unidos.



DISCOVÍDEO FONOGRÁFICA LTDA.
Rua Pinheiros, 20 - 7º andar
05422 - Pinheiros - São Paulo SP
Tels.: (011) 282-0945 - 883-7095 - Telex: (11) 36.550

HUNK Um Pacto Dos Diabos

Steve Levitt faz um satânico pacto com o diabo, a linda e misteriosa Deborah Shelton e para viver. Comédia Ponta Firme, inteiro rir de tudo e de todos. Não esqueite mais. Ria que é melhor.



VIRGIN QUEEN

Sexo antes ou depois do casamento?

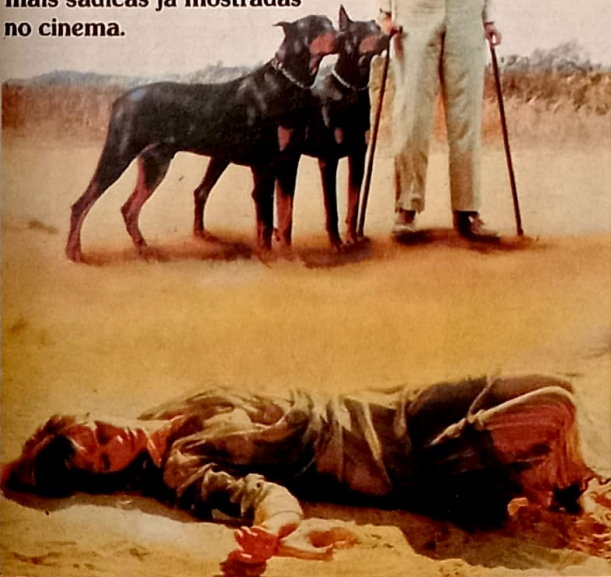
Depois de assistir esta maluquíssima comédia Ponta Firme, você vai acabar com essa dúvida e ficar bem humorado por uma boa temporada. Com Joseph Straface e Stacy Christensen.



LANÇAMENTOS PONTA FIRME VIDEO BAN

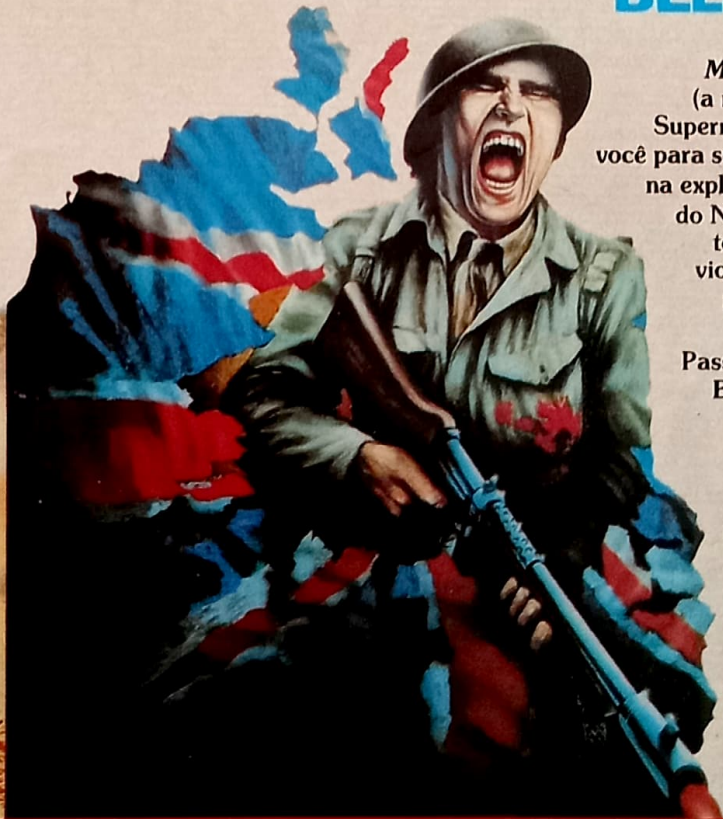
ILHA SINISTRA

Numa paradisica ilha da Inglaterra, Alan Alda é o maníaco assassino que atormenta a lua-de-mel de um casal. Suspense Ponta Firme para você gelar com as cenas mais sádicas já mostradas no cinema.



VIOLÊNCIA EM BELFAST

Margot Kidder (a namorada de Superman) convida você para sofrer com ela na explosiva Irlanda do Norte, onde o terrorismo e a violência fazem parte da vida diária. Passe um dia em Belfast e tente sair vivo se for capaz.





OS TORPEDOS DE UM SONHADOR





Fotos Lucasfilm

O homem: Preston Thomas Tucker (1903-1956). O sonho: "O carro do futuro, hoje". No ano de 1946, quando o mundo saía do pesadelo da Segunda Guerra, Tucker entrou numa fabriqueta de Chicago disposto a levar seu sonho a sério. Juntou ousadia de mais, dólares de menos e o bom senso que amadureceu como vendedor de velhos Dodges e Packards. Conseguiu. Completou 51 unidades de seu carro do futuro, revolucionário, o Tucker Torpedo. O adjetivo não era apenas uma hipérbole. Com seu motor traseiro (primeira inovação), adaptado de um helicóptero, aquele automóvel desenvolvia, em 1946, a inacreditável velocidade de 160 km/h. A aerodinâmica dianteira (outro pioneirismo) trazia o pára-choque "colado" à lataria e um terceiro farol — apelidado de "olho de Ciclope" pelo seu criador — dominando o centro do capô. Esse terceiro (e inédito) farol era móvel, dirigia seu foco para o lado que as rodas virassem. Em matéria de segurança, o veículo também trazia inovações, como o mecanismo que ejetava o pára-brisa inteiro para fora em caso de colisão. Seis pessoas, seguras e confortavelmente instaladas, podiam viajar dentro do *Tin Goose* (Ganso de Metal), o Torpedo de Preston Thomas Tucker.

Antes de concluir seu 52.º carro, o homem foi arrancado de dentro de

seu sonho. As "grandes de Detroit" — Ford, Chrysler e GM — cuidaram de estragar a vida do arrojado inventor. Com a ajuda da imprensa e da Justiça norte-americanas, as *majors* bombardearam o ponto mais fraco do construtor: as dívidas e as operações financeiras dúbias. Tucker foi julgado e absolvido, mas perdeu prestígio e crédito. Foi obrigado a paralisar a produção. Quando morreu, em 1956, tinha planos concretos de deslocar o seu sonho um pouco mais para o sul. Iria fabricar no Brasil um modelo esporte, o Carioca, para quatro passageiros. Consta que o então presidente J.K. era simpático à idéia. Se colocada em prática, ela certamente mudaria a história da nascente indústria automobilística brasileira e das entidades que, até hoje, nos Estados Unidos, cultuam a grande obra de Preston Thomas Tucker.

O Torpedo é um disputadíssimo carro de coleção. O "Tucker Automobile Club of America", criado para "manter a lenda viva", tem 175 membros permanentes — embora só restem 45 exemplares do carro, avaliados entre 65 e 130 mil dólares cada um, conforme o estado de conservação. O diretor Francis Ford Coppola tem dois exemplares. Seu amigo, o produtor George Lucas, outros dois. Não é à toa que eles estão juntos no filme que homenageia o lendário inventor de um automóvel.

No destaque, o verdadeiro Tucker apresenta seu carro. Ao lado e abaixo, dois momentos do filme, com Bridges no papel de Tucker

Em 1946, um automóvel revolucionário espantou o mundo. Um torpedo. As grandes corporações americanas logo neutralizaram o seu fabricante. Mas o cinema, pelas mãos de Francis Coppola, acaba de reviver o grande sonho



Abe Karatz (Martin Landau) é o melhor amigo de Tucker

UM TRIBUTO EM CELULÓIDE

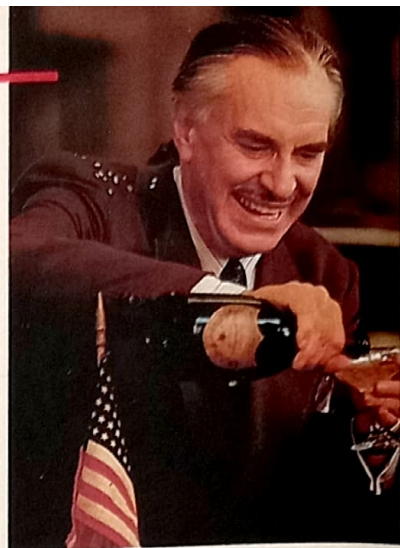
Há vinte anos, era um devaneio juvenil. Coppola e Lucas eram cúmplices no projeto do filme *Tucker — Um Homem e Seu Sonho*, bem no começo de suas carreiras. Se tivessem rodado naquela ocasião, provavelmente o resultado não passaria de um libelo contra o poder das grandes indústrias, das invencíveis corporações. Mas o projeto só começou a ganhar formas definidas no dia 4 de abril do ano passado, quando elenco e equipe técnica se reuniram para a leitura do roteiro num estúdio da Lucasfilm. Anahid Nazarian, assistente para pesquisas, exibiu dois filmes originais de promoção da Tucker Corporation e fitas domésticas focalizando cenas da família do construtor. Depois, o diretor exibiu a todos o seu próprio Tucker Torpedo vermelho estacionado no pátio. Começava ali o filme que reconciliaria Coppola com a crítica de seu país. O resultado final faz jus aos 24 milhões de dólares gastos na produção.

No papel principal, Jeff Bridges, um Preston ultra-empresendedor com o entusiasmo de um garotão. A escolha do protagonista é genial, porque para fazer o papel de vilão Coppola escalou o pai de Jeff, Lloyd Bridges. É ele o senador corrupto Homer Ferguson, o inimigo ferrenho do cons-

trutor. Curiosamente, o escolhido para ser o parceiro e amigo de Tucker, Abe Karatz, é o veterano Martin Landau, o mesmo que Hitchcock selecionou há 30 anos para *Intriga Internacional* por "ter cara de malvado".

A filha de Landau está na equipe como a assessora de imprensa do filme, que parece marcado pelas relações familiares. O pai do cineasta, Carmine Coppola (ganador do Oscar, juntamente com Nino Rota, pela trilha de *O Poderoso Chefão II*), fez o arranjo da canção "Let the Rest of the World Goes By", a favorita do verdadeiro Tucker. Francis Coppola, em pessoa, toca tuba nessa canção. Sobrinhos do excepcional Vittorio Storaro estão na equipe técnica e o tio deles assina mais uma vez a fotografia para Coppola. A mesma combinação já rendeu um Oscar para o diretor de fotografia em *Apocalypse Now*. Para completar, a neta do personagem, Cynthia Tucker, é assistente para publicidade e também consultora da equipe.

Aos conselhos históricos de Cynthia, juntam-se os cuidadosos detalhes que caracterizam o trabalho de Coppola. A grande casa vitoriana de dois andares em Sonoma, Califórnia, que serviu de locação, é extraordinariamente parecida com a verdadeira residência dos Tucker em Ypsilanti, Michigan. A primeira fabriqueta da



família, ainda em Ypsilanti, a Ypsilanti Machine and Tool Company, foi reconstruída num celeiro de acordo com a concepção ultra-realista do designer Dean Tavoularis. A de Chicago, de onde saíram os 51 Torpedos, ressuscitou numa indústria encontrada em Richmond, subúrbio de São Francisco, num prédio de 1926. Os escritórios da Tucker Corporation foram construídos no segundo andar.

O apuro visual do trio Coppola, Storaro e Tavoularis incorporou também um documentário real, que Tucker realizou para apresentar seu protótipo. Usado em *back-projection*, o documentário serviu para dar "mais realismo", segundo o diretor.

O preciosismo foi tão abrangente quanto eficiente. Fascinou até mesmo a filha de Preston Tucker, Marilyn, que ficou impressionada com a semelhança entre Jeff Bridges e seu pai: "Ele tem até os gestos de papai", assegura. "Foi emocionante ver na tela acontecer de novo aquele momento em que eu batizei o carro e derramei champanhe no automóvel e em meu pai."

Reconciliado com a crítica (a revista *Time* aponta Tucker como o melhor filme do diretor, depois de *O Poderoso Chefão*), Coppola insiste em dizer: "Pessoalmente eu sinto o meu filme como uma tragédia. Mas, por outro lado, uma motivação artística é imortal e, então, embora Tucker não tenha conseguido construir seus carros, esse tipo de coisa vive para sempre e pode até contagiar outras pessoas". Neste contágio se encontra a redenção de um homem que sonhava mais do que calculava.

ET

OPERÁRIO E CONSTRUTOR

Preston Tucker nasceu a 21 de setembro de 1903, em Capac, Michigan, e foi criado, juntamente com o irmão, por sua mãe. Perdeu o pai aos 2 anos de idade. O casamento veio em 1923, com Vera Fuqua. Foi operário da linha de montagem da Ford, policial, gerente de vendas das indústrias que fabricavam Studebakers, Packards e Dodges. Sua reputação como vendedor se reforçou a partir do sólido conhecimento que demonstrava sobre os produtos que comercializava. Ele chegou a desenhar para o Exército veículos com uma aerodinâmica futurista, que jamais foram construídos. Com a Segunda Guerra, seus projetos foram confiscados pelo Exército e algumas partes de seus esboços foram aproveitados. O carro de seus sonhos, o Tucker Torpedo, só apareceu em 1946. Nesse ano, golpeado pelas grandes corporações da indústria automobilística, pelos processos na Justiça, indigência e acuado, Tucker deixa de produzir, vai à falência e não mais se recupera, até morrer, dez anos mais tarde.





1989

LMP

CINEMA
TELEVISION
HOME VIDEO



EMOÇÃO E AVENTURA EM SUA TELA

FRANCIS FORD COPPOLA

Depois de consolidar uma incômoda reputação de gastador inveterado, o diretor ainda conseguiu financiamento para mais um de seus projetos caríssimos. Aqui ele conta como fez isso e revela a história de sua paixão pelo Tucker Torpedo, o carro que era "bom demais para existir"

A história da vida de Preston Tucker significa, para Francis Coppola, uma perfeita metáfora de sua própria vida. Tanto que ele, agora, afirma não mais ter intenção de filmar, pelo menos por enquanto...

Tucker, o filme, começou na realidade em 1985, quando George Lucas organizou uma festa para comemorar os 46 anos de idade de seu amigo Francis. Todos estavam lá, desatentos ao significado do evento. Em meio ao gramado vistoso da Lucasfilm repousava uma réplica de um dos únicos 51 Tucker construídos (Coppola e Lucas possuem dois modelos cada um e a associação de proprietários desses modelos inclui muitos de seus amigos próximos).

Naquele dia, Coppola não precisou fazer qualquer pergunta a Lucas, pois reconheceu o sinal

vindo de seu amigo às vezes distante — trazido ao mundo do cinema como seu assistente — para que o filme *Tucker* fosse finalmente realizado. Tudo parecia cordial entre os dois cineastas, após as muitas e conhecidas vicissitudes que temporariamente os afastaram (Lucas, por exemplo, havia sido escalado para dirigir *Apocalypse Now*, mas quando *O Fundo do Coração* trouxe filas de credores às portas dos estúdios da Zoetrope, produtora de Coppola, Lucas, rico e famoso graças a *Guerra nas Estrelas*, não socorreu o amigo.)

"*Tucker* foi um dos primeiros projetos que George e eu desejamos realizar, há 20 anos. Naquela época, tínhamos a ira da juventude e o desejo de seguir mostrando ao establishment que filmes e paixão poderiam coexistir. Era impossível levantar o dinheiro necessário, uma vez que nossa reputação mal se firmara. Penso que toda aquela energia acumulada nos permitiu concretizar uma relação mais duradoura e um filme do qual podemos nos orgulhar bastante."

Com um orçamento de US\$ 24 milhões, foi mais difícil do que o imaginado levar a cabo o projeto. Tanto que Lucas, após mostrá-lo a diversos estúdios, decidiu encabeçar a produção, colocando nela uma soma considerável de seu próprio bolso. O principal problema parecia residir no fato de os chefes de estúdio não serem capazes de enquadrar o filme em qualquer categoria conhecida. Nada se assemelhava a seus interesses, que se voltavam para projetos como *Beverly Hills Cop* (*Um Tira da Pesada*), *Top Gun* (*Ases Indomáveis*) e outros. Além disso, a imagem de Coppola como um inventor genial estava

suplantada por aquela que o apontava como um "gastador" negligente e volúvel.

Ao mesmo tempo que a filmagem começava a ser produzida, todas as garantias para uma distribuição eficiente tomavam corpo. A Paramount, que havia sido cortejada três vezes no decorrer dos anos com a possibilidade de levar adiante o projeto, finalmente concordava em se unir a Coppola através do velho amigo dos tempos de *O Poderoso Chefão*, Frank Mancuso. O raciocínio da Paramount, que nutria verdadeira fé pelo projeto, era ter acesso às boas bilheteiras de Lucas, ao contrário de desastres recentes, como o de *Howard, o Pato*.

"A forma pela qual o filme encontrou seu lugar reflete os temas principais desta obra, relacionados ao princípio da amizade e à força da convicção. De um lado, a ajuda de familiares e amigos de Tucker acabou se transformando na força que o fez enfrentar os momentos difíceis; de outro, Tucker, ameaçado, jamais cedeu, jamais se curvou ou fez concessões", explica Coppola.

O filme — o título sugere — fala sobre "o homem e seus sonhos". "Meu interesse por *Tucker* começou aos 8 anos de idade, quando papai, Carmine, levou-me a uma exposição do *Tucker Torpedo*", conta Coppola. "Meu pai encomendou um deles imediatamente, mas o carro nunca foi entregue. Fiquei fascinado pela beleza e pelo acabamento do veículo e sempre quis saber o que, afinal, havia impedido que ele fosse trazido a nós." A explicação que Carmine deu na época nunca mais foi esquecida pelo filho: "Esse carro era bom demais para existir".

Nesse período, atingido pela poliomielite, Coppola passou a maior parte do tempo sozinho na

cama, lendo. "Eu me apaixonei por aparelhos de controle remoto naquela época. Através deles, pude dominar meu mundo, ao mesmo tempo que era estimulado a deixar a cama. Meu irmão Adriano sugeriu-me que lesse algo de Joyce e meu interesse pelo cinema veio justamente disso, dessa leitura intensa e explosiva. O cinema estava inscrito naquelas narrativas e o fato de Joyce ter captado desde cedo a importância dos filmes — ele chegou até mesmo a comprar uma sala de projeção em Dublin e a manter uma maravilhosa correspondência com Eisenstein — tornou-se um grande estímulo para mim."

Estudante na Universidade Mofstra, Coppola usou a biblioteca pública para produzir um primeiro esboço de *Tucker*. Dez Dias Que Abalaram o Mundo, de Eisenstein, foi o filme que o fez decidir, sem qualquer possibilidade de retorno, que o cinema era sua única e real vocação. Mais tarde, após o sucesso de seus chefões, ele pensou novamente em voltar a *Tucker*. Desta vez, considerou a possibilidade de um musical, já que o maestro Leonard Bernstein havia sido persuadido a trabalhar para o filme. A hipótese, entretanto, foi deixada de lado devido ao colapso da Zoetrope, que se tornara iminente com o fracasso de outro musical, *O Fundo do Coração*.

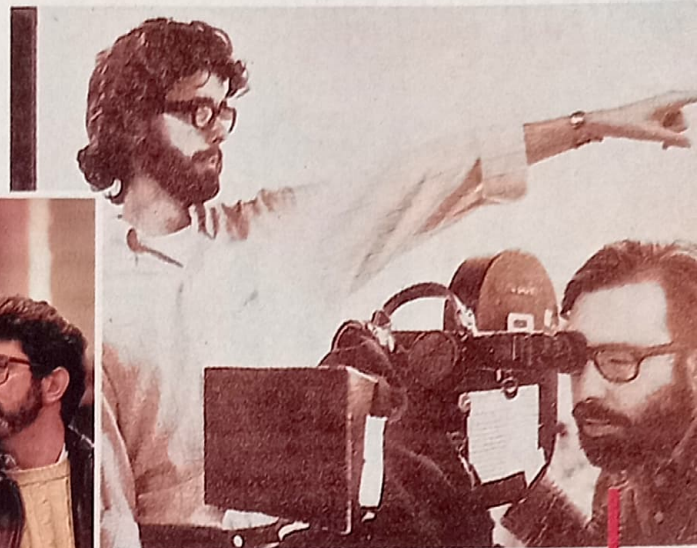
Nos últimos seis anos, Coppola trabalhou como um "louco assalariado", segundo define, ganhando um cachê de US\$ 2,5 milhões por filme e 10% dos lucros resultantes de cada obra. Investindo o dinheiro que lhe sobrava em seus famosos vinhedos de Napa Valley, Coppola pôde saldar todas as dívidas que o afligiam e adquirir novamente os direitos sobre seus filmes.

Por ironia cruel do destino, o último incentivo para que *Tucker* fosse realizado partiu de Giancarlo Coppola, o filho morto em um acidente de navegação enquanto o cineasta trabalhava em *Jardins de Pedra*.

"Gio me perguntava o que havia acontecido com o projeto de que eu vivia falando o tempo todo. Meu fi-



Fotos Lucasfilm



Coppola, que tem Ford no nome e Tucker no coração, com seu parceiro George Lucas: em 1970, filmando THX 1138; à esquerda, durante a produção de Tucker

lho fora contagiado por um entusiasmo juvenil que também se manifestara em mim. Dediquei este filme a ele, porque Gio realmente me deu forças para que eu levasse esse projeto até o fim."

Atualmente, embora garanta ter abandonado a realização de filmes (talvez nem sequer dirija outro novamente), trabalha no projeto *Megalópolis*, em seu esconderijo nas colinas romanas, e envolve-se em uma pesquisa multimídia denominada, apropriadamente, *Leonardo*.

por Donald Ranvaud,
de Londres



Liaison Gamma/Sigla

O GUIA DO VERÃO

Depois de arrecadarem cinco bilhões de dólares nos cinemas americanos, os títulos mais quentes do ano saem da América para correr o mundo. E chegam logo mais ao Brasil, prometendo reeditar aqui o sucesso lá de fora

Este foi um verão como poucos, nos Estados Unidos. Campanhas pré-eleitorais. Um jato iraniano cheio de gente derrubado "por acaso". L.A. Lakers bicampeões de basquete. Debbie Gibson nas paradas de sucesso. A maior onda de calor do século. E, é claro, algumas das maiores bilheterias da história do cinema. Entre os feriados de Memorial Day (em maio) e Labor Day (em setembro), tradicionalmente, é a temporada de Hollywood encher os cofres: o povo tem dinheiro, tem tempo e está cheio de alegria de viver. Cinema neles. Nada muito sério, é claro, porque o calor já está lá fora para torrar os miolos da rapaziada, de qualquer jeito. Filme sério é na safra de outono/inverno, com olhos postos no Oscar da Academia. Agora é *fun, fun, fun*, produtos ligeiros, cinema é a maior diversão.

Aos brasileiros e brasileiras interessa a temporada americana por um bom motivo: são estes os filmes que chegarão às telas do pátrio verão, na tradicional temporada de festas e férias, dezembro/janeiro/fevereiro. Alguns destes filmes foram os grandes e esperados

campeões das bilheterias americanas. Boffo, como se diz na gíria da indústria, contração das duas metades das palavras *box office*, bilheteria. Filmes como *Uma Cilada para Roger Rabbit* (quase 125 milhões de dólares e ingressos até agosto) ou *Willow* (quase 55 milhões). Outros foram hits inesperados. A peculiar mistura de beisebol e sensualidade de *Bull Durham*, por exemplo (quase 46 milhões em tickets), ou *Cocktail*, que foi massacrado a pau e pedra pela crítica mas faturou mais de 51 milhões graças ao belo sorriso de Tom Cruise. Outros ainda foram completos azarões, entrando disparado por fora das pistas e arrebatando elogios e boas vendas, como a louca comédia anglo-americana *A Fish Called Wanda* (mais de 30 milhões de dólares, nada mau para um filme para o qual o próprio estúdio distribuidor tinha reservas). E outros ainda não correram risco nenhum, repetindo fórmulas bem-sucedidas e colhendo os frutos da sua pouca ousadia. Sucesso, é claro, haja vista o estouro de mais um *A Hora do Pesadelo*, o quarto da infundável série.

Uma coisa, contudo, todos eles têm em comum: estiveram nas telas durante a mais gorda temporada cinematográfica dos últimos quatro anos. Ou seja, desde 1984, nunca se venderam tantos tickets, nem tanta gente foi ao cinema nos Estados Unidos. Numa projeção austera do jornal *Variety*, entre junho e setembro deste ano foram vendidos mais de 5 bilhões de dólares em ingressos. É muito dinheiro. É muita gente. É muito filme. Ainda mais quando se pensa na eterna competição do videocassete doméstico.

Agora é com você, caro brasileiro ou brasileira, e com o verão tropical. Vá escolhendo aqui seus possíveis favoritos.

WILLOW

Ron Howard (*Cocoon*) dirigiu, George Lucas produziu, e os mais de 400 complicados efeitos especiais da Industrial Light & Magic engoliram grande parte dos 40 milhões de dólares gastos para este misto de conto de fadas (e aqui elas surgem em profusão), capa e espada, e aventura. Ao mago aprendiz Willow Ufgood — um dos diminutos representantes do povo Nelwyn — cabe a missão de proteger um bebê humano — Dai-kini, no linguajar do filme — que, reza a profecia, tem a sabedoria e o poder necessários para destruir a malvada bruxa Bavmorda. Para ajudá-lo na empreitada, Willow tem apenas o fantarrão e cascadeiro Madmartigan, um mercenário aparentemente sem escrúpulos. Juntos, eles enfrentam dragões de duas cabeças, trolls porcalhões, cães assassinos e soldados sanguinários antes do confronto final com Bavmorda.



A HORA DO PESADELO

Freddy Krueger está de volta e continua o mesmo: usando as mesmas luvas com dedos substituídos por afiadíssimas lâminas e com a mesma capacidade de invadir sonhos para assassinar suas vítimas adormecidas. Novos mesmos são o porte do orçamento de *The Dream Master* (seis milhões de dólares, recorde da série *A Hora do Pesadelo*), os efeitos especiais (gatinhas que viram baratas cascudas, pizzas de seres humanos, múmias instantâneas) e a "carne fresca" (expressão do próprio Krueger) que compõe o atual elenco de adolescentes assombrados. O fino humor e o sarcasmo de Freddy, contudo, permanecem intocados, enquanto ele persegue um grupo de colegas de escola após ter literalmente ressurgido das cinzas.



Willow (ao lado):
os mais caros
efeitos especiais;
acima, Freddy em
A Hora do Pesadelo



Raul Julia, Dreyfuss
e Sonia Braga em
Paradise (ao lado);
abaixo, o peixeão
Wanda (Jamie Lee
Curtis) e John Cleese

LUA SOBRE PARADOR

Jack Noah (Richard Dreyfuss) é escalado para fazer o papel mais difícil de toda sua carreira de ator de teatro e cinema: ele precisa tomar o lugar do ditador para que o povo não perceba que o tirano de verdade bateu as botas. Não que ele tenha escolha: o homem-forte do governo, Roberto Strausmann (Raul Julia), diz que Jack morre se negar o "convite". Mas há pelo menos uma vantagem na farsa: Madonna (Sônia Braga), a amante do ditador. Mais surreal do que esta trama, porém, é ver Regina Casé e Guilherme Karan fazendo graça em inglês. Outros brasileiros notáveis no elenco: Milton Gonçalves, José Lewgoy, Nildo Parente, Carlos Augusto Strazzer, Nelson Xavier e Lutero Luiz. Neville de Almeida aparece de costas. Outro detalhe: numa determinada cena, o "ditador" Jack aparece vestido com fardão da Academia Brasileira de Letras.



croque de altíssimo quilate. Feito o "trabalho", um fica tentando passar a perna no outro. Ken esconde a chave do cofre com as jóias roubadas num cofre miniatura que enfeita o aquário de seu apartamento. Otto e Wanda denunciam George para ficar com o produto do roubo. Mas Wanda quer se livrar de Otto. Complicado, não? Fica mais complicado ainda quando Wanda se envolve com o advogado Archie (John Cleese), encarregado da defesa de George. Se você tiver alergia a gargalhadas, fique em casa: este é o mesmo tipo de humor alucinado presente em clássicos do Monty Python (de onde saíram Cleese e Palin).

A FISH CALLED WANDA

A quadrilha de ladrões de jóias não poderia ser mais atrapalhada e desunida: Wanda (Jamie Lee Curtis) fica tontinha de tesão quando Otto (Kevin Kline) sai recitando frases num italiano macarrônico/surreal. Ken (Michael Palin) é um gago defensor da ecologia e subserviente ao líder da gangue, George (Tom Georgeson), um es-

Clint Eastwood, protagonista
de *The Dead Pool* (à direita),
dirige *Forest Whitaker*
em *Bird* (abaixo)

Warner



BIRD

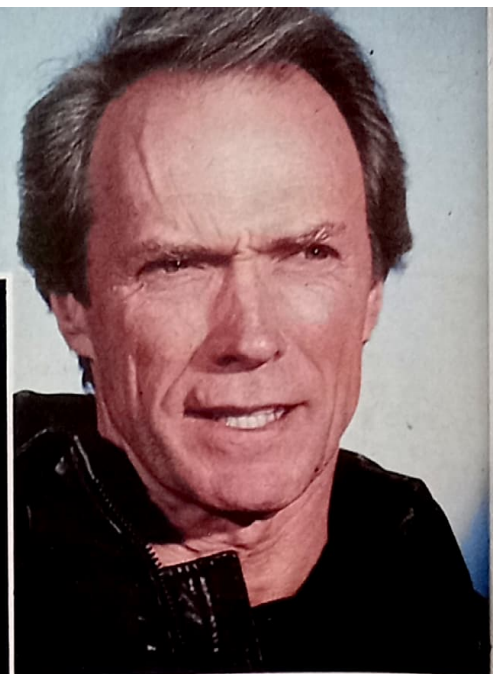
A fulminante e dolorosa vida de Charlie "Bird" Parker — o homem que praticamente reinventou o saxofone como instrumento de jazz —, segundo Clint Eastwood, tem exatamente o oposto de qualidade e defeitos de *Imagine*. Os defeitos: uma narrativa confusa, truncada, com flashbacks e mais flashbacks, imagens recorrentes interrompendo momentos climáticos, imprecisão no desenho de alguns personagens. As qualidades: um olhar sem medo pelos desvãos mais escuros da alma de Bird, tornando o filme uma apaixonada, sensível e compassiva descida aos infernos — não à margem, mas junto com Parker. Num certo sentido, Eastwood construiu *Bird* como um tema de jazz — ou melhor, como um tema de *free jazz*, a escola de Parker — e, por isso talvez, ele se torne, tantas vezes confuso, como se improvisasse livremente, seguindo uma lógica interior, intuitiva. E, como no melhor jazz, quando o filme voa e encontra sua voz, ele brilha, como um desses solos exemplares, fulgurantes, de que Parker era capaz. O desempenho de Forest Whitaker como Parker é um solo em si mesmo, revelando uma mistura de paixão e inocência que, por si só, iluminam os impulsos criativos e autodestrutivos de Bird. Há cenas inesquecíveis: o quase-encontro com Stravinski,

em Los Angeles; o confronto com a ascensão do rock'n'roll, a "gonçada" numa noite de calouros; Parker/Whitaker explicando seu processo de criação: "Eu queria entrar dentro da melodia, dentro dela, mudar tudo"; e, finalmente a sequência da morte — aos 34 anos mas aparentando 65, Parker morre de tudo: coração, bebida, heroína, mas morre rindo, ironizando e libertando-se de sua própria biografia.

BULL DURHAM

O público americano elegeu este filme como um dos favoritos do verão nos Estados Unidos. Também, pudera: o tema central do filme é o que ocorre nos bastidores amorosos e profissionais do beisebol, uma paixão americana tão forte e enraizada quanto é o futebol para o brasileiro. Não deve ter atrapalhado essa escalada de sucesso o fato de Kevin Costner encabeçar o elenco, ao lado de Susan Sarandon. Ele é um ex-ás do esporte, contratado por um timezinho furreca de interior para lapidar a estrela bruta dos Durham Bulls: um Zé Mané burro como uma porta, mas capaz de lançar a bola como ninguém. Sarandon faz a tiete de jogadores que mistura sexo, misticismo e psicologia de fundo de quintal para ajudar seus ídolos.

Orion

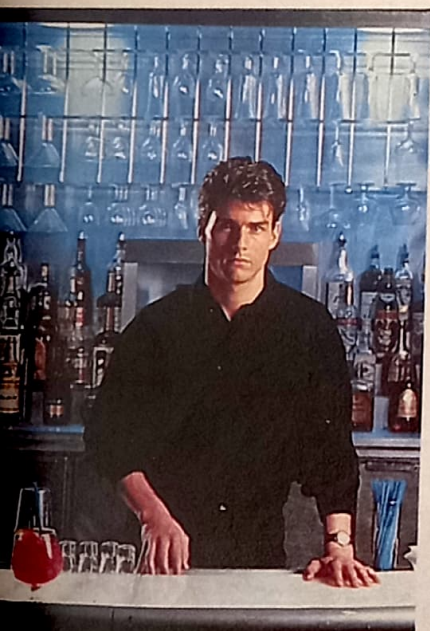


THE DEAD POOL

Frio, sórdido e bom de tiro, o tenente de polícia Dirty Harry Callahan (Clint Eastwood) não mudou muito desde a última vez que foi visto na tela (e será que alguém sinceramente esperava que isso acontecesse?). Agora ele tenta desvendar uma misteriosa série de assassinatos, todos ligados a um mórbido "bolo esportivo" realizado por um diretor de filmes de terror. Em determinado momento, o próprio Callahan entra para a lista de vítimas potenciais.

COCKTAIL

Para quem já foi piloto de jato, espadachim de um conto de fadas e filhinho de papai rico, Tom Cruise parece ter sido "rebaixado" a um papel mais próximo ao mundo real: o de barman. Como é Tom Cruise, porém, não estamos falando de um barman qualquer, mas de um superstar da profissão, auxiliado pelo veterano Doug Coughlin (Bryan Brown, de *F/X*) para ascender na área mais chique de Manhattan. Servindo uísque e fazendo umas coreografias complicadas com seu mentor, Brian (Tom) conquista gordas gorjetas e altas gatinhas. Um dos brotos, no entanto, tem mais massa cinzenta do que a maioria e ensina a Brian algumas lições. Como não poderia deixar de ser, nos Estados Unidos as associações que combatem o alcoolismo gritaram "xevra" para *Cocktail*.

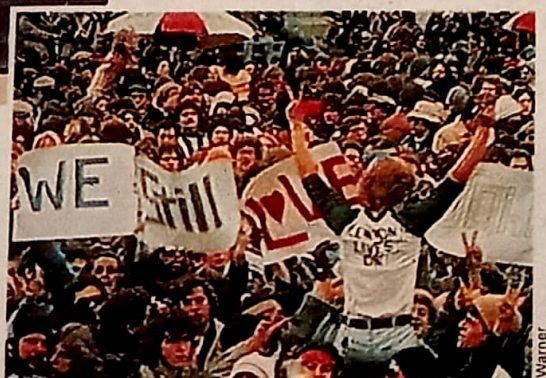


Kevin Costner e Susan Sarandon em *Bull Durham* (esquerda), Tom Cruise em *Cocktail* (acima) e cena de *Imagine* (direita)

IMAGINE

Yoko Ono encomendou há dois anos este documentário ao produtor David Wolper — responsável, entre outras coisas, pela festa de abertura e encerramento das Olimpíadas de Los Angeles, e pela re-inauguração da Estátua da Liberdade — para que o mundo pudesse ver, pela primeira vez, os arquivos pessoais de imagens que John Lennon acumulou em vida. Essa é a versão oficial, mas, na verdade, tudo indica que ela estava tentando o que de fato conseguiu: contrabalançar os efeitos nefastos da biografia escandalosa escrita por Albert Goldman e que, exatamente há dois anos, entrava em sua fase decisiva com o contato entre Goldman e um ex-empregado do casal, Fred Seaman, que tinha furtado (e adulterado) os diários do ex-Beatle.

É importante saber desse pano de fundo para entender as cores brandas de *Imagine*, dirigido com elegância por Andrew Solt que também dirigiu um filme sobre Elvis Presley (*Elvis Não Morreu*). Embora, oficialmente, sem a interferência de Yoko no processo de criação, o filme passa muito leve sobre os pontos nevrálgicos da vida e da carreira de John, evitando ter que discutir coisas penosas como drogas e idolatria. A clareza da narrativa e o frescor da parte inédita do material visual, contudo, garantem a importância do filme: imagens de Lennon em casa, de férias, com a família, ou gravando o LP *Imagine*, ou ainda trechos raros de entrevistas.



MARRIED TO THE MOB

O diretor Jonathan Demme (*Totalmente Selvagem*, *Stop Making Sense*) criou uma brilhante comédia de gangsteres que traça as confusões em que se mete Angela Demarco (Michelle Pfeiffer) depois que o marido mafioso é assassinado e ela se vê na linha de tiro entre o poderoso chefe Tony *The Tiger* Russo (Dean Stockwell) e o agente do FBI Mike Downey (Matthew Modine), ambos também pretendentes ao coração da jovem viúvina. Para o público brasileiro é de especial interesse descobrir a presença de "Ela Vem Chegando", de Jorge Ben, numa cena climática — um detalhe da trilha inteligente, montada por David *Talking Heads* Byrne.

SHORT CIRCUIT II

O simpático robô-com-um-coração que eletrizou a garotada no primeiro filme da série retorna para ajudar seu criador, o jovem cientista Ben (Fisher Stevens), a construir uma série de brinquedos eletrônicos do Number 5 original. Mas um grupo de bandidos se aproveita da pureza e da ingenuidade do nosso herói metálico para afanar uma partida de jóias. E, no meio de todas essas peripécias, Number 5 ainda acha tempo para visitar as livrarias da cidade em busca de *input*.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles **FI**



Michelle Pfeiffer e Matthew Modine dançam em *Married to the Mob*, à esquerda; acima, o simpático robô de *Short Circuit II*



Alexandre Sassaki/Abril

SET — Você já disse que o seu Hitchcock favorito é *Intriga Internacional*. Qual é o seu Polanski favorito? Roman Polanski — (rindo) É difícil determinar assim qual eu considero melhor, em uma palavra. Quando você revê seus próprios filmes — e eu fiz isso há alguns anos, quando estava escrevendo meu livro de memórias —, você tem sempre sentimentos estranhos. Vejo nos meus filmes uma porção de coisas que eu não faria hoje, uma porção de erros e equívocos, ou mesmo coisas que eu não pude fazer melhor porque não tinha recursos suficientes — tempo, dinheiro, ou o que fosse... Então, cada filme que eu fiz me causa uma espécie de embaraço, de frustração. Com a exceção de *A Dança dos Vampiros*, que é muito leve, divertido, e tem aquela qualidade das coisas que a gente faz com leveza, sem se levar a sério demais... Posso rever esse filme hoje sem me sentir frustrado. Além do mais, (num tom nostálgico) ele evoca um período muito feliz da minha vida. A realização desse filme foi um momento muito feliz... Mas, se eu penso em algo mais profundo, mais original, algo único em termos de realização cinematográfica, eu penso, entre meus filmes, em *Armadilha do Destino*. É um filme que te dá uma solução inesperada a cada minuto. Você espera que ele vá para um lado, ele vai para o lado oposto. Então esses dois são filmes de que gosto, mas mesmo eles con-

Acompanhado de sua enlouquecedora mulher, Emmanuelle Seigner, de 22 anos, o diretor polonês, de 55, veio ao Brasil promover Busca Frenética. Em São Paulo, ele concedeu a SET esta exclusiva

ROMAN POLANSKI

têm deficiências do ponto de vista técnico. O filme em que eu acho que dominei completamente o *métier* cinematográfico é *O Bebê de Rosemary*. Tecnicamente falando, já não existem problemas em *O Bebê de Rosemary*. É isso que posso dizer sobre meus filmes. Uma longa resposta para uma pergunta simples, não é?

SET — Você já disse que não busca mais a originalidade a todo custo. Você quer apenas "entreter as pessoas e retratar emoções humanas"...

Polanski — Sabe, se você tenta ser original, isso fica muito evidente. Ou você sabe contar uma história ou você não sabe. Se não sabe, se não tem talento para isso, você pode forçar sua cabeça que não vai adiantar nada. É como essas pessoas que querem chamar atenção contando histórias durante o jantar. O sujeito abre a boca e você tem vontade de se esconder debaixo da mesa (risos). Você pensa: "Será que esse cara não vai calar a boca?" Outros, pelo contrário, conseguem te envolver na história que eles contam, porque têm talento para contá-la, têm paixão, entusiasmo, entende?

SET — Você já tentou alguma vez ser original?

Polanski — Acho que nos meus primeiros filmes de curta-metragem, talvez. Mas mesmo neste caso era uma coisa espontânea, sincera. Eu queria ser original porque eu precisava ser original, porque quando você é jovem e frequenta uma escola de cinema, você tem milhões de idéias que julga fantásticas e pensa: "Vou mostrá-las pra todo mundo". Veja, por exemplo, todos esses videoclipes, quase sempre feitos por jovens. Eles estão cheios de idéias que eu tinha quando era um garoto, e algumas delas hoje me parecem ridículas. Você sabe, essas coisas de pegar a câmera e fazê-la girar, ou atirá-la pela janela, ou virá-la de cabeça para baixo (risos). Quer dizer, essas coisas que podem ser originais, mas que são realmente muito ingênuas, muito primárias...

SET — Mas isso não significa que vo-

cê nunca mais fará filmes de vanguarda como *Armadilha do Destino* ou *Quê?*...

Polanski — (exaltado) O que é vanguarda? Pela sua própria etimologia, a expressão *avant-garde* designa algo que posteriormente terá seguidores, algo que é a cabeça, a ponta-de-lança de alguma coisa. Se nos próximos anos você vir vários filmes feitos no estilo de *Busca Frenética*, você vai dizer que ele foi um filme de vanguarda. Se isso não acontecer, ele será apenas mais um filme, original ou não. Porque um filme pode ser original e não ser necessariamente de vanguarda. Há um filme muito original feito por Charles Laughton, chamado *Night of the Hunter* (no Brasil: *O Mensageiro do Diabo*), que não é de vanguarda, porque não teve seguidores. Vanguarda significa ter uma espécie de visão das coisas, estar à frente do tempo. Muitos de meus filmes foram de vanguarda porque foram mal compreendidos (risos). Quando *Armadilha do Destino* estreou, ninguém foi vê-lo. Hoje, eu sou convidado para debates em associações de cinema, ou universidades, onde eles exibem *Armadilha do Destino*. Tornou-se um *cult-movie*. Mas quando estreou foi arrasado pelos críticos americanos e de muitos outros países, embora tenha ganho um prêmio em Berlim. Gosto é uma coisa que você adquire. Lentamente, aquele filme que parecia diferente é apreciado por algumas pessoas, que passam a imitá-lo, a fazer coisas na mesma linha, eventualmente isso se torna um estilo, e o público adquire um gosto para ele. Lembre-se de seu primeiro café, quando era um garoto. Provavelmente você não gostou, mas hoje você toma, e gosta. Minha primeira cerveja, eu me lembro, eu não conseguia entender por que é que as pessoas tomavam "aquilo" (risos). A gente tem que se acostumar até com o gosto de fazer amor (risos). Então, voltando à minha pergunta, o que é vanguarda? Você não pode dizer *a priori*: "Isto é vanguarda" ou "eu

vou fazer uma obra de vanguarda". Não dá.

SET — Você já fez filmes em vários gêneros — terror, suspense, comédia, aventura, noir... Que gênero você gostaria ainda de experimentar?

Polanski — Todos. Eu sou uma espécie de *playboy* do mundo do cinema, quero experimentar de tudo, entende? Preto, chinês, brasileiro, mulato (risos)... Eu gostaria de fazer um western, uma comédia musical, eu sempre quis fazer uma ficção científica também...

SET — Você conhece filmes brasileiros?

Polanski — Não muitos. Eu conheço, é claro, o que todo mundo conhece: Sônia Braga, Hector Benco... Pensei em aproveitar esta minha passagem pelo Brasil para me atualizar um pouco com relação ao cinema brasileiro, mas não tenho tido tempo.

SET — E quais são os seus projetos atuais? Que fim levou a adaptação das histórias de Tintin, na qual você começou a trabalhar com a mulher de Harrison Ford?

Polanski — Bem, isso foi uma idéia que comecei a desenvolver com Melissa Mathison, mas nós decidimos que não era o momento certo para fazer esse tipo de filme.

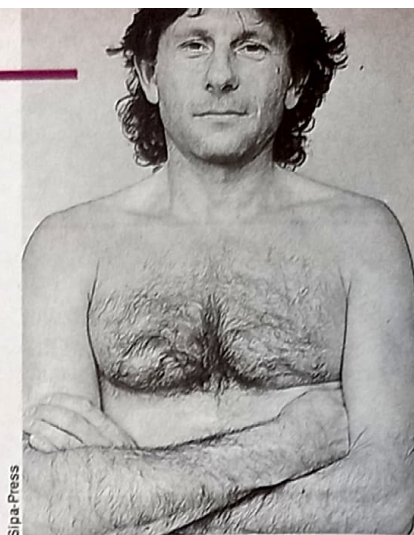
SET — E o teatro? Você atuou este

O diretor e sua
mulher Emmanuelle
no coquetel
oferecido a ambos,
em São Paulo



Miliu Leite/Azul

Polanski de peito aberto:
adora Kubrick, não entende
Godard e acha Wenders chato



Sipa-Press

AS OPINIÕES DE POLANSKI SOBRE CINEASTAS

Glauber Rocha: "Eu vi seus filmes nos anos 60. Bem, acho que ele pensava que estava fazendo vanguarda. Hoje eu não sei o que ele pensaria a respeito."

Jean-Luc Godard: "Não entendo seus filmes, mas entendo muito bem suas motivações. Ele está sempre tentando ser 'original'. Não é o tipo de cinema que me agrada."

Stanley Kubrick: "É um dos maiores cineastas vivos, com obras-primas como 2001 — Uma Odisséia no Espaço e Doutor Fantástico."

Wim Wenders: "Gosto de partes dos seus filmes. Acho que em alguns momentos ele consegue grandes coisas. Mesmo este seu último filme tem grandes momentos. Mas outras passagens são aflitivamente chatas. Eu constantemente sinto vontade de dizer: 'OK, já entendi, não me tome por um estúpido, ande mais depressa com isso'. Mas isto não impede que um filme como Paris, Texas tenha momentos maravilhosos, especialmente aqueles com Nastassja Kinski..."

SOBRE FILMES

Uma Noite na Ópera (1935), de Sam Wood, com os Irmãos Marx: "Eu amo este filme. Lembro-me de que foi uma das grandes alegrias da minha infância. Eu o vi quando ainda era garoto, junto com amigos que eram tão loucos por cinema quanto eu, e depois disso revi umas cinco ou seis vezes, sempre com grande prazer."

Nosferatu (1922), de Friedrich W. Murnau: "Vi só uma vez, quando estava na escola de cinema, mas me lembro muito bem dele. É um filme que deu uma porção de idéias para muitos cineastas, é um filme charmoso, mas para mim não é particularmente interessante."

A Doce Vida (1960), de Federico Fellini: "Gosto muito, e lembro-me de como fiquei impressionado a primeira vez que o vi. Mas não considero o melhor filme de Fellini, que para mim continua sendo Oito e Meio."

O Poderoso Chefão (1972), de Francis Coppola: "Um grande filme. O primeiro filme sério sobre gangsteres, o único que faz você acreditar que aquilo realmente aconteceu, ao contrário dos gangster movies feitos anteriormente em Hollywood."

Os Intocáveis (1987), de Brian De Palma: "Gosto muito, é muito divertido. É cinema. É filme sobre filmes."

Crepúsculo dos Deuses (1950), de Billy Wilder: "Grande filme. Eu o vi na escola de cinema e me lembro do impacto que teve sobre todos nós. Ótimo filme para quem faz cinema. Tudo o que eu falei contra os filmes sobre cinema não vale neste caso. Crepúsculo dos Deuses foi feito por um homem que fez filmes sobre muitas coisas e que de repente resolveu tratar de um assunto que lhe era muito próximo, e o fez muito bem."

A Bela da Tarde (1967), de Luis Buñuel: "OK, um bom filme, mas nada especial para mim. De Buñuel, prefiro Los Olvidados."

Pierrot le Fou (1965), de Jean-Luc Godard: "Não entendo este filme."

O Iluminado (1980), de Stanley Kubrick: "Não morro de amores por este filme. Adoro Stanley, mas neste caso acho que ele foi prejudicado por um desejo desesperado de fazer sucesso. Não sei por que ele escolheu esse livro (de Stephen King). Eu tinha recebido esse livro dois anos antes e achei-o ridículo. Uma história que busca assustar pelo prazer de assustar..."

Lacombe Lucien (1974), de Louis Malle: "Adoro este filme. É muito bom."

As Asas do Desejo (1987), de Wim Wenders: "Achei chato, embora a trilha sonora seja magnífica em alguns momentos. Aquela coisa de alternar cor com preto-e-branco, já vi isso antes, muitas vezes."

ano em Paris, numa adaptação de Kafka...

Polanski — É, eu acabei de trabalhar n'A Metamorfose. Era uma adaptação feita por um diretor teatral inglês — muito de vanguarda, diga-se de passagem (risos) — que se chama Stephen Berkoff. Ele também é ator de cinema, mas não trabalha em filmes de vanguarda, e sim em filmes feitos para dar dinheiro — dinheiro que ele usa para financiar seu teatro de vanguarda. Vocês provavelmente o viram em Rambo II — era ele que torturava o Rambo com choques elétricos. Ele também estava em Tira da Pesada I. Lembra-se dele? Olhos azuis, bem vestido, cabelo curto... Seu personagem chamava-se Victor, era um sujeito que traficava drogas. Ele falava assim (imitando, com a boca torta), com um sotaque germânico...

SET — Voltando a Kafka, você declarou que ele tem um tipo de senso de humor que ninguém tinha notado... Você acha Kafka engraçado?

Polanski — Muito engraçado. Sua intenção era essa. É tão absurdo... Eu não sei se ele foi um precursor do surrealismo ou não, mas existe um bocado de humor absurdo em Kafka. Basta pensar no caso de Gregor Samsa (de A Metamorfose), que, acordando de um sono agitado, percebe que se transformou num inseto nojento. Isso é muito engraçado, não é?

SET — Você acha então que Kafka sempre foi mal compreendido na Europa?

Polanski — Não só na Europa. Praticamente no mundo todo. As pessoas acham que ele é horrível demais para ser engraçado e então distorcem completamente o sentido de seu trabalho, assim como distorcem um monte de

WATCHMEN



Vigilantes, sentinelas, homens-hora,
homens-relógio, grupo de prontidão...
Afinal, quem são os Watchmen?

© 1988 DC Comics Inc.



Escrita pelo premiadíssimo
Alan Moore e desenhada pelo
talentoso Dave Gibbons,
esta nova mini-série
mostra um mundo onde as
pessoas alimentam uma
estranha aversão pelos
super-heróis. Um mundo
habitado por complexos
personagens, que através
de suas atuações em
aventuras surpreendentes,
formam um rico painel,
expressando todas as
facetas do ser humano!

WATCHMEN



Nas bancas, o nº1!
Não perca!

MINI-SÉRIE DE LUXO EM 6 EDIÇÕES



**Ele não vai deixar você
dormir sem viver um pesadelo!**

LORIMAR

O TERROR NÃO ACABOU

O personagem de maior sucesso da "espantomania" está de volta em novas e amedrontadoras histórias: o mordaz Freddy Krueger não vai deixar ninguém dormir sem ter pesadelos mortais. Ele chega em fitas de vídeo com a qualidade da Herbert Richers, o que já é uma garantia. Com ela você pode dormir sossegado.

*A Nightmare
ON ELM STREET*

**O MAIOR
SUCESSO DE
LOCAÇÃO NOS
EUA ESTÁ
CHEGANDO!**

**A Hora do
Pesadelo**
PRIMEIRO LANÇAMENTO DA SÉRIE

HERBERT RICHERS

**PAIXÃO PELA
QUALIDADE**

Rua Conde de Bonfim, 1337 - CEP 20530 - Rio de Janeiro
TELEFONE: (021) 288-8142 - TELEX: (021) 30255

POLANSKI

outras coisas, como Tchecov, por exemplo. Na Europa e nos Estados Unidos eles representam Tchecov como drama ou tragédia, quando o que ele escreveu de verdade foram comédias. Comédias tristes, mas ainda comédias. A maioria das pessoas não entende que você pode fazer humor com seriedade.

SET — Como é dirigir a si próprio? Você acha que Roman Polanski é um bom ator para um filme de Roman Polanski? Como foi trabalhar em *O Inquilino* e *Chinatown*?

Polanski — Bem, em *Chinatown* era apenas uma gag, uma brincadeira, na verdade era Jack Nicholson que estava me dirigindo naquela cena (risos). Mas, em geral, posso dizer que não é difícil dirigir enquanto se representa, mas é difícil representar enquanto se dirige. Quer dizer, o trabalho de ator fica mais difícil, porque representar exige ao mesmo tempo concentração e relaxamento. Você tem que estar totalmente relaxado e ao mesmo tempo concentrado no que está fazendo. E quando você está também dirigindo, existem muitas outras coisas nas quais você tem que pensar: na iluminação, no movimento da câmera, na fala do seu *partner*... Então você perde a concentração e sua performance sai prejudicada.

SET — Você disse uma vez que não gosta dos filmes sobre cinema feitos até hoje. Você pretende um dia fazer seu próprio filme sobre o cinema?

Polanski — Não pretendo nem descartar a hipótese. Eu não costumo gostar desses filmes porque eles quase sempre são malfeitos, porque parecem feitos por pessoas que não sabem de nada do que existe fora do cinema, que perderam totalmente o contato

com a vida, a sociedade, o mundo em geral...

SET — *Todo mundo sabe que você tem um grande conhecimento de fotografia, lentes etc. Quando você está fazendo um filme, costuma controlar cada passo de seu fotógrafo e dos cameramen ou dá a eles alguma liberdade? Você é um diretor "despótico" ou "democrático"?*

Polanski — (agressivo) Esse vocabulário é idiota. "Despótico" ou "democrático" são termos que não se aplicam a um diretor. O diretor cria o filme e as outras pessoas da equipe o ajudam. Não é o caso de o filme ser feito por um comitê (risos). Outras pessoas fazem isso, mas eu não acho que estaria aqui se eu fosse um desses "membros de comitê". Eu não tenho nenhum comitê. Quando eu trabalho com um diretor de fotografia, eu discuto as coisas com ele — ele tem idéias e eu também tenho idéias. Às vezes a gente concorda, às vezes não. É muito comum você não concordar com uma pessoa inteligente, criativa, porque obviamente só uma escolha é a certa, e não duas. O meu ponto de vista tem que ser o definitivo, porque eu estou contando a história. Eu estou sempre certo. Mesmo quando eu estou errado, eu estou certo, porque sou eu que estou contando a história e não outra pessoa. Certo?

Por José Geraldo Couto
e Eugênio Bucci **FI**

Após a entrevista,
Polanski confere
a matéria da
SET sobre
Busca Frenética

**"O meu ponto de vista
é definitivo, eu é que
estou contando a história.
Estou sempre certo"**



Eu não nasci de óculos.

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro,

e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. E ainda me dão liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

Conheça também as lentes de uso prolongado exclusivas da Bausch & Lomb. Muito mais conforto para você.

**BAUSCH
& LOMB**



PATROCINADOR DA
EQUIPE OLÍMPICA
BRASILEIRA DE 1988

QUATRO VEZES COMÉDIA

Bette Midler e Lily Tomlin fazem dois papéis cada uma e protagonizam uma confusão planetária. Tudo começa com uma troca de bebês. Cuidado com as Gêmeas!

Dando continuidade à série de filmes que tratam da troca de identidade, surge uma pequena pérola intitulada *Cuidado com as Gêmeas*, do estreante Jim Abrahams (co-diretor de *Por Favor Matem Minha Mulher*), que conta a história de dois pares de gêmeas idênticas, trocados no berçário por uma enfermeira velha e caduca.

Tudo começa quando o pomposo casal Shelton, de Nova York, passa por Jupiter Hollow, pequena cidade sulista. No meio do caminho a distinta senhora Shelton, grávida, sente as primeiras dores do parto. Não longe dali, um outro par, os Ratliff, que moram na região, conhece a mesma experiência. As duas mulheres são levadas às pressas para o hospital local, propriedade dos Shelton. Lá ganham duas meninas: Sadie (Bette Midler) e Rose (Lily Tomlin).

No quarto ao lado, a pobre (e numerosa) família Ratliff recebe também dois novos membros, meninas, que são batizadas de Sadie (Midler) e Rose (Tomlin). Sim! Cada uma interpreta dois papéis. A confusão aumenta quando uma desorientada e velha enfermeira troca os pares no berçário, colocando uma Shelton ao lado de uma Ratliff e vice-versa.

À direita, Sadie (Bette Midler) ordenha uma vaca; na página oposta, os dois pares de gêmeas se encontram (acima) e Rose (Lily Tomlin) acaricia outra vaca



Fotos Warner

Passam-se os anos e Sadie Shelton (Midler) assume a direção da empresa do pai, o conglomerado Moramax, tornando-se uma autoritária e ambiciosa mulher de negócios. Já Rose (Tomlin) é delicada e totalmente despojada de ambição — ao menos para os negócios. Cheia de idéias, Sadie convence a irmã a vender a Companhia de Móveis Hollowmade, situada na longínqua Jupiter Hollow, lugar onde nasceram.

Tão logo a notícia da venda chega aos ouvidos de Rose Ratliff (Tomlin), popular cidadã de Jupiter Hollow, ela promove uma manifestação local contra a Moramax. A revolta é tanta que convence a irmã, Sadie (Midler), de temperamento bem menos explosivo do que o seu, a acompanhá-la até Nova York, onde espera negociar com os donos da empresa.

Se o filme exhibe desde o início um ritmo ágil, o encontro das Shelton e Ratliff em Nova York cria situações mirabolantes quando as quatro se hospedam no Plaza Hotel. Assim que começa o vaivém no saguão do Plaza ninguém entende mais nada, pois todos (mesmo as protagonistas) ignoram a existência do outro par.

Cuidado com as Gêmeas é inspirado na farsa *Uma Comédia de Erros*, de William Shakespeare, com roteiro dos primos-irmãos Dori Pierson & Marc Rubel, tendo este último se baseado na irmã gêmea de sua mãe. Segundo eles, o que mais atrai na história é justamente a relação entre os gêmeos, que, separados, apresentam sempre algo em comum.

Em *Cuidado com as Gêmeas* esse é um fator importante, pois Bette Midler, cativante como sempre, compõe dois personagens distintos, embora aparentemente iguais. Assim sendo, o diretor Jim Abrahams joga com o temperamento e a tendência dos personagens, reunindo-os pelos gostos e inclinações naturais da personalidade.

O sucesso de *Cuidado com as Gêmeas* vem de um minucioso trabalho de equipe e um elenco refinado. Bette Midler confirma que na comédia ela é como peixe na água: está em casa. Ao seu lado, Lily Tomlin (*Um Espírito Baixou em Mim*) navega na comédia como uma sereia ao luar. Quando as duas se encontram a alquimia é



perfeita. No elenco de apoio estão ainda Fred Ward (*Os Eleitos*), Edward Herrmann (*Garotos Perdidos*), Daniel Gerroll (*Carruagens de Fogo*) e o ator italiano Michele Placido, estreando no cinema americano.

Mesmo se você se embaralhar na história sem conseguir distinguir quem é quem, *Big Business* é diversão garantida do começo ao fim, lembrando as comédias dos anos 30, 40, com Cary Grant.

Eliana Thomé de Souza **ET**

Big Business, EUA, 1987. DIREÇÃO: Jim Abrahams ■ Com Bette Midler, Lily Tomlin, Fred Ward, Edward Herrmann, Michele Placido, Daniel Gerroll e Barry Primus ■ ROTEIRO: Dori Pierson e Marc Rubel, inspirado na farsa *Uma Comédia de Erros*, de William Shakespeare ■ FOTOGRAFIA: Dean Cundey ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: William Sandell ■ MÚSICA: Lee Holdridge ■ PRODUÇÃO: Steve Tisch e Michael Peyser ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner.



NOVES FORA, TUDO

Um mestre equaciona racismo e matemática em O Preço do Desafio

Não há quem, detestando química ou gramática, não tenha encontrado um mestre tão apaixonado por sua matéria que contagie também sua desinteressada platéia — e o estudante se encontra, de repente, vendo sentido naquelas esdrúxulas regrinhas ou na tabela periódica. Matemática! A alavanca que move a vida. E o professor Jaime Escalante prega seu credo na Garfield High School de Los Angeles — o equivalente, nos EUA, ao nosso 2.º grau —, para uma turma de arredios *chicanos*, que ignoram a mais simples operação aritmética.

Sorte deles. Enfrentando gangues, preguiça, provocação de alunos e conformismo dos colegas, o professor (boliviano) prova que não foi à toa que abandonou um rentoso cargo na indústria informática para enfrentar o pessoal barra pesada de uma escola do *barrio*. Seduz, seqüestra, compromete a classe com o programa normal, repõe matéria em fins de semana e nas férias, exige e implanta uma

cadeira de cálculo! A história (real) do professor Escalante foi levada às telas por Ramon Menendez e Tom Musca — respectivamente diretor e produtor, e ambos autores do roteiro —, encarnando-a no ator Edward James Olmos.

Olmos, Musca e Menendez engajaram uma das mais conseqüentes produções do atual *boom* latino nos EUA. Integracionista, sim: as chances que o estudo abre são as da Universidade, de uma posição melhor na sociedade. Mas nunca oportunista ou alienada — a chave que o mestre propõe é a da apropriação do conhecimento real. Os maias, antepassados dos índios mexicanos, ao lado dos astecas, ensina ele, foram a primeira civilização a elaborar o conceito do zero, o número nulo. Ao estudante/mecânico, mais preocupado com um emprego que com o curso de férias, o professor sugere que, mais importante do que dirigir um carro novo ou consertá-lo, é preparar-se para um dia projetá-lo.

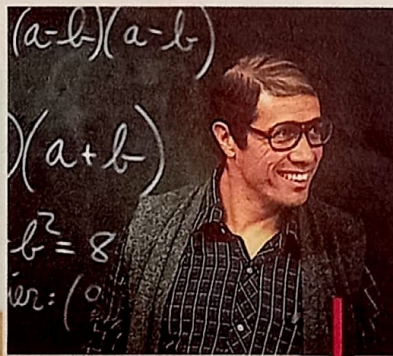
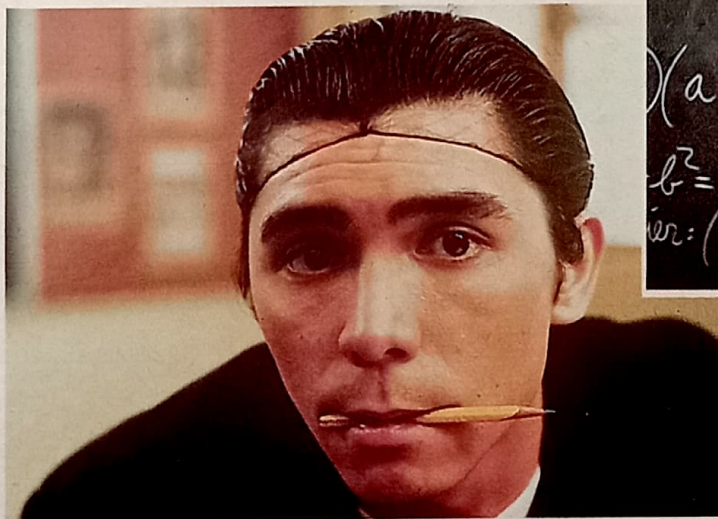
No filme, como na vida real, tão sincera confiança na ciência só poderia esbarrar na mesquinha e no preconceito. Quando dezoito estudantes da High School prestam exames classificatórios para a Universidade com excelentes resultados, o Educacional Testing Service, responsável pelas provas, contesta as ótimas notas com base na suspeita de fraude. E, quando esse comitê não explicita suas dú-

vidas, fica parecendo que os sobrenomes mexicanos ao pé das páginas de exame constituem a principal fonte de suspeitas...

Duro com os duros, palhaço com os palhaços, inclemente com os fracos, o mestre ensina que *ganhas*, a força de vontade, é a palavra. Uma magnífica recriação de Olmos (o tenente Castillo de *Miami Vice* e o Gaff, aquele sinistro policial que fazia bonequinhos de papel em *Blade Runner*), com um soco arrastado que varia sutilmente da determinação de um Pancho Villa à bonomia de um Cantinflas. Entre os estudantes, a figura de Angel (Lou Diamond Phillips, de *La Bamba*) se destaca como o encenqueiro com pendor para o raciocínio abstrato. Um bom filme, em que pesem as escorregadelas sentimentais.

Alex Antunes

Stand and Deliver, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Ramon Menendez ■ Com Edward James Olmos, Lou Diamond Phillips, Rosana de Soto, Andy Garcia, Virginia Paris, Carmen Argenziano ■ ROTEIRO: Ramon Menendez e Tom Musca ■ FOTOGRAFIA: Tom Richmond ■ MÚSICA: Craig Safan ■ PRODUÇÃO: Lindsay Law para a American Playhouse ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



Nem o encenqueiro Angel (Diamond Phillips, ao lado) resiste à paixão matemática de Escalante (Olmos, acima)

PARA INVOCAR SATÃ

O genial John Carpenter volta ao Cinefantástico com Príncipe das Sombras

O *Príncipe das Sombras*, que recebeu menção honrosa no último festival do Cinema Fantástico de Avoriaz, traz de volta o diretor John Carpenter ao gênero que o consagrou. Depois de se aventurar pela ficção e arranjar uma briga com Hollywood por ocasião de seu filme anterior, *Os Aventureiros do Bairro Proibido*, o filho pródigo retorna às pequenas produções e aos grandes sustos. A ambição de seu

novo filme é invocar o próprio Satã, para acabar de vez com o tédio da raça freqüentadora de cinemas. O encarregado de evitar a tragédia é o venerável Donald Pleasence, que já passou por maus bocados nas mãos de Carpenter em *Halloween*. Desta vez, ele é um padre desencantado com a descoberta de que o mal realmente existe, é um líquido esverdeado e está confinado nos subterrâneos de uma igreja abandonada em Los Angeles. Sua esperança de impedir o pior se encontra nas mãos de um professor-cientista e sua classe de alunos.

O roteiro, elaborado por Carpenter sob o pseudônimo de Martin Quatermass (referência a um clássico de ficção dos anos 50, *The Quatermass Experiment*), não é exatamente a perfeição divina. Em compensação, a tensão evocada pela direção chega perto disso, apesar de esbarrar em problemas com a edição excessiva, que prima pela fragmentação. Tudo acontece

ao mesmo tempo. E se isso tira o fôlego do público, também facilita a quebra do ritmo claustrofóbico da trama.

Os clichês estão todos presentes, incluindo a inevitável trilha sonora sintetizada de Carpenter — monócórdia, aterradora. Assim que os estudantes e cientistas se instalam na velha igreja, uma série de mal-trapilhos em transe, amantes de vermes e liderados por Alice Cooper (o cantor de rock que se apresentava com uma serpente), se aquartela ao lado de fora, matando quem ousar sair. Logo o mal também começa a se manifestar no interior da igreja, transformando os estudiosos em zumbis. Tudo para libertar seu pai, Satã, e acabar com o mundo.

Há algumas sofisticadas tentativas de explicação para a origem milenar do mal, mas a edição de imagens trunca qualquer possibilidade de esclarecimento. Resta ao público gritar no escuro e evitar



Fotos Columbia

O padre (Pleasence, ao lado) quer manter o Mal trancado, mas suas servas (abaixo) querem libertá-lo



igrejas abandonadas por um tempo, porque, mesmo com seus problemas, este é o mais traumatizante filme de terror do ano!

Marcel Plasse

Prince of Darkness, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: John Carpenter ■ Com Donald Pleasence, Jameson Parker, Victor Wong, Lisa Blount, Denis Dunn, Susan Blanchard, Anne Howard, Ann Yen, Ken Wright, Dirk Blocker ■ ROTEIRO: Martin Quatermass ■ MÚSICA: John Carpenter ■ FOTOGRAFIA: Gary B. Kibbe ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Daniel Lomino ■ PRODUÇÃO: Larry Franco ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia

PARTICIPE DA BOLSA DE CINEMA E VÍDEO DA SET

Para votar, utilize o cupom no verso, marcando com um "X" suas cotações para os filmes selecionados. Envie o cupom pelo correio o mais rápido possível. O resultado será publicado nos próximos números de SET

Mesmo que você não tenha visto todos os filmes relacionados, não deixe de participar. Se você não quiser recortar sua revista, tire xerox do cupom ou copie-o numa folha de papel e envie pelo correio para o seguinte endereço: BOLSA DE CINE E VÍDEO SET — Caixa Postal 60081. CEP 05096 São Paulo — SP

BOLSA DE VÍDEO SET - VOTAÇÃO DOS LEITORES

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Frances (VTI)	30%	50%	15%	5%
Hannah e Suas Irmãs (RCA - Columbia)	42%	31%	19%	8%
Os Goonies (Warner)	35%	38%	15%	12%
O Segredo do Meu Sucesso (CIC)	13%	54%	29%	4%
Betty Boop (D.I.V.)	11%	56%	11%	22%
Muralhas do Pavor (Globo Vídeo)	12%	47%	18%	23%
Garotos Perdidos (Warner)	19%	38%	38%	5%
Serpico (RCA - Columbia)	16%	31%	53%	—
Asterix entre os Bretões (Polevídeo)	5%	42%	42%	11%
Tigipió (Manchete Vídeo)	6%	18%	53%	23%

BOLSA DE CINEMA SET - VOTAÇÃO DOS LEITORES

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Gaby — Uma História Verdadeira	11%	58%	31%	—
Prece para um Condenado	13%	48%	26%	13%
Razorback — As Garras do Terror	20%	40%	16%	24%
Crocodilo Dundee II	29%	29%	33%	9%
Setembro	14%	41%	31%	14%
A Menina do Lado	5%	45%	40%	10%
Uma Dupla Irreverente	11%	37%	52%	—
Tal Pai, Tal Filho	14%	31%	41%	14%
Kangaroo	—	32%	63%	5%
O Professor do Crime	12%	19%	50%	19%

*A ordem de classificação dos filmes tem como base a soma das porcentagens de ótimo e bom.

Chuck Norris resgata
o filho e uma porção
de crianças vietnamitas

CARA FEIA

Chuck Norris bota pra quebrar em Braddock, mais um argumento bobalhão

Não adianta. Chuck Norris sempre teve, tem e terá uma carranca rígida e inflexível. Bem de mal com a vida. Peça tudo pra ele. Norris é capaz de dar pontapés como Bruce Lee, tiros de metranca como Schwarzenegger, berros como Stallone, tabefes como Charles Bronson e pulos como Baryshnikov. Só não peça para ele mudar a carranca — isso ele não faz por nada deste mundo. É até o caso do espectador se perguntar: de quê tem raiva este moço forte?

Neste *Braddock III*, ele tem raiva bruta por 11 razões 1) É coronel do exército americano. 2) Vai para a guerra do Vietnam. 3) Perde a guerra. 4) Tem de fugir às pressas de Saigon. 5) Quase fica sem lugar no helicóptero que decola do telhado da embaixada. 6) Vai embora sozinho. 7) Sua mulher, vietnamita, fica perdida em Saigon. 8) Pensa que a esposa morreu. 9) Doze anos depois, já nos EUA, quando já tinha se conformado com os oito infortúnios anteriores, fica sabendo que sua mulher está viva. 10) Fica sabendo também que tem um filho lá, vivendo nas piores condições. 11) A CIA diz que não está nem aí.

“Olha aí, hein, Braddock, não vá pisar no nosso calo”, diz o sujeito da CIA quando o raivoso fala que vai lá para o Vietnam resgatar seus entes queridos. “Eu não piso em calos”, responde o azedo, “eu piso em pescoços.” E pisa. E quebra



meia-dúzia deles, ao longo da empreitada. Aos 49 anos, Norris, ex-campeão mundial de caratê, está, por assim dizer, vivaz. E com raiva.

Eugênio Bucci

Braddock: Missing in Action III, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Aaron Norris ■ Com Chuck Norris, Aki Aleong, Yehuda Efroni, Roland Harrah III ■ ROTEIRO: James Bruner, Chuck Norris ■ FOTOGRAFIA: João Fernandes ■ PRODUÇÃO: Menahem Golan and Yoram Globus para a Cannon ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes

BOLSA DE CINEMA SET

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Big — Quero Ser Grande				
A Cegonha Não Pode Esperar				
Duro de Matar				
A Festa de Babette				
Fuga à Meia-Noite				
A Estória de Piera				
Ironweed				
Mais Forte que o Ódio				
Nico — Acima da Lei				
Um Príncipe em Nova York				

BOLSA DE VÍDEO SET

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Agente Secreto contra Moscou (F.J. Lucas)				
Dia dos Mortos (Look)				
Era Uma Vez no Oeste (CIC)				
E.T. — O Extraterrestre (CIC)				
Farsa Trágica (Globo Vídeo)				
FX — Assassinato Sem Morte (RCA - Columbia)				
O Proscrito (Hollywood Classics)				
Rambo III (Transvídeo)				
Sem Destino (RCA-Columbia)				
O Soro Maldito (VTI)				

Marque com um “X” a cotação que você considera merecida pelos filmes.

LOUCURA TOTAL

Carros e motos que voam, dão cambalhotas no ar, rolam ribanceiras, derrubam árvores e guard rails, nas mãos de pilotos hábeis, malucos e corajosos, transformando as maiores provas internacionais em shows de velocidade, perícia e emoção.

Tudo isso e muito mais, você vai ver na Coleção Quatro Rodas Esportes Mundiais.

COLEÇÃO
QUATRO RODAS
Esportes Mundiais
EM VIDEOCASSETTE



ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

RALLY PARIS-DAKAR 88

349 carros, 115 caminhões, 206 motos, barcos e helicópteros na prova off road mais importante do mundo. Paris-Dakar 88: o rally que ficou na história.

HAVOC 7

A coletânea dos mais espetaculares acidentes automobilísticos e motociclistas, num show de imagens impactuais, vibrantes e inesquecíveis.

CAMPEONATO MUNDIAL DE RALLY 87

Velocidade, consciência, perícia, resistência num percurso que começa em montanhas nevadas, atravessa a poeira, a chuva e a lama no Quênia, encontra a morte em Portugal e segue empolgante.

CAMPEONATO MUNDIAL DE MARCAS 87

Os melhores e mais emocionantes momentos do Campeonato Mundial de Marcas de 87 esclarecem porque os mais consagrados pilotos do mundo, arriscam suas vidas pela vitória.

CAMPEONATO MUNDIAL DE MOTOS 500 cc - 87

Em vários ângulos, as melhores e mais espetaculares cenas deste disputadíssimo campeonato que reúne os melhores motociclistas do mundo.

Tire seu vídeo da rotina, levando para casa a Coleção 4 Rodas de Esportes Mundiais.

Peça os 5 novos lançamentos em sua locadora. Faça o seu pedido de compra diretamente para a Abril Vídeo ou seus representantes:

(011) 814-8426 ou 814-8803

Conheça também os outros sucessos desta coleção. Vibrantes:



Apoio



REPRESENTANTES EM TODO O BRASIL:

• RJ (021) 325.8350; • RS (0512) 34.4700; • DF/GO (061) 243.8815; • PE (081) 224.2124; • BA (071) 235.7107; • CE (085) 244.1819; • MG (031) 222.7519; • PA (0162) 36.0453; • AM (092) 234.8164; • PR (041) 256.5957; • LONDRINA (0432) 24.6812; • MT (065) 321.2011; • MS (067) 624.9002; • SC/BLUMENAU (0473) 22.3081; • FLORIANÓPOLIS (0482) 23.6975; • SP/RIBEIRÃO PRETO (016) 624.1117.

DOA A QUEM DOER

Morto ao Chegar socializa o assassinato e deixa solta a violência

Uma história de ação precisa ser movimentada. Uma de suspense, misteriosa. Inúmeros roteiristas já combinaram com êxito as duas coisas. Mistério, violência e agitação temperam uma infinidade de produções. Dos três componentes, os dois últimos são fartos em *Morto ao Chegar*. O suspense, no entanto, foi para as cucuias. A trama toda se desenvolve a partir do momento que o escritor e professor Dexter Cornell (Dennis Quaid, o piloto de *Viagem Insólita*) percebe que foi

envenenado mortalmente por uma substância que ingeriu junto com alguma bebida alcoólica. Tem pouco mais de 24 horas de vida. Ele fica doido. Quem o terá envenenado? Na noite passada ele tomou um porre, encheu a cara em todos os lugares onde viu um copo pela frente.

O espectador também fica doido, mas por outra razão: desde os primeiros 15 minutos, ele sabe quem é o assassino. A única originalidade é que não é o mordomo. Dissipada a expectativa de mistério, resta a ação. E esta não deixa a desejar. A dupla de diretores Rocky Morton e Annabel Jankel já deu provas de inventividade e ritmo, além de notável capacidade de inovação, quando geraram o longa *Max Headrom*. O fotógrafo russo Yuri Neymam já assinou o cult *Liquid Sky*. Seu trabalho não é menos competente em *Morto ao Chegar*.

Este remake de terceira geração — o original *D.O.A.* é de 1949, com Edmond O'Brien no papel central, e a segunda versão, com Tom Tyron, *Color Me Dead*, data de 1969 — tem tudo para eletrizar neurônios. Para começar tem Meg Ryan, também de *Viagem Insólita*, loirinha ultra-estimulante, no papel da estudante Sydney

Fuller. Ela é uma dessas que sempre sonharam com uma noite tórrida agarradinha ao professor. Ele nem se dá conta da presença dela na sala de aula. Em compensação, depois...

Um tufão de crimes e pancadaria está reservado para as horas de vida que restam ao triste professor. O *set*, na Universidade do Texas, em Austin, virou um inferno. Um estudante brilhante se suicida, o professor descobre que sua esposa tinha um caso com o pupilo, seu casamento desmorona e sua única pista é a diretora da Escola (vivida por Charlotte Rampling), cuja filha também era namorada do aluno defunto. Em meio a tantas mortes, o envenenado está certo de que a sua tem algo a ver com as outras. Menos pelo suspense e mais pela correria, o espectador não resiste a ser cúmplice de Dennis Quaid para achar o fio da meada.

Eugênio Bucci

Dexter (Dennis Quaid) e Sydney (Meg Ryan) num de seus primeiros encontros; mais abaixo, a diretora (Charlotte Rampling)



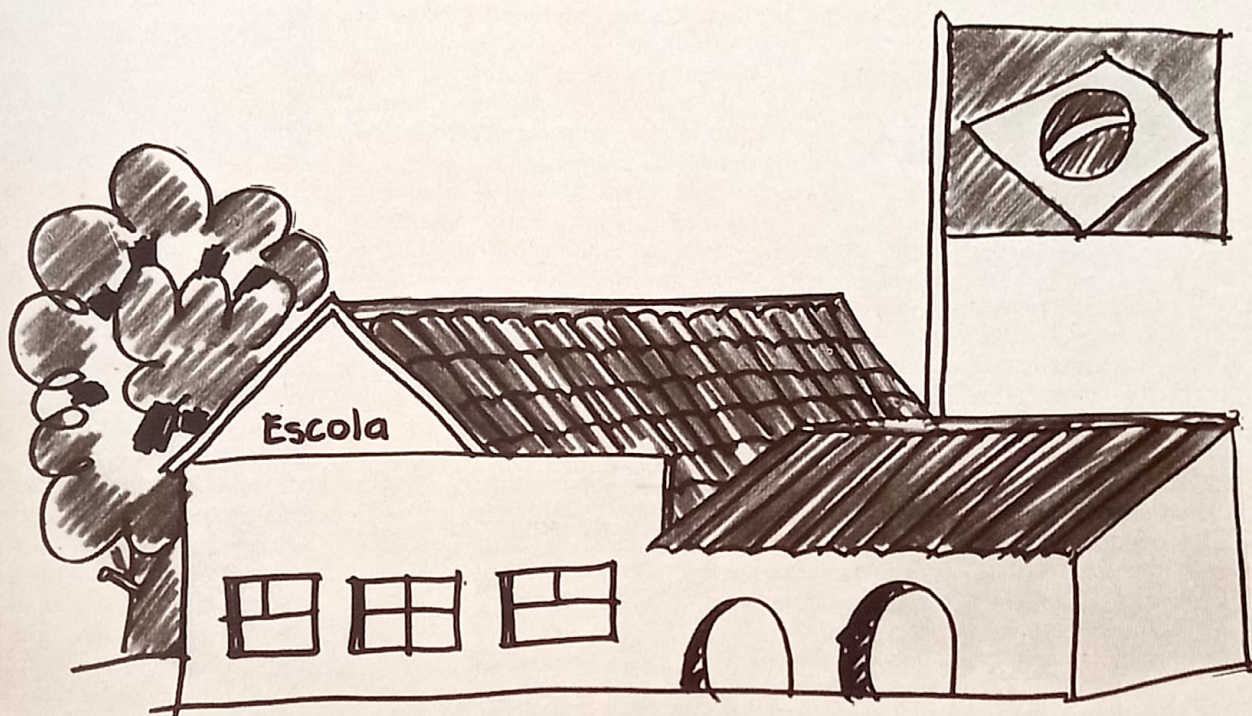
Fotos Warner



D.O.A., EUA, 1988 ■ **DIREÇÃO:** Rocky Morton e Annabel Jankel ■ **Com** Dennis Quaid, Meg Ryan, Daniel Stern, Charlotte Rampling ■ **ROTEIRO:** Charles Edward Pogue, baseado em argumento de Charles Edward Pogue, Russell Rouse e Clarence Greene ■ **FOTOGRAFIA:** Yuri Neymam ■ **MONTAGEM:** Michael R. Miller ■ **MÚSICA:** Chaz Jankel ■ **PRODUÇÃO:** Ian Sander e Laura Ziskin para a Touchstone ■ **DISTRIBUIÇÃO:** Warner.

PRÊMIO MEC DE MONOGRAFIAS

Concurso de Monografias sobre o Setor Educacional A VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA



*Chegou a hora de você colocar
o pingo no x.*

O Ministério da Educação propôs e viu transformado em decreto uma série de modificações para o Exame Vestibular do próximo ano.

Essas alterações, naturalmente, vão condicionar uma valorização do ensino de 1º e 2º graus.

E é aí que sua contribuição vale muito. Queremos idéias criadas por pessoas que conheçam a matéria. E instituímos prêmios para incentivar mais ainda a sua participação. Passe em qualquer Delegacia Regional do MEC e pegue o Regulamento do Concurso. Depois, é só colocar o pingo no x.

O prazo para entrega dos trabalhos se encerra em 15 de dezembro.

Os prêmios serão distribuídos por 4 categorias:

Profissional e Acadêmica	1º - CZ\$ 400.000,00
	2º - CZ\$ 200.000,00
	3º - CZ\$ 100.000,00
2º Grau e 1º Grau	1º - CZ\$ 200.000,00
	2º - CZ\$ 100.000,00
	3º - CZ\$ 50.000,00

PROMOÇÃO:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Apoio:

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**

CORAÇÃO DE AREIA

Gosto de Sangue retrata a torpeza oculta da alma americana

O que este *Gosto de Sangue* vem trazer às telas brasileiras é uma forma de olhar os Estados Unidos e não ver pujança nenhuma. Uma forma divertida, como flagrar o Tio Sam saindo do banheiro com as ceroulas repuxadas na cintura. Quem viu *Daunbailó*, de 1986, ou *Totalmente Selvagem*, do mesmo ano, ou ainda *Repo Man*, de 1984, *Histórias Verdadeiras*, de 1985, sabe que uma câmera de cinema não tem mais aquele respeito pela América — e sabe também que o deboche ácido caracterizou um conjunto significativo de produções.

A dupla Ethan e Joel Coen assina esta faísca com *Gosto de Sangue*. Eles mal passam dos 30. É dos dois o já exibido *Arizona Nunca Mais*, de 1986, que trouxe o assaltante Nicholas Cage e a policial Holly Hunter como um casal que seqüestra um bebê para poder ter um filho. O sonho dos dois: a normalidade. A ambição: a carência. Querem a felicidade idealizada dos romances melosos dos anos 40. Quebram a cara, evidentemente.

Em *Gosto de Sangue* este fenômeno é menos ensolarado, menos hilário, menos ágil e mais brutal. Um marido desconfiado do Texas (Dan Hedaya) contrata um detetive (Emmet Walsh, o governador de *Rebelião em Milagro*) para investigar o caso de sua esposa (Frances McDormand) com seu empregado Ray (John Getz). A paisagem árida — o deserto, as estradas vazias do deserto, um restaurante perdido na beira de uma estrada vazia de um deserto — e a estreiteza cultural de uma rotina provinciana substituem a grandiosidade he-

róica que o cinema deu à América. Despido de quinquilharias materiais — como jatinhos, limusines e canetas Montblanc — e de adornos morais — como salvar a pátria ou uma tia pobre do comunismo —, o homem do Oeste se reduz a um punhado de rancor. É de uma burrice atroz. De uma sensibilidade animal. Eis o americano.

Em *Gosto de Sangue* tudo isso evolui para uma avassaladora violência autodestrutiva — sempre inconseqüente, sempre injustificada, sempre bestial. Como que um retrato sádico da vocação opressiva da cultura do Tio Sam.

Eugênio Bucci

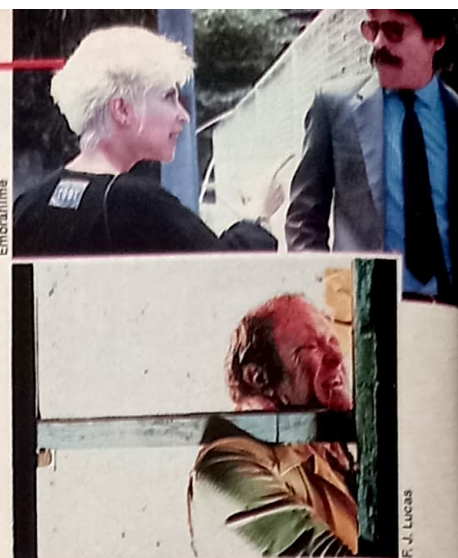
Blood Simple, EUA, 1984 ■ DIREÇÃO: Joel Coen ■ Com John Getz, Frances McDormand, Dan Hedaya, Emmet Walsh ■ ROTEIRO: Joel e Ethan Coen ■ FOTOGRAFIA: Barry Sonnenfeld ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ PRODUÇÃO: Ethan Coen ■ DISTRIBUIÇÃO: F.J. Lucas.

GRUTA DO AMOR AGITA A ESCOLA

O policial Mistério no Colégio Brasil começa por causa de uma caverna na floresta

O gênero é conhecido. Filme-adolescente, namoros, correrias, rock'n'roll: essa é a proposta de *O Mistério no Colégio Brasil*, terceiro longa-metragem dirigido por José Frazão. Uma receita que o cinema brasileiro arrisca freqüentemente, em geral com sucesso de bilheteria (é só pensar em *Rock Estrela*, *Banana Split* ou no "clássico" *Bete Balanço*), à qual Frazão resolveu adicionar o tempero de uma trama policial.

A idéia era boa. Grupo de rapazes de um mesmo colégio descobre uma gruta na mata que cerca a instituição. Um deles — Dan (André Barros) — resolve levar a namorada — Bebel (Sil-



via Buarque) — à caverna, em busca de uma transa exótica. A descoberta de um cadáver de mulher interrompe no início as atividades do casal. Aí começa a trama, que envolve o diretor do colégio (José de Abreu), um professor meio aloprado (Carlos Augusto Strazzer), uma cantora boazuda (Danielle Daumerie), uma ex-professora (Marieta Severo), uma ex-aluna (Ana Elisa Figueiredo) e uma criança. Dan resolve investigar a história, ao mesmo tempo em que Bebel prepara um show da banda da qual é líder e guitarrista.

Um bom tempero para um filme adolescente, mas faltou concentração. O bom acabamento técnico e o trabalho competente dos atores não escondem as falhas de um roteiro que não desenvolve a trama, que apenas avança através de episódios isolados e freqüentemente repetitivos. Retomando a definição da "receita" de filme adolescente apresentada acima, pode-se dizer que *O Mistério no Colégio Brasil* acertou nos ingredientes mas errou na mão: correrias demais, namoros de menos (o personagem de Silvia Buarque se esvazia da metade para o fim) e o rock entra sempre cortando a ação, e nunca como parte dela, fazendo-a avançar.

David França Mendes

Mistério no Colégio Brasil, Brasil, 1987 ■ DIREÇÃO: José Frazão ■ Com André Barros, Silvia Buarque, Danielle Daumerie, Beth Goulart, Carlos Augusto Strazzer, Marieta Severo ■ ROTEIRO: Yoia Wurt e Eduardo Garcia ■ MÚSICA: Carlos Reni ■ FOTOGRAFIA: Antonio Luis Mendes ■ PRODUÇÃO: Yan Arte e Com. Ltda. ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrasil ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Manchete Vídeo

UMA AVENTURA NA SERRA DO MAR

E mais:
Curso de Manequim - Mario Mendes
A Realidade de um Sonho



PRODUÇÕES

Produção e Direção:
SERGIO BALDASSARINI JUNIOR



R. Bartira, 1065 - conj. 06 - Perdizes - São Paulo - S.P. - Tel: (011) 872-0632

SEXO SEM AMOR

Em O Amor Não Tem Sexo toda a ironia do novo cinema inglês

Depois de dirigir dois filmes — *The Burning* (1968) e *Gumshoe, Detetive Particular* (1971) — e ter sido assistente de Lindsay Anderson em *If...* (1969), o diretor inglês Stephen Frears dedicou-se durante mais de uma década a produções para a TV. Só retornou ao cinema em 1984 com o *thriller* *The Hit*, e depois com *My Beautiful Laundrette* (1985, concebido originariamente para a TV). Mas foi com seu filme seguinte — lançado por aqui com o estúpido título de *O Amor Não Tem Sexo* — que ele teve seu nome reconhecido internacionalmente, em grande parte pela sensação que *Prick Up Your Ears* (um trocadilho intraduzível com a palavra *prick*, sinônimo de pênis, introduzida na expressão “aguçar os ouvidos”) causou no Festival de Cannes de 1987. Retomando o tema do relacionamento homossexual masculino (já desenvolvido por ele em *Laundrette*), desta vez Frears construiu uma biografia de Joe Orton — o autor maldito do teatro inglês dos anos 60 — centrada na relação dele com seu amante Kenneth Halliwell. Mas o escândalo causado pelo filme só pode ser justificado por ter como protagonistas um casal “anormal”, visto que o resultado final não deixa de lembrar um drama conjugal televisivo e, o que é pior, excepcionalmente longo. Isto não se deve ao roteiro (do teatrólogo Allan Bennett), que procura abranger várias facetas da vida pessoal e profissional de Joe, como sua caça de parceiros sexuais pelas praças e banheiros públicos de Londres e seus encontros com Brian Epstein e Paul McCartney para

discutir a feitura de um script para os Beatles. Tampouco às atuações dos atores, pois tanto Gary Oldman (*Sid & Nancy*), no papel de Joe, como Alfred Molina, interpretando Kenneth (prêmio de melhor ator em Cannes), mostram-se mais do que convincentes — sem falar da excepcional participação de Vanessa Redgrave. O problema parece residir na direção pouco inspirada de Frears. Além do trabalho de câmera perfeitamente convencional, o diretor não consegue imprimir um ritmo satisfatório à história, contada em *flashbacks* através de excertos do diário de Joe. E assim a tragédia pessoal do dramaturgo e seu tempestuoso relacionamento com Kenneth, que acaba matando-o a marteladas antes de se suicidar, ficaram reduzidas a um mero novelão. Uma pena. *Celso Pucci*

Prick up Your Ears, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Stephen Frears ■ Com Gary Oldman, Alfred Molina, Vanessa Redgrave, Wallace Shawn, Julie Walters ■ ROTEIRO: David Bennet, baseado no livro de John Lahr ■ FOTOGRAFIA: Oliver Stapleton ■ MÚSICA: Stanley Myers ■ PRODUÇÃO: Zenith Production ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: DIF.

INTERMINÁVEL TROCA-TROCA

Vice-versa vem para repetir Quero ser Grande e Tal Pai Tal Filho

Durante o verão europeu, *Vice-Versa*, de Brian Gilbert, estava entre os quatro filmes mais vistos em Londres. A história do garoto que assume o físico do pai (e este o do filho) é uma cópia perfeita de *Tal Pai, Tal Filho*, de Rod Daniel. A única diferença é que, em *Vice-Versa*, pai e filho são mais jovens. No entanto, as situações são as mesmas. Inclusive o fundo místico que provoca a inesperada troca de identidade. Se em *Tal Pai, Tal Filho*

Gary Oldman, à direita, e Molina, de *O Amor não tem Sexo*. Abaixo, Judge Reinhold de *Vice-Versa*



a transferência é feita com o recurso de uma poção mágica, em *Vice-Versa* ela ocorre através de uma caveira encontrada na Tailândia.

A história é simples. Marshall (Judge Reinhold), um executivo divorciado, recebe a guarda do filho de 11 anos, Charlie (Fred Savage), a pedido da ex-mulher, que parte de férias com o novo marido. Imediatamente pai e filho sentem as diferenças que os separam: um gosta de limpeza e de música suave e o outro de rãs e de *rock and roll*. É aí que a tal caveira tailandesa, com uma fumaça colorida, opera a troca. Marshall vira Charlie e *Vice-Versa*. A exemplo de *Tal Pai, Tal Filho*, um tenta cumprir a agenda do outro. Charlie vai às reuniões da empresa para o pai e Marshall à escola para o filho. Qualquer semelhança entre ambos, e dos dois com *Quero Ser Grande*, com Tom Hanks, não é mera coincidência. Resta saber quem copiou quem.

Brian Gilbert trabalhou bem na direção dos personagens. Judge Reinhold valoriza bem os gestos infantis (lembrando muito a performance de Tom Hanks em *Quero Ser Grande*), enquanto o pequeno Fred Savage se revela um adulto deliciosamente cativante. Aliás, eles convencem mais nos papéis trocados do que com as respectivas identidades. Talvez seja esse o maior charme do filme.

Eliana Thomé de Souza

Vice-Versa, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Brian Gilbert ■ Com Judge Reinhold, Fred Savage, Swoosie Kurtz, Corinne Bohrer e Jane Kaczmarek ■ ARGUMENTO e PRODUÇÃO: Dick Clement e Ian La Frenais ■ FOTOGRAFIA: King Baggot ■ MÚSICA: David Shire ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia.

VEM AI!



Uma cilada para
ROGER RABBIT
em quadrinhos



Uma edição especial, com a aventura do filme completa em quadrinhos, e mais toda a história desta produção milionária, ousada pela união dos estúdios Disney com o gênio Steven Spielberg! Aguarde!

Nas bancas, em dezembro.

ANTHONY QUINN

Um ator forjado nas ruas da América, jornalista e engraxate antes de viver na tela reis e escravos, papas e malabaristas. Um artista do tamanho da vida

Ele não é loiro e nem tem olhos azuis. Muito pelo contrário: tem o nariz de um asteca, as faces morenas e grandes sobrelanceiras negras que denunciam sua ascendência latina. Nascido em 21 de abril de 1915 em Chihuahua (México), de uma esdrúxula química de irlandês (o pai, Frank Quinn) com mexicana (a mãe, Manuella Oaxaca), Anthony Quinn nunca teve cara de bom moço. E para quem não tem cara de bom moço só resta ser bom ator. Por isso, o cinema tornou-o gângster, índio bravo, árabe, grego, mandarim... Nunca o mocinho. Além de um ator multirracial, o cinema tornou-o também o rosto de homens monumentais: Gauguin, Barrabás, Ricardo III, Kublai Khan, Aristóteles Onassis, entre outros.

Seu pai envolveu-se com a revolução de Pancho Villa e sua mãe levou-o para os EUA, onde Anthony cresceu no lado pobre de Los An-

geles, vendendo jornais, engraxando sapatos, tentando ser boxeador. Vida dura. No batente pesado foram forjados sua cara de touro durão e seu sorriso rude, que o fariam sempre o pele-vermelha, o estrangeiro malvado e exótico (nos primeiros filmes) e, posteriormente, alguns dos grandes nomes da humanidade. Sua filmografia parece um compêndio histórico-literário em imagens, muitas vezes de gosto duvidosíssimo. Não importa. Nasceu para ser o bandido, aquele que não tem pele clara, o aventureiro maligno, o rei, ou aquele que foi libertado em lugar de Jesus Cristo.

Críticos sempre salientaram seu olhar de "killer", seu porte de cheyenne, sua virilidade e violência nos close-ups. Mas Quinn sempre procurou papéis que exigissem muito mais do que um físico característico, como os de Paul Gauguin e de Zorba, o Grego. Exigente, só os gênios, pela inteligência ou coragem de viver, parecem atraí-lo. Ao completar 70 anos, rogou a Deus mais anos de vida para poder interpretar os "vultos" aspirados: Hemingway, Picasso, Tolstoy e Cervantes. Amante da pintura, da escultura e dos livros raros, o grande ator acredita que assim como o melhor toureiro é o que tem medo (como dizia Ernest Hemingway), um homem tímido e humilhado é melhor ator que os outros. Isso parece uma contradição diante de tanta valentia que ele esbanjou em celulóide, mas é coerente com seu passado de chicano pobre, aprendendo na derrota.

Tudo começou em 1936 com o filme *Parole!*, em que ele aparece alguns segundos, suficientes para

despertar a atenção de um crítico que previu futuro para aquele muchacho. Casa-se com Katherine De Mille (de quem divorcia-se em 1965 para casar com Jolanda Addolori na Itália, após conhecê-la no set de *Barrabás*), filha do sumo sacerdote da grandiloquência kitsch cristã: Cecil B. De Mille. Quinn fala do mais bíblico e moralista produtor de Hollywood, o sogro que ele jamais conseguiu engolir: "Um rígido reacionário temeroso de que uma noite qualquer minha tribo fosse bailar uma dança guerreira em volta de sua casa". Exausto dos papéis de vilão estrangeiro com cara de mau, Quinn bateu às portas da Broadway em 1947, atuando na peça de Tennessee Williams, *Um Bonde Chamado Desejo*, e alguns críticos disseram que ele superou o protagonista Marlon Brando. Tendendo elogio.

Agora os elogios começavam a chover. Em 1952, recebeu seu primeiro Oscar pela atuação em *Viva Zapata*, de Elia Kazan, de novo ao lado de "deus" Brando. Mas seu êxito internacional veio do outro lado do Atlântico com *A Estrada* (1954), de Federico Fellini, em que interpreta o forte e circense Zampano. Astro internacional e adorado pelos papéis de macho com M maiúsculo, consegue outro Oscar com *Sede de Viver* (1956), de Vincent Minnelli. Na obra, Quinn vive o gênio da pintura Paul Gauguin, o homem que mandou às favas sua vida estabelecida "civilizada" e foi morar no Taiti. Quinn está perfeito como um artista atrás de sua verdade pessoal. O filme mostra a amizade de dois meses entre Gauguin e o perturbado Vincent Van Gogh (Kirk Douglas), com quem trabalha, discute e briga na mesma casa. Mas o pintor holandês tem crises e tenta ferir o colega com uma navalha. Duas existências inconciliáveis: Van Gogh mergulha na loucura e Gauguin vai procurar a luz e a sensualidade selvagem.

Mais selvagem ainda seria *Zorba, o Grego* (1964), de Michael Cacoyannis, baseado no estupendo romance de Nikos Kazantzakis. Quinn é o lascivo, mulherengo e terno personagem-título (que ele

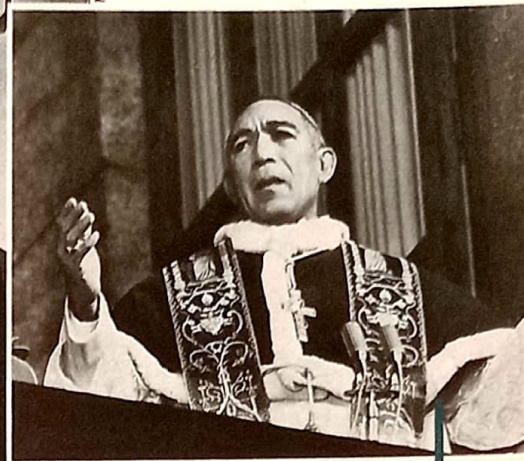
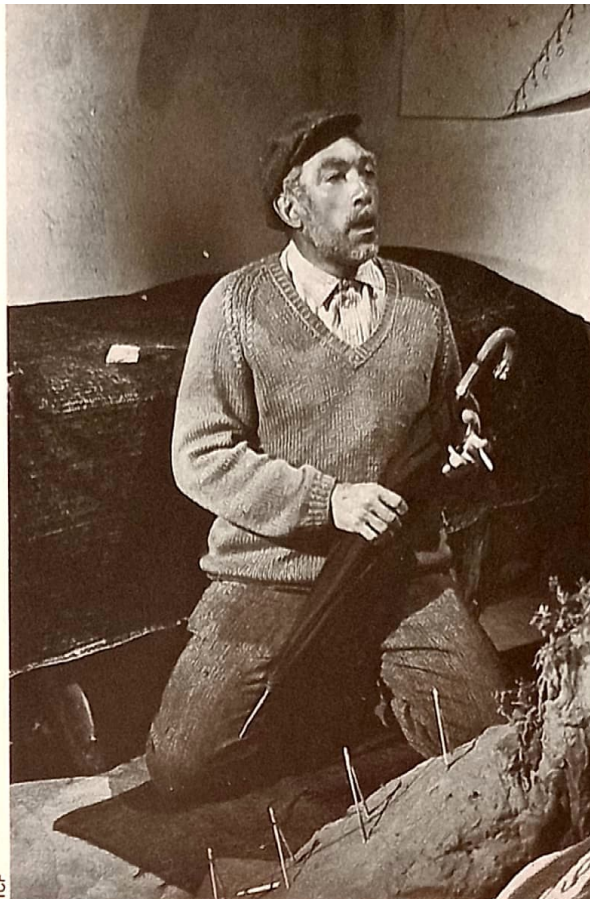
Abaixo, na pele de um árabe em *Mohammad* (1976)



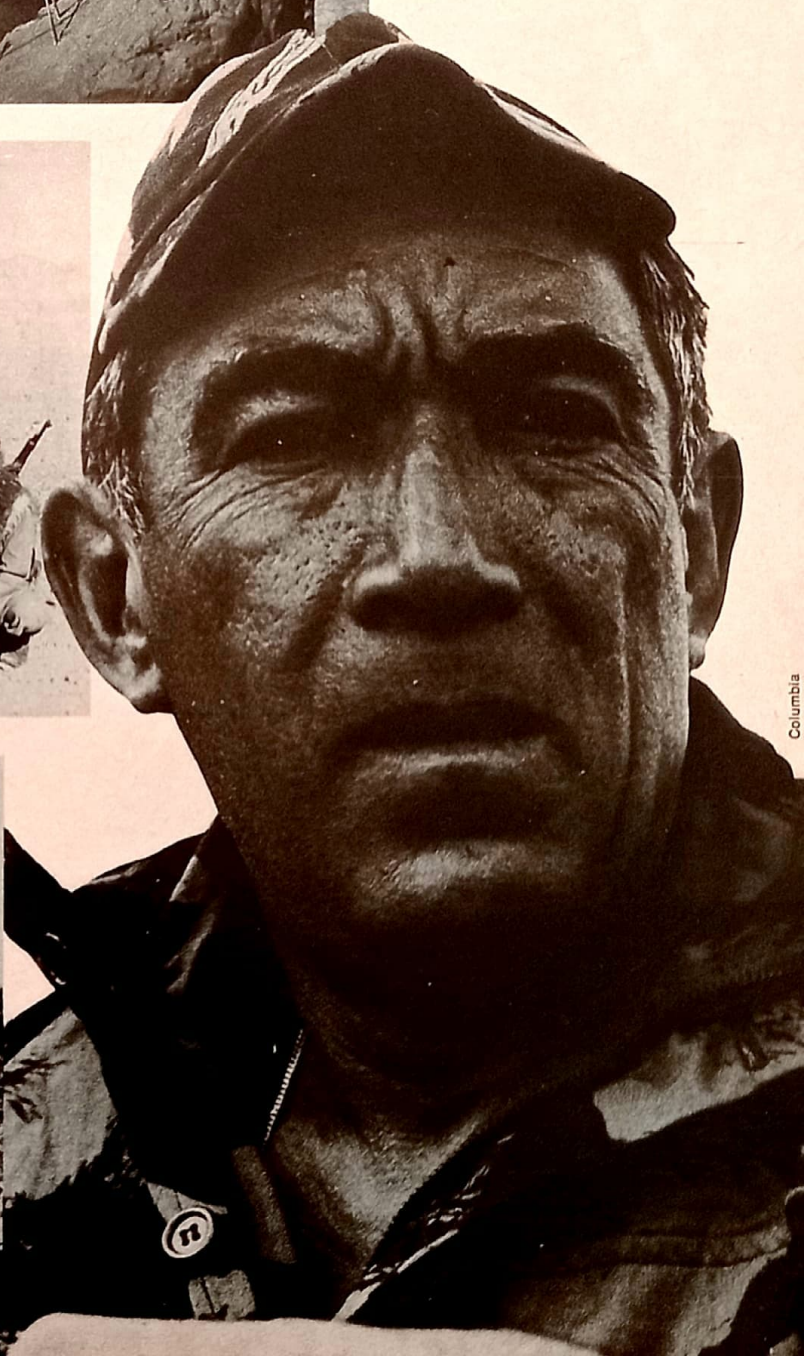
interpretaria posteriormente no teatro) que vive cada minuto da vida com avidez, e tenta convencer o jovem intelectual e introvertido patrão (Alan Bates) de que a vida não tem sabor sem a loucura que rompe as amarras. "Sem a loucura a vida tem gosto de insossa camomila, não de rum, que faz a gente ver o mundo virado do avesso!", palavras de Quinn/Zorba. O tom romântico lhe cai bem no físico rude, tostado pelo sol do mar Egeu.

Viveu personagens inesquecíveis e lendários, como o Emir de Simbad, o Marujo (1947), o Quasímodo de O Corcunda de Notre-Dame (1957), o coronel Andrea Stavos de Os Canhões de Navarone (1961), o ladrão Barrabás (1961) da superprodução de Dino de Laurentiis, Kublai Khan de A Fabulosa Aventura de Marco Polo (1966), o papa Kiril Lakota de As Sandálias do Pescador (1968), entre outros homens de fibra. Deu também algumas escorregadas, como nos infelizes O Magnata Grego (1978), luxuosa e pretensiosa biografia de Onassis ao lado de Jacqueline Bisset, e A Morte do Chefão (1973), imitação desajeitada do chefão de Coppola. São momentos menores, esquecidos ao lado de tantos papéis titânicos. Para nós, ele será sempre Zorba, seu papel-símbolo, aquele grego individualista e entusiasmado. Quem resiste a alguém que crê nos próprios valores e nunca abre mão de nada, inclusive do principal de tudo — a própria liberdade?

Antonio Querino Neto  



Acima, o papa de Sandálias do Pescador (1968); à esquerda, como Zorba (1964); nas fotos menores, em Caravanas (1978) e como artista de circo n'A Estrada (1954); abaixo em 1971



FELIZ NATAL PARA OS CINÉFILOS

Edições nacionais e portuguesas, à venda no Brasil, aparecem como boas opções de fim de ano para os fãs de cinema



Arthur Miller fala de Marilyn (que beija, à direita) em sua autobiografia. A vida de Grace Kelly (abaixo) também está à venda



Álbuns deslumbrantes, verdadeiros "livros de assistir", biografias apimentadas dos grandes mitos, romances filmados, ensaios teóricos. Nas prateleiras das livrarias, o cinéfilo pode se deparar, em dezembro, com bons lançamentos das editoras nacionais. E, se quiser, pode completar seu pacote de Natal com títulos preciosos editados em Portugal que estão à venda nas principais capitais brasileiras (ver os endereços no box).

Aos cultuadores de ídolos, as biografias são mais atraentes. As peripécias sexuais da atriz e princesa Grace Kelly estão em *Grace — As Vidas Secretas da Princesa* (de James Spada, Ed. Record). Não menos detalhista é *Rich — A Vida Fascinante de Richard Burton* (de Melvyn Bragg, Ed. Best Seller), que não esconde as sandices amorosas do ator com sua esposa Elizabeth Taylor.

Mas roteiristas e escritores, bem como diretores, também costumam render biografias apetitosas para os fãs da sétima arte. A autobiografia de Arthur Miller (*Arthur Miller — Uma Vida*, Ed. Guanabara) tem o mérito de dedicar um capítulo inteiro à musa Marilyn Monroe, com quem o roteirista foi casado de 1956 a 1961. A mesma editora já tinha colocado no mercado, em outubro, a elogiada autobiografia de Ingmar Bergman, *Lanterna Mágica*. Quem aprecia a obra do diretor sueco não pode deixar de ler.

Quem não gosta tem uma chance rara de conhecer, neste volume, as justificativas que o autor apresenta para seu cinema ser como é.

Sem ser propriamente uma reportagem, *Elenco de Assassinos* (de Sidney Kirkpatrick, Ed. Rocco), montado como um romance, reconstitui fatos verídicos de Hollywood. E nada enaltecedores da Meca da indústria de ilusões. Ao contrário de *A Cidade das Redes* (de Otto Friedrich, editado em meados deste ano pela Companhia das Letras), este emaranhado de fatos de Kirkpatrick agarra os cordéis que amarram a vida de algumas figuras ao longo de mais de quatro décadas, e desnuda tudo de cruel, oportunista e sórdido que alimentou a máquina das maravilhas. *Elenco de Assassinos* é uma narrativa baseada nos arquivos do diretor King Vidor, que resolveu, em meados de 60, investigar o assassinato do diretor William D. Taylor, ocorrido em 1922, com vistas a um filme. Vi-

BIOGRAFIAS BARATAS, MAS COMPETENTES

Os livros-brochura importados — tanto os portugueses como os de outras origens — têm saído para o consumidor brasileiro a um preço paradoxalmente mais baixo do que um livro análogo produzido aqui. As vezes, saem bem mais "em conta", como é o caso destas boas biografias. A seguir, confira algumas dicas de SET:

* **Tod Browning** (1880-1962) — Vários autores, *Cinemateca Portuguesa*. Browning dirigiu *Drácula*, o clássico de 1931, e é considerado o precursor dos filmes de vampiro.

* **John Ford** (1895-1973) — Luis de Pina, *Editorial Vega*. Consagrado diretor irlandês, considerado por muitos críticos o papa do western americano.

* **Eric von Stroheim** (1885-1957) — Henrique Alves Costa, *Edições Afrontamento*. Diretor, roteirista e ator austríaco, autor de *Minha Rainha*. de 1933, com Gloria Swanson.

* **Jean Vigo** (1905-1935) — Luís Felipe Rocha, *Edições Afrontamento*. Diretor francês, apelidado de "Rimbaud" do cinema, já biografado com genialidade pelo brasileiro Paulo Emílio Salles Gomes, aqui numa versão concisa e competente.

* **Dziga Vertov** (1896-1954) — Vasco Granja, *Livros Horizonte*. Diretor soviético criador do "cinema-olho", propôs em 1920 o fim do *mise en scène* dos atores e dos estúdios.

Onde encontrar os livros portugueses:

Em São Paulo: Distribuidora Ebradil — Rua Genebra, 139 — CEP 01316. Livraria Martins Fontes — Rua Dr. Vila Nova, 309 — CEP 01222.

No Rio de Janeiro: Livraria Martins Fontes — Rua da Alfândega, 91 — loja C — CEP 20070.

No Recife: Livros Sete — Rua 7 de Setembro, 329 — CEP 50050.

Em Belo Horizonte: Livraria Van Damme — Rua Guajajara, 405.

Em Curitiba: Livraria Arabis Jaim — Rua General Carneiro, 405 — CEP 80060.

Em Porto Alegre: Organizações Sulina — Avenida Borges de Medeiros, 1030 1036 — CEP 90000.

dor, porém, jamais o realizou. Agora, *Elenco de Assassinos* pode redimi-lo. A Paramount já comprou os direitos da obra e em breve a transformará em filme.

Para leitores menos mórbidos e mais místicos, a base do amaldiçoado filme de Scorsese já está a venda. *A Última Tentação de Cristo* (de Nikos Kazantzakis, Ed. Rocco) promete pegar embalo com os comentários acerca da produção mais polêmica do ano. Pode vender muito, o que talvez não aconteça com *Isak Dinesen* — *A Vida Secreta de Karen Blixen* (de Judith Thurman, Ed. Record), que rendeu *Entre Dois Amores*, de Sydney Pollack, já saído dos cinemas brasileiros há dois anos.

As alternativas natalinas não páram aí. Entre os sofisticados livros importados — em geral acessíveis apenas aos que dominam idiomas estrangeiros — há uma estimulante oferta: o contingente que chega de Portugal e é distribuído para as principais capitais brasileiras. Além das tradicionais biografias (ver box) há a excelente *História do Cinema Mundial* (Livros Horizonte), de Georges Sadoul, considerado um dos maiores historiadores do cinema. Embora a grande obra de Sadoul — bem mais extensa — seja *História Geral do Cinema*, ainda não traduzida para o português, esses três volumes menores não deixam de ser bastante satisfatórios.

Mas as três preciosidades de Portugal aqui no Brasil são *Os Musicais* (em dois volumes), *Cinema Chinês* e *Ciclo de Cinema de Ficção Científica*. São três catálogos de mostras patrocinadas pela Cinemateca Portuguesa, mas esbanjam em abrangência e informações complementares. Todos eles podem ser considerados obras de referência sobre seus respectivos temas, e às vezes surpreendem: *Cinema Chinês*, por exemplo, traz um dicionário completo de diretores e um cronológico (de 1892 a 1987) de filmes, como apêndice à edição. Para completar a satisfação do leitor, são edições requintadas e fartamente ilustradas. Livros de assistir: a grande delícia do cinéfilo.

Deborah Peleias

PARIS, TEXAS OU OUTRO LUGAR QUALQUER

Uma viagem através dos sons que marcaram mais do que as imagens

◆ O multiinstrumentista californiano Ry Cooder — violão, *slide guitar*, banjo, mandolim etc. — já assinou as trilhas de *Candy* (1968), do francês Christian Marquand e de *Performance* (1970), do inglês Nicholas Roeg, além de ter composto totalmente a música de *Ca valgada de Proscritos* (1980), *A Última Batalha* (1981), ambos de Walter Hill e de *Fronteiras da Violência* (1981) de Tony Richardson. Mas em *Paris, Texas* (1984), de Wim Wenders, a trilha de Cooder conta com a contribuição de David Lindley (ex-acompanhante de Jackson Browne, David Crosby, James Taylor, entre outros) e Jim Dickinson. O trabalho é primoroso. Editado no Brasil pela WEA.

◆ A colaboração do compositor minimalista Phillip Glass às imagens documentais do diretor Godfrey Reggio iniciou-se com *Koyaanisqatsi* (1983). Em *Powaqqatsi*, a segunda parte de uma trilogia — que deverá ser concluída com *Nakolqqatsi*, ainda em projeto —, Glass mesclou a seus sons eletrônicos um coro juvenil hispânico, instrumentos africanos e uma seção de percussão para conseguir a ambientação terceiro-mundista requerida pelo filme de Reggio. Selo WEA.

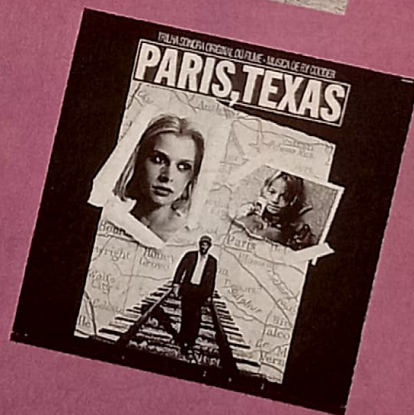
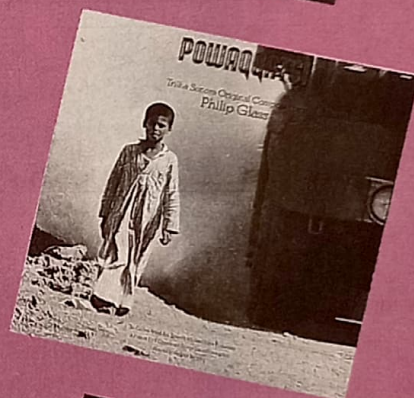
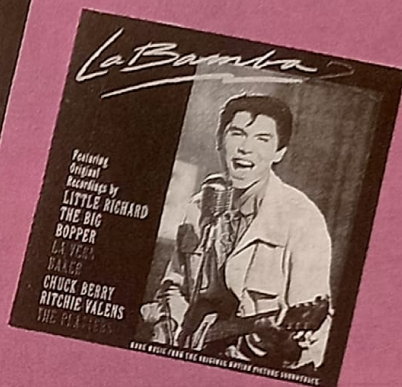
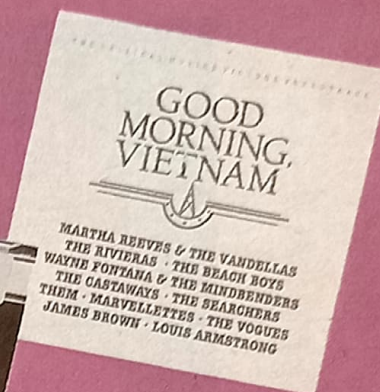
◆ *Busca Frenética* retrata um momento inspirado do compositor italiano Ennio Morricone, que fez as trilhas dos westerns spaghetti mais importantes e que, recente-

mente, assinou a música de *Os Inocentes*. Destaque para a melodia envolvente da música-tema, com a linha orquestral pontuada sutilmente por um baixo elétrico em suas duas versões, e para uma singela *love song* do Simply Red ("I'm Gonna Loose You") Selo WEA.

◆ A PolyGram propicia o deleite dos amantes do rhythm'n blues e do rock'n'roll dos anos 50 e 60, com o lançamento das trilhas de *La Bamba* 2 — Ritchie Valens, Little Richard e Chuck Berry, entre outros —, ainda melhor que o primeiro disco, e *Good Morning Vietnam*, do diretor Barry Levinson — Beach Boys, Them, Martha Reeves & the Vandellas, e ainda as magníficas interpretações de James Brown para "I Got You (I Feel Good)" e de Louis Armstrong em "What a Wonderful World".

◆ Para os fãs da música de filmes clássicos, a WEA lança... *E o Vento Levou* (1939), de autoria do compositor de origem austríaca Max Steiner, responsável pelas trilhas sonoras de mais de três centenas de produções de Hollywood. Também da WEA é a trilha de *Corres da Violência* (1988) de Dennis Hopper, que não apresenta a música feita por Herbie Hancock para o filme e sim uma boa seleção de rape hip hop, com nomes como Ice-T, Eric B. & Rakim e 7 A3, entre outros.

Celso Pucci



NÃO PERCA!

SET ESPECIAL

Nº 2 Czf 2.000,00

OS MELHORES VÍDEOS

SELEÇÃO DOS
700
MELHORES VÍDEOS
DISPONÍVEIS
NAS LOCADORAS

ÍNDICE COMPLETO
TÍTULOS
EM PORTUGUÊS,
TÍTULOS
ORIGINAIS,
ATORES,
DIRETORES

• ENDEREÇO DAS
PRINCIPAIS DISTRIBUIDORAS
• REDES DE ASSISTÊNCIA
TÉCNICA PARA
SEU EQUIPAMENTO

NOVA EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA

ROMANCE • CINEMA NACIONAL • SEXO • COMÉDIA
AVENTURA • CULT MOVIES • DOCUMENTÁRIOS
MUSICAL • FANTASIA • FICÇÃO CIENTÍFICA
FILMES DE ARTE • GUERRA • TERROR
SUSPENSE • DRAMA • POLICIAL
ANIMAÇÃO • CLASSICOS
INÉDITOS NO CINEMA
WESTERN

Altamira, Boa Vista, Mecapó, Manaus, Rio Branco, Santarém (Via Aerea) Czf 2.600,00 - 56730001 - Ed. 18M

NAS BANCAS EM DEZEMBRO

por Inimá Simões

BONEQUINHA DE LUXO

(Breakfast at Tiffany's, 1961)

Me surpreendo preocupado, pensando no filme a que assisti seguidamente num único final de semana há uns vinte e cinco anos. Tenho certeza, ainda hoje, de que fiquei siderado por algum tempo, o suficiente para que algumas sensações se fixassem e resistssem até mesmo à revisão feita em 1984 ou 1985, com um olhar mais "instrumentalizado". E agora me vem essa procura de explicações para o fato de nunca ter esquecido *Bonequinha de Luxo*, um filme que não está em compêndios e quando muito é citado como um dos trabalhos do competente diretor Blake Edwards. Por que este filme, então? O que me teria fascinado tanto naqueles tempos de adolescência interiorana? Trata-se, reconheço, de mais um filme mediano, com os ingredientes habituais distribuídos e balanceados conforme a tradição narrativa do cinema americano e só. A diferença é que a Holly (Audrey Hepburn) está só neste filme. E "Moon River", de Henry Mancini, idem, o que é suficiente.

Audrey Hepburn sempre esteve distante do meu fenótipo favorito — ela é pescoçada e tem um perfil bialfrense —, tanto que não me ocorrem de imediato outros filmes com a atriz. Mas ela estava perfeita no papel de Holly, a habitante de Manhattan, moça desmiolada, solteira, que promovia festas em seu apê, para o tormento dos vizinhos, principalmente do "China", magnificamente interpretado por Mickey Rooney. Ela era louquinha o suficiente para seduzir almas seguidas de compreensão numa pequena cidade como a minha, onde as meninas eram arredias ou distantes. Vejo, hoje, outras facetas na Holly, inclusive o fato de ela compor uma espécie de modernização da *good-bad-girl* (acho que o roteiro forçou a barra neste sentido, deixando o sentido original do texto de Truman Capote), o tipo surgido ao final da Segunda Guerra e que se tornou notório com a Gilda de Rita Hayworth. Aqui muda a atmosfera, o cenário é a elegante Manhattan com as vitrines

da Tiffany's, mas permanece o básico, a estrutura original da *good-bad-girl*, que jogava pesado com as fantasias masculinas à medida que, de um lado, se sugeria a figura da mulher leviana, arrivista, ameaçadora à instituição familiar — e por isso mesmo excitante —, mas que ao final, contra todas as evidências, revelava possuir imensas virtudes e um coração tenro, reservado ao grande e verdadeiro amor. Com Holly acontecia justamente isso. Embora ela estivesse inclinada a cometer o "grande erro" de ficar com o velho milionário — naquela altura um verdadeiro matusalém para mim —, que ainda por cima era brasileiro e se chamava José da Silva Pereira, ela terminava para meu grande alívio nos braços do pobreto e aspirante a escritor, que também desistira de ser mantido por uma mulher madura. Fui à forra com Holly. Ela ficava com o jovem duro e boa gente (nós, os adolescentes) e despachava o milionário (os outros).

Foi também nesta época que algumas rádios da capital começavam a tocar "I Want to Hold Your Hands", um dos primeiros sucessos dos Beatles. Mas o que prevalecia massivamente, pelo menos nos bailes que nós freqüentávamos — e esta era uma das raras instituições além do cinema que favorecia o contato direto entre as pessoas —, era o repertório calcado na fórmula consagrada por Ray Conniff/Billy Vaughan, com todas aquelas canções e baladas que estimulavam suspiros e sussurros à beira da pista: "Esta é a nossa música". Por isso, no momento em que Holly canta "Moon River" — se não me engano recostada na escadaria externa do prédio de apartamentos —, foi definitivo. Eu havia encontrado a minha música para embalar as fantasias e paixões platônicas. Estava ingressando no mundo adulto, já tinha trilha sonora particular e só me faltava a garota. Tragicômico: a música veio antes da garota! 

Beijando na chuva:
a desmiolada Audrey
Hepburn e o sortudo
George Peppard



Inimá Simões: "Já fiz um pouco de tudo. Dirigi alguns documentários, defendi uma tese sobre o cinema erótico, escrevi no *Movimento*, participei da *IstoÉ* em 1978, tenho um livro — com outros autores — publicado pela Brasiliense (*A Televisão Brasileira: Um País no Ar*) e agora estou debutando na mídia eletrônica".



EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvia Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor: Eugênio Bucci
Editor Assistente: José Geraldo Couto
Secretário de Redação: Dilson P. Gomes
Assistente de Redação: Walter Silva
Assessor Especial: Alex Antunes

ARTE

Editor de Arte: Michel Spitalé
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo de C. Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada

Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Lector: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar, Eva Joory e Jader de Oliveira (Londres), Silvano Michelino e Adilson Nunes (Paris)

Colaboradores

Texto: Antonio Querino Neto, Arnaldo Lorenço, Bia Abramo, Brenda Fucuta, Celso Pucci, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Daniel Benevides, David França Mendes, Deborah Peleias, Donald Ravaud, Eliana Thomé de Souza, Inimá Simões, Luiz Nazário, Luiza Cristina Lusvarghi, Marcel Plasse, Marli Belloni, Noelly Russo, Rosane Pavam, Tato Coutinho, Thomas Pappan, Walter Silva

Fotos: Pedro Gomes

Arte: Cesar Togashi

Revisão e Preparação de Textos: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE

Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Helen Frondi, Iracema Marques Gil, Renata Dogliotti, Tânia Polo Resende

RJ - Gerente: Getúlio Torres

Contato: Elza Marques

Coordenação Gráfica:

Gerente: Edna K. Bungo

Coordenador: José Soares A. Santos

Representantes:

Porto Alegre: 3 R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-8591

Belo Horizonte: Republicar Ltda. Fone (031) 463-4666

Brasília: Oleno Leite Filho. Fone (061) 213-6258

Serviços Editoriais

Abril Press - Gerente: Judith Baroni; Escritórios - Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aute Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes

Gerente de Produto: José Carlos Bolderine

Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil

Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL

Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda,

Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139. Tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. Telegramas: Edilabril/Abrilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674. Telegramas: Edilabril/Abrilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda, Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Circulação desta revista, novembro, 1988. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

FICHAS ABRANGENTES

A SET é a melhor revista nacional do gênero: belas fotos, excelentes reportagens e críticas e fichas encartadas nota 10. Apenas uma sugestão: a ficha técnica dos filmes comentados em *Video Lançamentos* e *Em Cartaz* poderia ser mais abrangente, principalmente com relação ao elenco.

Paulo Eduardo A. Lopes
(Patrocínio — MG)

CINEMA INDIANO

A SET está cada vez melhor e mais bonita. As seções *Takes* e *Hollywood* são o melhor aperitivo que uma revista de cinema pode ter. Muito boa a matéria sobre cinema indiano (SET n.º 9, ano 2). Destaco também, no mesmo número, a seção *Em Cartaz*, muito completa, com vários filmes, e a esclarecedora resenha do vídeo *O Homem de Palha*.
Paulo Sérgio Pruner
(Baleário Camboriú — SC)

GUIA DE FILMES

Leio todos os números da SET, que considero uma grande revista e um guia seguro para selecionar meus filmes.

Joaquim Simplicio Neto
(Fortaleza — CE)

DUBLAGEM TENDENCIOSA

Vi recentemente o filme *Janela Indiscreta* em versão original e posteriormente dublado, na televisão. Fiquei revoltado ao notar que a tradução foi adulterada tendenciosamente. No original, o protagonista diz: "Experimente comprar uma capa de chuva no Brasil, mesmo quando não está chovendo"

Dublado, ficou assim: "Experimente comprar uma capa de chuva num lugar des-ses..." Isso é um crime contra o autor e contra o espectador. Quantas dessas temos que engolir sem saber.

José Roque Guimarães
(Porto Alegre — RS)

CORREIO ENTRE LEITORES

Compro tudo sobre Kelly LeBrock, Rosana Arquette e Lori Singer. Endereço: Rua Cafelândia, 42, Sorocaba — SP. CEP: 18060.
Ticiano Lamy.

Compro a trilha sonora original do filme *Footloose*. Endereço: Av. Augusto Maynard, 77, São José, Aracaju — SE. CEP: 49020.
Cláudia Dantas

Tenho para vender farto material relacionado a cinema — discos, fotos, revistas, fitas, reportagens, posters etc. Endereço: Rua do Comércio, 168, Tietê — SP. CEP: 18530.
Luís Antônio de Moraes

Compro os cartazes originais dos filmes de Arnold Schwarzenegger. Endereço: Rua Belém, 101, Centro, Timbó — SC. CEP: 89120.
Alessandro Silveira

Troco fotos, revistas e reportagens sobre diversos atores por material sobre Ralph Macchio. Endereço: Rua Gurindiba, 134, apto. 302 (ed. King), Tijuca, Rio de Janeiro — RJ. CEP: 20530.

Rute Miranda Ramos

Gostaria de receber fotos e informações sobre os filmes *Ases Indomáveis*, *RoboCop*, *O Exterminador do Futuro* e *Rambo I e II*. Ende-

reço: Rua Barbosa da Silva, 57, Bairro Riachuelo do Rio de Janeiro — RJ. CEP: 20960.

Renato Marques Jannuzzi

Estou procurando os seguintes filmes (em fita cassete ou filme 16 mm para ser convertido em vídeo): *O Alamo* (The Alamo, EUA, 1960), de John Wayne, e *A Última Barricada* (The Last Command, EUA, 1955), de Frank Lloyd. Endereço: Rua João Costa, 1335, Bairro Itaum-Costa, Joinville — SC. CEP: 89200.

Osni Moreira da Cunha

O Hollywood Fã-Clube compra e troca fotos originais de filmes de aventura. Endereço: Rua Pará, 177, Rochdale, Osasco — SP (a/c Murilo). CEP: 06000.

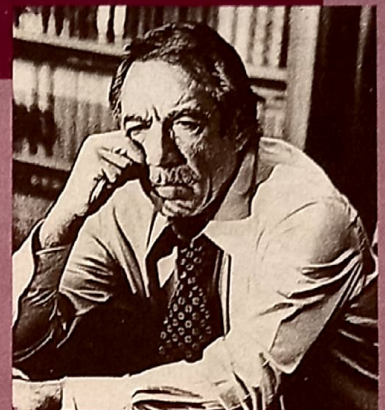
ERRAMOS

Na seção *Takes* da SET n.º 8, ano 2, está escrito que Richard Lester dirigiu *Superman I e II*. Na verdade, ele dirigiu apenas *Superman II e III*, pois o primeiro da série foi dirigido por Richard Donner. No mesmo número, na matéria sobre *Bom Dia Vietnam*, diz-se que Barry Levinson dirigiu *Justiça para Todos*, que na realidade foi dirigido por Norman Jewison e apenas roteirizado por Levinson. Ainda na mesma edição, na entrevista de Sean Penn, está dito que o filme *Bad Boys* é inédito no Brasil, mas ele foi exibido aqui — inclusive na TV — com o título de *Juventude em Fúria*.

Cartas para: Editor da SET, Av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP: 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

ANTHONNY QUINN

Nascido Anthony Rudolph Oaxaca Quinn a 21 de abril de 1915 em Chihuahua, México.



1936: PAROLEI (de Lew Landers) SWORN ENEMY (de Edwin L. Marin); NIGHT WAITRESS (de Lew Landers); JORNAL DAS HEROICAS (*The Plainsman*, de Cecil B. de Mille) ■ 1937: COMEÇOU NO TRÓPICO (*Swing High, Swing Low*, de Mitchell Leisen); AMOR HAVAIANO (*Walkiki Wedding*, de Frank Tuttle); THE LAST TRAIN FROM MADRID (de James Hogan); PARTNERS IN CRIME (de Murphy); TRÁFICO HUMANO (*Daughter of Shanghai*, de Robert Florey) ■ 1938: LA-FITTE, O CORSAÁRIO (*The Buccaneer*, de Cecil B. de Mille); VERDUGO DE SI MESMO (*Dangerous to Know*, de Robert Florey); TIP-OFF GIRLS (de Louis King); HUNTED MAN (de Louis King); BULLDOG DRUMMOND IN AFRICA (de Louis King); O TIRANO DE ALCATRAZ (*King of Alcatraz*, de Robert Florey) ■ 1939: KING OF CHINATOWN (de Nick Grindé); ALIANÇA DE AÇO (*Union Pacific*, de Cecil B. de Mille); ISLAND OF LOST MEN (de Kurt Neumann); ESPIONAGEM POR TELEVISÃO (*Television Spy*, de Edward Dmytryk) ■ 1940: SERVIDORES DA LEI (*Emergency Squad*, de Edward Dmytryk); A SÉRIE DAS ILHAS (*Road to Singapore*, de Victor Schertzinger); PAROLE FIXER (de Robert Florey); CASTELO SINISTRO (*The Ghost Breakers*, de George Marshall); DOIS CONTRA UMA CIDADE INTEIRA (*Clity for Conquest*, de Anatole Litvak); TEXAS RANGERS RIDE AGAIN (de James Hogan) ■ 1941: SANGUE E AREIA (*Blood and Sand*, de Rouben Mamoulian); KNOCKOUT (de William Clemens); THIEVES FALL OUT (de Ray Enright); O INTREPIDO GENERAL CUSTER (*They Died with Their Boots on*, de Raoul Walsh); THE PERFECT SNOB (de Leo McCarey) ■ 1942: VALE A PENA ROUBAR (*Larceny, Inc.*, de Lloyd Bacon); A SEDUÇÃO DO MARROCOS (*Road to Morocco*, David Butler); O CISNE NEGRO (*The Black Swan*, de Henry King) ■ 1943: CONSCIÊNCIAS MORTAS (*The Ox-Bow Incident*, de William Wellman); GUADALCANAL DIARY (de Lewis Seiler) ■ 1944: BUFFALO BILL (*Buffalo Bill*, de William Wellman); ROGER TOUHY, GANGSTER (de Robert Florey); LADIES OF WASHINGTON (de Henry King); OLHOS TRAVESSOS (*Irish Eyes Are Smiling*, de Gregory Ratoff) ■ 1945: FANTASIA MUSICAL (*Where Do We Go from Here?*, de Gregory Ratoff); SOB O CEU DA CHINA (*China Sky*, de Ray Enright); ESPÍRITO INDOMÁVEL (*Back to Bataan*, de Edward Dmytryk) ■ 1946: CALIFORNIA (*California*, de John Farrow) ■ 1947: SIMBAD, O MARUJO (*Sinbad, the Sailor*, de Richard Wallace); THE IMPERFECT LADY (de Lewis Allen); OURO NEGRO (*Black Gold*, de Phil Karlson); TYCOON (de Richard Wallace) ■ 1951: TOUROS BRAVOS (*The Brave Bulls*, de Robert Rossen); A MASCARA DO VINGADOR (*Mask of the Avenger*, de Phil Karlson) ■ 1952: VIVA ZAPATA! (*Viva Zapata!*, de Elia Kazan); O REI E O AVENTUREIRO (*The Brigand*, de Phil Karlson); O MUNDO EM SEUS BRAÇOS (*The World in His Arms*, de Raoul Walsh); AGAINST ALL FLAGS (de George Sherman) ■ 1953: CIDADE SUBMERSA (*City Beneath the Sea*, de Budd Boetticher); SEMINOLE (*Seminole*, de Budd Boetticher); A BELA E O RENEGADO (*Ride, Vaquero!*, de John Farrow); AO SUL DE SUMATRA (*East of Sumatra*, de Budd Boetticher); SANGUE DA TERRA (*Blowing Wild*, de Hugo Fregonese); ULISSES (*Ulysses*, de Mario Camerini); CAVALERIA RUSTICANA (de Carmine Gallone); DONNE PROIBITE (de Amato) ■ 1954: A ESTRADA DA VIDA (*La Strada*, de Federico Fellini); PROCURADO POR HOMICÍDIO (*The Long Walk*, de Victor Saville); ATILA (*Attila, Flagello di Dio*, de Pietro Francisci) ■ 1955: O MAGNÍFICO MATADOR (*The Magnificent Matador*, de Budd Boetticher); O SALÁRIO DO PECADO (*The Naked Street*, de Maxwell Shane); AS SETE CIDADES DO OURO (*Seven Cities of Gold*, de Robert D. Webb) ■ 1956: SEDE DE VIVER (*Lust for Life*, de Vincente Minnelli); BLEFANDO COM A MORTE (*Man from Del Rio*, de Harry Horner); ORGIA SANGRENTA (*The Wild Party*, de Harry Horner) ■ 1957: MATAR PARA VIVER (*The River's Edge*, de Allan Dwan); THE RIDE BACK (de Allen H. Miner); O CORCUNDA DE NOTRE DAME (*Notre Dame de Paris*, de Jean Delannoy); A FÚRIA DA CARNE (*Wild Is the Wind*, de George Cukor) ■ 1958: QUANDO VEM A TORMENTA (*Hot Spell*, de Daniel Mann) ■ 1959: A ORQUÍDEA NEGRA (*The Black Orchid*, de Martin Ritt); MINHA VONTADE É LEI (*Warlock*, de Edward Dmytryk); DUELO DE TITÃS (*The Last Train from Gun Hill*, de John Sturges) ■ 1960: O PISTOLEIRO E A BELA AVENTUREIRA (*Heller in Pink Tights*, de George Cukor); RETRATO EM NEGRO (*Portrait in Black*, de Michael Gordon); SANGUE SOBRE A NEVE (*Savage Innocents*, de Nicholas Ray) ■ 1961: OS CANHÕES DE NAVARONE (*The Guns of Navarone*, de J. Lee Thompson); BARRABÁS (*Barabbas*, de Richard Fleischer); REQUIEM PARA UM LUTADOR (*Requiem for a Heavyweight*, de Ralph Nelson); LAWRENCE DA ARÁBIA (*Lawrence of Arabia*, de David Lean) ■ 1964: A VOZ DO SANGUE (*Behold a Pale Horse*, de Fred Zinnemann); A VISITA (*Der Besuch*, de Bernhard Wicki); ZORBA, O GREGO (*Zorba, the Greek*, de Michael Cacoyannis) ■ 1965: VENDEVAL NA JAMAICA (*A High Wind in Jamaica*, de Alexander Mackendrick) ■ 1966: LA FABULEUSE AVENTURE DE MARCO POLO OU MARCO THE MAGNIFICENT (de Denys De La Patellière e Noel Howard); A PATRULHA DA ESPERANÇA (*Lost Command*, de Mark Robson) ■ 1967: A 25ª HORA (*La 25eme Heure*, de Henri Verneuil); ACONTECE CADA COISA (*The Happening*, de Elliot Silverstein); O HERÓICO LOBO DO MAR (*The Rover*, de Terence Young) ■ 1968: OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN (*Guns for San Sebastian*, de Henry Verneuil); AS SANDÁLIAS DO PESCADOR (*The Shoes of the Fisherman*, de Michael Anderson); O MAGO (*The Magus*, de Guy Green) ■ 1969: O SEGREDO DE SANTA VITÓRIA (*The Secret of Santa Vittoria*, de Stanley Kramer); UM SONHO DE REIS (*A Dream of Kings*, de Daniel Mann) ■ 1970: CAMINHANDO SOB A CHUVA DA PRIMAVERA (*A Walk in the Spring Rain*, de Guy Green); R.P.M. (*R.P.M.*, de Stanley Kramer); FÚRIA AUDACIOSA (*Flap ou The Last Warrior*, de Carol Reed); KING — A FILMED RECORD... MONTGOMERY TO MEMPHIS (de Sidney Lumet e Joseph Mankiewicz) ■ 1971: THE CITY (de Daniel Petrie, feito para a TV) ■ 1972: A MAFIA NUNCA PERDOA (*Across 110th Street*, de Barry Shear) ■ 1973: RÁPIDOS, BRUTOS E MORTAIS (*Los Amigos*, de Paolo Cavara); A MORTE DO CHEFÃO* (*The Don Is Dead*, de Richard Fleischer) ■ 1974: CONTRATO EM MARSELHA (*The Marseilles Contract ou The Destroyers*, de Robert Parrish) ■ 1976: A HERANÇA DOS FERRAMONTI (*L'Eredità Ferramonti*, de Mauro Bolognini); UM BLEFE DE MESTRE* (*Bluff — Storie di Truffe e di Imbroglioni*, de Sergio Corbucci); OS TIGRES NÃO CHORAM (*Tigers Don't Cry*, de Peter Collinson); MOHAMMAD, MESSENGER OF GOD (de Moustapha Akkad) ■ 1978: O MAGNATA GREGO (*The Greek Tycoon*, de J. Lee Thompson); CARAVANS (de James Fargo); THE CHILDREN OF SANCHEZ (de Hall Bartlett) ■ 1979: PASSAGEIROS EM PERIGO (*The Passage*, de J. Lee Thompson) ■ 1981: ALTO RISCO (*High Risk*, de Stewart Raffill); LION OF THE DESERT (de Moustapha Akkad); THE CON ARTISTS (de Sergio Corbucci); THE SALAMANDER (de Peter Zinner) ■ 1983: VALENTINA (de Betancor) ■ 1988: STRADIVARI (de Giacomo Battilato, para a TV)

FRANCIS FORD COPPOLA

Nascido a 7 de abril de 1939 em Detroit, Michigan.



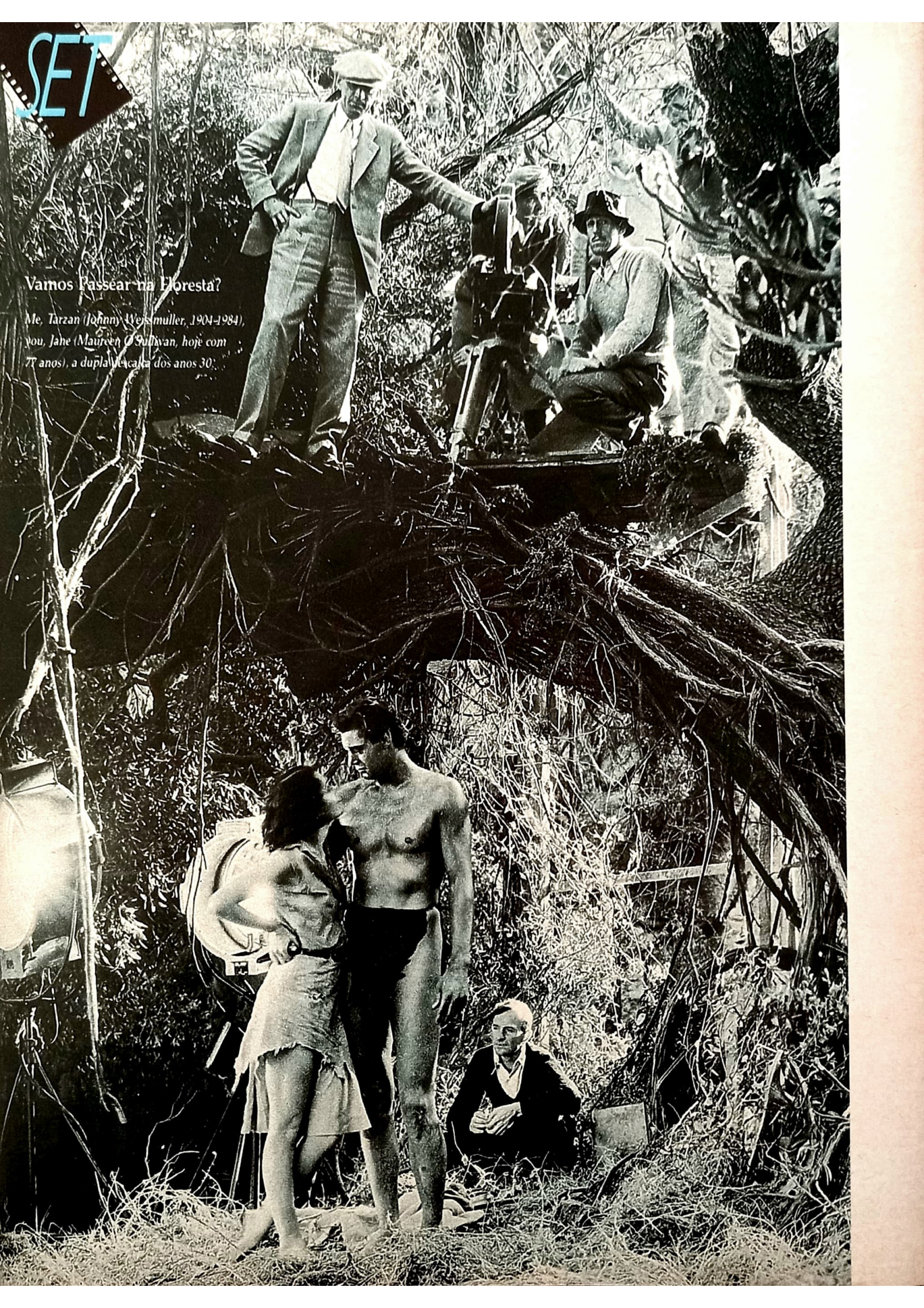
1960: AYMON THE TERRIBLE (curta-metragem); THE PEEPER (curta); OS AMANTES DO NUDISMO (*Tonight's for Sure*, curta); THE BELT GIRL AND THE PLAYBOY (curta) ■ 1962: DEMÊNCIA 13 (*Dementia 13*) ■ 1967: AGORA VOCÊ É UM HOMEM (*You're a Big Boy Now*) ■ 1968: O CAMINHO DO ARCO-IRIS (*Finian's Rainbow*) ■ 1969: CAMINHOS MAL TRAÇADOS (*The Rain People*) ■ 1972: O PODE-ROSO CHEFÃO* (*The Godfather*) ■ 1974: A CONVERSACÃO* (*The Conversation*); O PODEROSO CHEFÃO II* (*The Godfather Part II*) ■ 1979: APOCALIPSE* (*Apocalypse Now*) ■ 1982: O FUNDO DO CORAÇÃO (*One from the Heart*) ■ 1983: VÍDAS SEM RUMO (*Outsiders*); O SELVAGEM DA MOTOCICLETA (*Rumble Fish*) ■ 1984: COTTON CLUB (*The Cotton Club*) ■ 1985: RIP VAN WINKLE ■ 1986: PEGGY SUE, SEU PASSADO A ESPERA (*Peggy Sue Got Married*) ■ 1987: JARDINS DE PEDRA (*Gardens of Stone*) ■ 1988: TUCKER: UM HOMEM E SEU SONHO (*Tucker: the Man and His Dream*)

ROBERT ZEMECKIS

Nascido em 1952 em Chicago, Illinois.

1978: FEBRE DE JUVENTUDE (*I Wanna Hold Your Hand*) ■ 1980: CARROS USADOS (*Used Cars*) ■ 1984: TUDO POR UMA ESMERALDA (*Romancing the Stone*) ■ 1985: DE VOLTA PARA O FUTURO* (*Back to the Future*) ■ 1986: O CASTIGO OU ALUNO EXCELENTE (*Go to the Head of the Class*, episódio do longa CONTOS ASSOMBROSOS — lançado em vídeo como HISTÓRIAS MARAVILHOSAS* (*Amazing Stories*) ■ 1988: UMA CILADA PARA ROGER RABBIT (*Who Framed Roger Rabbit?*)

* Disponível em vídeo



Vamos Passear na Floresta?

Me, Tarzan (Johnny Weissmuller, 1904-1984),
you, Jane (Maureen O'Sullivan, hoje com
77 anos), a dupla que caiu dos anos 30.

Um bom som no carro melhora a vida de qualquer pessoa. Para levar esse conforto ao máximo, a Philips criou o Philips Car Stereo, um combinado autorádio/toca-fitas Full Digital PLL-Quartz com benefícios exclusivos como o Autostore, que sintoniza e memoriza a um só toque as 5 emissoras de melhor sinal na sua região, além de 10 memórias programáveis para suas emissoras prediletas em AM ou FM e o controle remoto, que permite ligar e sintonizar o aparelho sem desviar a atenção do volante.

Desenvolver tecnologia de ponta e colocar sua vasta experiência a serviço do seu conforto é uma permanente preocupação da Philips. Outra demonstração disto é o novo Philishave recarregável. Com ele você não precisa



Philips. Mudando o conceito de conforto.



mais ficar preso a um fio para fazer a barba. A sua bateria permite fazer até 20 barbas e, quando chega a hora de recarregar, as luzinhas vermelhas avisam você. Aí é só ligar o aparelho à corrente elétrica e você ganha mais três semanas de liberdade para fazer a barba no carro, no escritório, onde quiser.

Aumentar o conforto e melhorar

constantemente seus produtos faz parte do comportamento inovador da Philips.

Philips.
Produtos de última geração.

Patrocinador Oficial dos
Jogos Olímpicos de 1988.



PHILIPS

GRANDES



EMOÇÕES



**Um dossier
Arrasador!**
(O Estado de S. Paulo)

UM FILME DE

costa gavras

Seção Especial de Justiça

